

COVA DA MOURA BAIRRO "HISTÓRICO" EM EVOLUÇÃO

**COVA DA MOURA**  
BAIRRO "HISTÓRICO" EM EVOLUÇÃO



**MARCO ANTÓNIO DA SILVA GODINHO**  
DISSERTAÇÃO DE Mestrado em ARQUITECTURA  
Sob orientação do Professor Doutor João Paulo Cardielos  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
DEZEMBRO 2010

**COVA DA MOURA**



**BAIRRO “HISTÓRICO” EM EVOLUÇÃO**

## Agradecimentos:

Ao Prof. João Paulo Cardielos pela orientação atenta e perspicaz do meu trabalho e por me ajudar a perceber o potencial do tema abordado.

Ao Heidir Correia e à Godelieve Meersschaert, pela simpatia e disponibilidade e por me ajudarem a perceber o que é a vida no bairro.

À Dr<sup>a</sup> Paula Guimarães da Câmara Municipal da Amadora, que me facilitou o acesso a diversos documentos fundamentais para o trabalho.

Aos funcionários da Biblioteca do Darq e da FA-UTL que se revelaram sempre prestáveis e simpáticos no seu inestimável contributo ao trabalho.

Aos meus pais e ao Nelson, pelo apoio incondicional e por serem os meus melhores amigos. Sem vocês, isto não era possível.

À Diana, pela cumplicidade, paciência e inspiração.

A todos os amigos e colegas que encontrei em Coimbra e em Lisboa que de um modo ou outro moldaram o meu percurso académico e pessoal.

Este trabalho é, à semelhança do Bairro que analisa, produto de um processo de “Djunta Mó”. A todos os que contribuíram para a sua construção o meu Muito Obrigado.

# Índice

Introdução	3
Contexto Histórico do Bairro	11
Caracterização da matriz socio-espacial como elemento de definição da matriz urbana: o quarteirão africano e o quarteirão europeu	21
Caracterização Espacial do Bairro	49
Casos de Estudo	57
Caso de Estudo 1	57
Caso de Estudo 2	61
Caso de Estudo 3	63
Caso de Estudo 4	65
Caso de Estudo 5	69
Caso de Estudo 6	71
Que caminhos para a requalificação?	75
O que está a ser feito nos PALOP - a auto-construção assistida como alternativa	109
Conclusão	117
Referências Bibliográficas	125
Anexos	146



## Introdução

O presente estudo surge em sequência do trabalho elaborado na cadeira de Projecto V, onde a área de intervenção compreendia o Bairro do Alto da Cova da Moura e a sua relação com a envolvente urbana próxima (Buraca e Damaia), com o objectivo de requalificar urbanisticamente o local.

Trata-se de um caso de estudo de enorme delicadeza e complexidade, pois a sua requalificação envolve campos de intervenção legais, administrativos, culturais, sociais e está a ser presentemente alvo de uma intervenção pela Iniciativa Bairros Críticos, algo inovadora em Portugal com uma abordagem mais dialogante com os actores locais e pela desejada articulação com os parceiros da Administração Central. Pareceu-me desde logo assim um caso de estudo interessante, com múltiplos ângulos de abordagem temáticos.

Uma questão levantada no trabalho relacionava-se com o carácter aparentemente fechado do bairro e o modo como isso afectaria a sua integração com o meio urbano envolvente. Mas mais importante ainda, será possível e desejável a compatibilização de uma abordagem de integração com uma filosofia de respeito pelo passado cultural dos habitantes do bairro?

Até que ponto a auto-construção da casa é um acto cultural?

Num bairro que se apresenta como multi-étnico, que diferentes manifestações culturais podemos encontrar associadas ao universo construído?



São questões que pertencem, por um lado, ao domínio da arquitectura e do urbanismo, mas que pertencem de igual modo ao domínio das ciências sociais e que, num mundo onde a mobilidade está na ordem do dia, são da maior pertinência. É nessa componente de análise das referências culturais cabo-verdianas e na sua comparação com a realidade do caso de estudo que está a tónica central deste trabalho. Um dos objectivos a atingir é o de perceber em que medida isso afecta a dinâmica social e a matriz habitacional, e urbana, do bairro e entender o peso que outras culturas podem ter no caso de estudo, ao mesmo tempo que se analisam outros factores que contribuíram para que o bairro se estruturasse do modo com que se apresenta hoje em dia.

Desse modo, foi elaborado um estudo sobre o modo de vida e a cultura construtiva dos PALOP's mais influentes no bairro com especial incidência em Cabo-Verde. Daí retiram-se conclusões sobre os aspectos do modo de habitar o espaço doméstico e a rua, e a sua conseqüente relação com o que se vai passar com Lisboa, no bairro em estudo. O objectivo será também o de compreender que importância real tem a auto-construção para estas pessoas e perceber se a habitação evolutiva é um produto da necessidade do utilizador, ou se é motivado por factores económicos, culturais, ou por simples limitações físicas do espaço encontrado na Cova da Moura.

É importante caracterizar o bairro à luz dos anos 60 e 70, sobretudo, pois é desse tempo que nos é dado o principal testemunho do bairro, apontando o fim da ocupação colonial e marcando o início de um conjunto de mobilidades que ainda hoje ali têm lugar. Desse modo consegue-se contextualizar a actividade construtiva e justificar algumas opções tomadas pelos moradores, que parecem diferir de uns quarteirões para outros. O trabalho visa apontar essas diferenças, ajudando a criar um mapa social e cultural do bairro por intermédio da arquitectura.

Torna-se também fundamental analisar a Iniciativa Bairros Críticos como solução apontada pela Administração Central, à luz dos problemas concretos que este bairro coloca, pois este programa intervém sobre três bairros de diferentes características. Procura-se saber em que medida deve esta intervenção



ser diferente das demais, e determinar se a Cova da Moura é passível de ser considerado um bairro com valor histórico ou um elemento urbano que marca uma era em Portugal.

Relativamente a este tópico, entenda-se a definição de “história” de uma perspectiva da sua construção por intermédio da arquitectura e não o sentido das convenções definidas pelos historiadores. A referência do bairro enquanto história procura discriminar se existe um legado cultural específico e um retrato de dado momento da história portuguesa, que poderá ou não ser ancorada e validada pelas vivências no bairro. Trata-se de ver a história com outros olhos, da percepção da comunidade residente e daquilo que esta representa.

A questão da habitação evolutiva marca de modo inquestionável o bairro, mas será ainda hoje praticada, tendo em conta que está a ser levada a efeito uma intervenção por parte da Iniciativa Bairros Críticos? Em que medida é que podem interferir uma com a outra, na definição de uma política urbana qualificada?

Do ponto de vista metodológico, torna-se necessário o recurso a diversas ferramentas de análise que foram incorporadas no trabalho. Numa primeira instância foi necessário obter da parte da Câmara Municipal da Amadora os Relatórios da Iniciativa Bairros Críticos de modo a perceber diversos indicadores estatísticos sociais e demográficos que ajudaram a construir o mapa social da Cova da Moura.

Efectuaram-se entrevistas a dois moradores e representantes da Associação Cultural Moinho da Juventude para o esclarecimento de dúvidas que os números não permitiam obter, dada a proximidade destes actores locais com a realidade do bairro e pela sua vivência dessa história em construção.

Na abordagem à habitação do bairro, utilizou-se documentação gráfica prévia e procedeu-se, quando estas existiam, á análise das suas evoluções por intermédio a diversas visitas ao bairro, que permitiram também analisar a sua estrutura urbana. Foi registado *a posteriori* o conjunto de evoluções verificadas no trabalho.



A análise do estado da arte divide-se fundamentalmente em dois momentos: o primeiro debruçou-se sobre o estudo da habitação da Macaronésia para perceber referências e influências desta no bairro, a segunda fase consistiu na leitura de múltiplas reflexões sobre a política de realojamento social em Portugal. São tomadas também em consideração as comunicações do CIHEL-Congresso Internacional de Habitação no Espaço Lusófono para entender as iniciativas dos PALOP no âmbito do realojamento social para perceber que soluções estão disponíveis para o bairro.

Para cumprir estes objectivos, este trabalho propõe-se a cruzar os dados da história documentada do bairro com alguns dados estatísticos. Propõe-se interpretar entrevistas a elementos das Associações locais para perceber, em primeira instância, o que motivou o aparecimento da presente estrutura urbana do bairro e a sua morfologia. Com o cruzamento destes, com o acesso aos dados dos relatórios da Iniciativa Bairros Críticos, se irá perceber de que modo as medidas da Administração Central respondem às aspirações dos moradores. Com o recurso à análise de processos anteriores de realojamento de imigrantes e dos resultados obtidos, procura-se perceber o nível de satisfação que tem sido alcançado, gerando um quadro completo do que se pode evitar, num cenário de requalificação deste bairro tão particular.

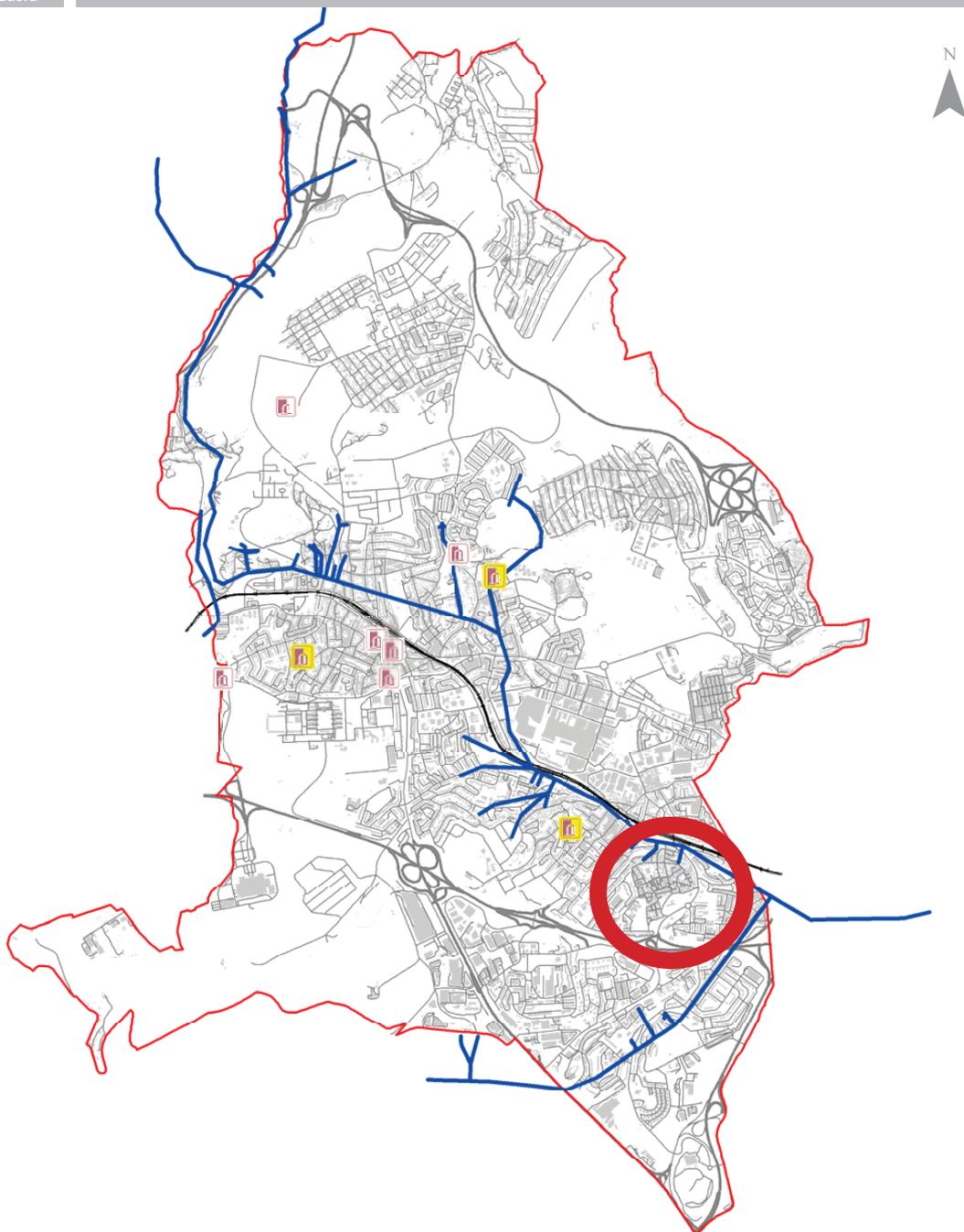
Através do estudo de seis edifícios de habitação localizados em diferentes sectores do bairro iremos compreender o que distingue cada um deles, e se é verificado ou não uma evolução galopante nestes casos de estudo.



Câmara Municipal  
da Amadora

## Carta do Património Arquitectónico e Arqueológico

Departamento de Administração Urbanística - Gabinete de Sistema de Informação Geográfica



Património:

— Aqueduto das Águas Livres

 Classificado

 Em Vias de Classificação

Fonte: DAU/SIG, 2006

0 200 400 800 Metros

Fig.1| Planta da Amadora com a localização do bairro

## Contexto Histórico do Bairro

O Bairro do Alto da Cova da Moura situa-se na área Este do concelho da Amadora, numa zona de grande proximidade a Benfica (Lisboa), dividindo-se administrativamente entre as freguesias da Damaia e da Buraca, sendo uma maior porção do seu território localizado nesta última. A caracterização topográfica revela-se de um declive acentuado. «Geologicamente o terreno onde se implanta o bairro faz parte do complexo vulcânico de Lisboa, formando um pequeno planalto de boa exposição a sul e grandes inclinações a Norte e a Nascente»<sup>1</sup>

A área em estudo compreende cerca de 16.5 hectares e está delimitada por importantes eixos de circulação rodoviária, como o IC 19, que passa a sul do bairro e por um estruturante eixo ferroviário, que conecta Sintra a Lisboa, conhecido como Linha de Sintra.

Remontam à década de 60 os primeiros registos de habitantes residentes na área provenientes de diversas partes do país, para quem a nova localização servia particularmente bem à manutenção da actividade agrícola de subsistência – o cultivo do trigo - desenvolvida no local e nas respectivas imediações, que constituía na altura a sua principal fonte de sustento e de rendimentos.<sup>2</sup> A presença de uma pedreira marca também a outra actividade económica existente no terreno da antiga Quinta do Outeiro, que proporcionou também pequenas

1 Relatório «Cova da Moura», Trabalho efectuado pelos Serviços de Planeamento Urbanístico e Serviços Municipais de Habitação da Câmara Municipal da Amadora, 1983

2 Iniciativa Bairros Críticos, volume I – Diagnóstico ,Operação Cova da Moura, *Caracterização Urbanística e Acessibilidades* , LISBOA, Julho de 2006, p. 4



■ Quinta do outeiro

Fig.2| Vista de satélite do Bairro do Alto da Cova da Moura

hortas associadas às novas construções e aos novos habitantes.

Acredita-se que o nome Cova da Moura se deve à associação do buraco causado pela pedreira existente na quinta e à família Moura, que habitava nas proximidades da pedreira. A pedreira, por esta altura já se encontraria desactivada.<sup>3</sup>

As construções de abrigo destes habitantes, vindos ou fugindo da escassez e pobreza da província, eram barracas em madeira.

Terá sido só na década de 70 que se vai verificar um maior fluxo habitacional na Cova da Moura, devendo-se principalmente aos retornados das ex-colónias (vindos sobretudo de Angola e Moçambique) a quem se juntaram mais trabalhadores rurais provenientes do norte do país. Com a impossibilidade de conseguir alojamento em Lisboa, dada a forte especulação imobiliária, fruto de uma grande procura, os retornados e os trabalhadores rurais deslocam-se para as periferias urbanas da cidade, sendo a Amadora um dos destinos mais procurados.

O terreno começa a ser ocupado junto das principais acessibilidades e assiste-se a uma ocupação de proporções bem distintas, tendo em consideração que até á data habitariam naqueles terrenos cerca de apenas 360 pessoas. Estes novos moradores pagam à «comunidade agrícola» para a libertação de alguns terrenos, junto às zonas de melhor acessibilidade. Entre 70 a 74, deixava-se construir pois admitia-se a necessidade da força do trabalho mas, de seguida, cobrava-se multa, daí se ter cunhado o termo «construir à malta».<sup>4</sup>

Ao mesmo tempo observa-se a fixação no bairro, de emigrantes de origem africana, oriundos de vários PALOP como Angola, Moçambique e S.Tomé e Príncipe mas ,com especial incidência, de Cabo Verde, de onde provinha a maior massa imigrante. Nesta fase constroem-se de modo informal uma série de habitações de piso térreo sem qualquer expressão ou presença vertical. Na década

---

3 Iniciativa Bairros Críticos, volume I – Diagnóstico ,Operação Cova da Moura, Localização e Enquadramento Histórico», LISBOA, Julho de 2006, p. 2

4 BAPTISTA, Fernanda Manuela Morais -*Paisagens Espontâneas e o desejo por novas formas de habitar: O Desafio dos Bairros Clandestinos*, 2001, p. 27

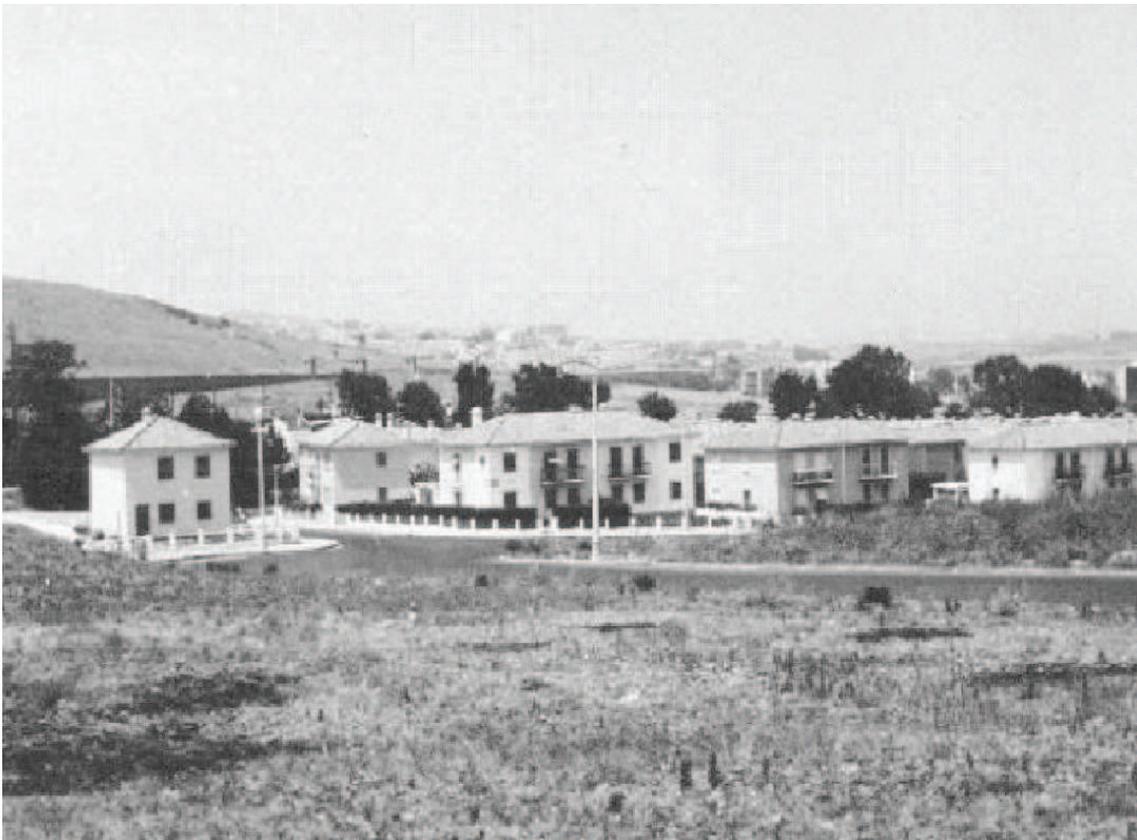


Fig.3| O terreno do Alto da Cova da Moura nos anos 50

seguinte, no contexto da pós-descolonização e com as oportunidades criadas por via das redes sociais dos imigrantes já estabelecidos no bairro, intensifica-se a presença de imigrantes dos PALOP nestes terrenos em habitações precárias que ao longo dos anos vão sofrer mudanças graduais no sentido de melhorar as suas condições infra-estruturais e de conforto.

A rápida passagem de informação sobre o bairro dá origem a uma intensificação da construção e ao desordenamento da mesma. Inicialmente as habitações são em madeira e só mais tarde em alvenaria de tijolo, com cérceas entre os dois e os três pisos. Os novos habitantes desta fase tiveram de se contentar com o espaço disponível, ficando assim com os piores acessos e a pior incidência solar.

Se no início o sistema de recolha de água era feito ao jeito rural, através de uma fonte, eventualmente esta terá chegado a todas as casas ao longo dos anos 80. É nesta altura que se introduz a rede de saneamento básico, a iluminação pública e o relativo afastamento das vias principais, havendo uma maior preocupação com o bairro, e com o seu espaço público. Entre 1985 e 1986 constroem-se as últimas casas de raiz no bairro.<sup>5</sup> A partir desta altura verifica-se contudo que a auto-construção aplicada à habitação evolutiva, se mantém em grande actividade, mas agora na vertical, com o acrescento de pisos sobre as estruturas já existentes. Isto deve-se à saturação de construção no espaço térreo e a um aproveitamento sistemático da elevada procura para criar uma espécie de rede de «pensões informais». Esta, consiste num mercado de arrendamento de quartos a trabalhadores imigrantes (sobretudo homens) em partes das casas, existindo um mercado informal extremamente activo que incorpora uma importante componente especulativa. Isto traduziu-se não só em problemas para os inquilinos, mas também numa garantia de estabilidade económica para as famílias dos locatários, que tem repercussões sociais positivas.

Em simultâneo, surgiu um maior controlo de irregularidades na construção por parte de actores locais que foram entretanto aparecendo no bairro. Um dos principais actores locais surgiu em 1978, quando se constituiu a Comissão

---

5 Entrevista com Godelieve Meersschaert realizada a 4 de Novembro de 2010



de Moradores, que controla e apoia na construção de casas e define regras de ocupação de espaço. As construções precárias vão ficando assim com um edificado mais consolidado e uma malha urbana mais consistente.

Os anos 80 e 90 observam um aumento gradual de residentes no bairro com a vinda de trabalhadores provenientes da Europa do Leste. No final dos anos 90 é também possível registar a presença de alguns habitantes provenientes do Brasil, consolidando o estatuto multi-cultural que é reconhecido ao bairro da Cova da Moura. A sua implantação no bairro é feita sobretudo no mercado de arrendamento, confirmando o bairro como uma das grandes portas à imigração, legal e clandestina, no nosso país.

No decurso deste passado de construção clandestina surgiu, por diversas vezes, a possibilidade da demolição do bairro. Presentemente, a Câmara Municipal da Amadora, por intermédio da Iniciativa Bairros Críticos, que arrancou em 2005, estuda alternativas à sua demolição. A requalificação do edificado existente, com a participação dos actores locais numa colaboração com um Gabinete de Apoio Técnico, é assim uma das medidas que começa a ter expressão em pequenas obras nas ruas, tendo já arrancado em Setembro de 2010.



Cronologia do bairro:

Ano	Evolução da ocupação do terreno
1960	-Existência de barracas de madeira dispersas  -Dois núcleos:um junto à Quinta do Outeiro com antigos trabalhadores da quinta a quem foi permitido construir, outro junto à actual Av. República
1974	-Principal desenvolvimento do bairro: no início em zonas de ocupação rural, barracas com pequenas hortas e barracas amontoadas
1975/76	-A Câmara Municipal de Oeiras iniciou a operação de análise da situação  -Grande surto de ocupação de terrenos com a chegada dos retornados das ex-colónias seguida de chegada de cabo-verdianos e começam a surgir a casa de alvenaria unifamiliar ou plurifamiliar
1977	-Inicia-se a colocação de energia eléctrica  -1 de Setembro: a Câmara Municipal de Oeiras deliberou a recuperação das construções
1978	-Forma-se a 1ª Comissão de Moradores composta maioritariamente por população originária das ex-colónias
1979	-Redes de água e esgotos (concluídas em 1986)
1981	-28 de Outubro: Reunião da C.M.A deliberou a execução do Relatório Preliminar no âmbito do disposto no articulado do D.L. 804/76, de 6 de Novembro.
1982	-8 de Setembro: informação do SPU propõe a expropriação do terreno por utilidade pública e contactos com a Fazenda Nacional, de molde a negociar a aquisição ou cedência do terreno, a 5 de Novembro: a C.M.A. requer ao Governo a posse administrativa do prédio localizado na Cova da Moura - com 11,1 hectares
1982/83	-De Outubro a Março de 1983:Elaboração do Relatório – Constituído por um diagnóstico de superfície edificada, e por um inquérito sócio-económico



Fig.4| Estado de conservação do edificado

## **Caracterização Historico-Social do bairro como elemento de definição da matriz urbana: o quarteirão africano e o quarteirão europeu**

Dado o carácter multicultural do bairro, um dos desafios será o de investigar que tipo de influência tem cada uma destas culturas no modo de construir o bairro. Importa fazê-lo quanto ao desenho do espaço doméstico e também na relação que este estabelece com o espaço de rua. Assim, é essencial determinar em que medida a implantação de cada uma destas comunidades teve impacto na construção material do bairro, e que grupos estão inseridos no mercado interno do arrendamento.

Segundo Godelieve Meersschaert<sup>6</sup>, em 1985/1986 pararam as novas construções de raiz. A partir desse período houve um incremento de actividade construtiva evolutiva, a partir das casas existentes, sobretudo na vertical com o acréscimo de mais pisos.

Os imigrantes angolanos deslocam-se para a Cova da Moura sobretudo no final da década de 80 e no início dos anos 90, não tendo assim grande impacto cultural visível na construção. Eles vieram habitar regularmente extensões de casas já existentes, em regime de sub-arrendamento. Presentemente, a implantação de angolanos no bairro não é particularmente expressiva, podendo dizer-se o mesmo de guineenses e moçambicanos. Heidir Correia<sup>7</sup> refere antes que os são-tomenses existem em maior número, no bairro, que os indivíduos

6 Em entrevista na Associação Moinho da Juventude a 4 de Novembro de 2010

7 Em entrevista na Associação Moinho da Juventude a 4 de Novembro de 2010



Área de implantação de angolanos e santomenses

Fig.5| Sector de Implantação de Angolanos e Santomenses

provenientes dos outros PALOP, referidos na conversa. Evidencia-se, contudo, de modo claro, uma expressão cultural cabo-verdiana que será sem dúvida a dominante. Os moradores novos, de outras proveniências, assimilam as referências da cultura dominante, no momento em que se instalam no bairro, a partir da segunda metade da década de 80. Verifica-se assim que os constrangimentos espaciais serão um factor fundamental na redução deste fenómeno de agregação de múltiplas expressões culturais, se naturalmente apareceria associada aos diferentes grupos.

Num dos estudos de caracterização e diagnóstico do Bairro do Alto da Cova da Moura<sup>8</sup>, a distribuição dos indivíduos segundo a naturalidade assume uma expressão espacial importante, verificando-se esta situação ao nível do “quarteirão”, o que revela a procura de uma estratégia de proximidade em relação às pessoas da mesma origem, baseada nas redes familiares e de amizade, na cultura e na língua, como factores de aglutinação. Assim, para além de uma predominância de indivíduos de naturalidade portuguesa na área norte do bairro - o espaço de ocupação mais antigo - é visível a concentração de população angolana e santomense ao longo de dois eixos – a Rua do Moinho, a Rua da Palmeira e a Rua do Alecrim– enquanto que a distribuição cabo-verdiana tende a ser mais uniforme pelo resto do bairro.

Quando questionados sobre se existiria algum tipo de sectorização do bairro por países de origem (ex: se haveria uma rua de santomenses, outra de angolanos, etc.), Godelieve revela que as ruas foram assumindo os nomes dos habitantes originais mas que, na maior parte dos casos, já não existe grande confinamento por sectores dos moradores provenientes dos PALOP. Heidir nota que os «moradores de S. Vicente encontram-se na rua de S. Vicente e que moradores de Sto. Antão residem na rua de Sto. Antão», mas que isso não afecta de modo visível a dinâmica do bairro. Pode-se falar em identidade africana e não tanto na individualização de características culturais dos países de origem dos residentes. Se a ocupação inicial determina o posicionamento do bairro, isso não determina as redes sociais geradas no bairro de modo significativo, sendo

8 Iniciativa Bairros Críticos, volume I – Diagnóstico ,Operação Cova da Moura, *Dimensão Sócio -Demográfica*, 2006,p.5



Fig.6| Exemplo de quarteirão africano

reforçados os elos comuns em vez dos elementos potencialmente diferentes.

Se por um lado parece evidenciar-se a mistura de referências culturais sobre um predomínio da cultura cabo-verdiana, pode-se estabelecer contudo uma diferenciação dentro do bairro entre os retornados e os imigrantes. Godelieve refere que existem fundamentalmente dois quarteirões: o quarteirão europeu - a norte do bairro perto da estação dos comboios- e o quarteirão africano -este é o que aparece mais<sup>9</sup>. Esta será a única manifestação de diferença cultural que tem expressão construída no bairro.

Se o quarteirão africano tem na sua génese a construção somente em piso térreo, que, mais tarde, tenderia a posteriores adições e evoluções, e contempla de maneira geral utilizadores de diversos PALOP, o quarteirão europeu desenvolve-se com uma estrutura organizativa diferente, pois não houve constrangimentos espaciais colocados aos moradores deste sector, visto que foram os primeiros do bairro. Os portugueses retornados dos PALOP encontraram na zona norte do bairro um local para se estabelecerem, livres da especulação imobiliária de que estava a ser alvo o centro de Lisboa.<sup>10</sup>

Este quarteirão europeu constitui o sector mais abastado da Cova da Moura. Aí é possível observar uma estrutura urbana mais consolidada e passível de ser confundida com uma rua de zona rural, onde as casas têm um aspecto mais acabado. Não existem indicadores evidentes de que as casas estejam ainda a ser trabalhadas e um dos principais indicadores desta situação são as suas coberturas. Se no quarteirão africano, tendencialmente, as coberturas são planas para não invalidar futuras evoluções construtivas, na vertical, nesta área as coberturas são em telha, o que sugere que a evolução estagnou, ou pelo menos está controlada.

Ainda que a habitação evolutiva possa ser uma realidade também na zona norte do bairro, a diferença é que esta não se faz em prejuízo do espaço público,

---

9 Também documentado no Boletim da Câmara Municipal da Amadora nos Anexos

10 CARDOSO, Ana e PIMENTA, Manuel, *A pobreza nos bairros degradados de Lisboa: alguns elementos de caracterização*, LISBOA, Sociedade e Território 10\11, 1989, p.13



Fig.7|Rua do Vale, sector dos quarteirões europeus

Fig.8| Rua da Palmeira, sector dos quarteirões europeus

pois é feita dentro de espaços claramente delimitados por muros, que traçam a fronteira entre a rua e o espaço destinado ao quintal de cada morador.

Existe também no quarteirão europeu um aparente entendimento do que deve ser o limite de construção vertical, pois todas as empenas apresentam sensivelmente a mesma altura nas ruas que compõem este sector do bairro. É possível assim inferir que existe uma fronteira muito mais clara entre espaço público e privado ao analisar as habitações dos retornados por oposição ao quarteirão africano onde a apropriação do espaço público por parte dos habitantes conduz a permanentes irregularidades que se reflectem na gestão deste sector.

As casas dos retornados foram construídas de modo faseado, conforme a disponibilidade financeira do proprietário e o seu acesso aos materiais - alguns terão sido comprados, outros excedentes de uma obra vizinha ou até fornecidos por membros da sua rede social ligados à construção civil. A mão-de-obra assenta muitas vezes na prestação da família e dos amigos. Por norma a finalização da construção não é determinada à partida, e vai sendo sujeita a alterações e acrescentos progressivos consoante objectivos, as dificuldades e as necessidades familiares.

Ao observar os diferentes tipos habitacionais é possível ver casas que remetem para modelos de referência de casas modernas de zonas rurais, sobretudo no centro e norte do país. Estas referências misturam-se com as que são recolhidas nos respectivos percursos de vida. Por norma a casa tem dois pisos e, por vezes, num dos pisos instala-se um filho casado, ou um inquilino. Nestes casos, os pisos tornam-se independentes por via de um acesso exterior, em escada, situação que encontra paralelo no quarteirão africano.

No piso térreo encontra-se muitas vezes uma loja ou uma pequena oficina, enquanto que o piso superior se destina à habitação. Estas casas são implementadas no meio do lote, geralmente rodeadas por jardins ou canteiros, sendo comum a existência de uma árvore de fruto ou uma pequena horta. Frequentemente é também visível a presença de uma garagem no acesso ao espaço exterior.



Fig.9| Sector do quarteirão europeu

No que diz respeito ao desenho de fachada, caracterizam-se normalmente pela presença de amplas janelas que vão corresponder às divisões principais e fenestraçãoes de tamanho mais reduzido destinados a iluminar uma casa de banho ou uma arrecadação. Estas surgem com diferentes formas nos vãos, diferentes materiais e diferentes elementos decorativos. O contacto com uma zona exterior por via de varandas e/ou marquises, é também muito frequente nas casas dos retornados. Contrariamente às habitações do quarteirão africano caracterizadas por uma grande variedade de materiais, o revestimento de fachadas é normalmente feito somente através de reboco e pintura, não se registando uma qualquer padronização cromática.

Na caracterização visual das janelas verifica-se que os peitoris são em pedra, sendo esta a disponível na altura de construção<sup>11</sup>, os estores são em plástico e as guardas das varandas em ferro pintado. A cobertura é geralmente um telhado de duas águas, utilizando telha industrial vermelha.

Ao nível da configuração do espaço interior, assiste-se à distribuição do espaço a partir de um hall de entrada e de um corredor central que faz a ligação entre a entrada da casa e a restantes divisões. Estas são normalmente amplas, existindo dois ou três quartos, sala de estar e por vezes de jantar, cozinha e uma ou duas casas de banho em proporção com o restante espaço doméstico. Ao nível do dimensionamento, é bastante claro que as divisões são bem mais amplas que os espaços análogos do quarteirão africano.

A existência de uma cozinha no piso habitacional é muito comum, embora se encontre frequentemente uma segunda cozinha ao pé da oficina - nos casos onde esta existe - funcionando como apoio à área de trabalho. No caso de a casa constituir dois pisos independentes cada piso tem, naturalmente, a sua própria cozinha. Isto sucede quando um dos pisos é cedido a um filho ou é arrendado a terceiros. A sala de estar tem muitas vezes um canto reservado para a área de refeições, embora também existam exemplos onde há uma sala de jantar independente - usada em datas festivas, para a família se reunir.

---

11 LOPES, Anaísa, *Habitar. Etnicidade. Tipos habitacionais existentes no Bairro do alto da cova da moura: caracterização e qualificação*, 2006-2007, p.30



As populações que se fixaram na Cova da Moura, de origem rural, provenientes do interior de Portugal, privilegiam a casa unifamiliar com pequeno jardim ou horta.

Para além dos moradores portugueses retornados das ex-colónias, verificamos ainda a fixação de diversos moradores do Norte do país. Estes, contudo, estão geralmente associados a um muito baixo poder económico e não se encontram na zona norte do bairro.<sup>12</sup> Estão espalhados pelos restantes quarteirões denominados de sector africano. A título de exemplo Heidir menciona a Rua Castro Daire onde se encontram muitos desses moradores. Godelieve diz que eles vieram de zonas predominantemente rurais do norte do país, à procura de emprego alternativo na capital, fixando-se entretanto na periferia urbana no concelho da Amadora, exercendo actividades profissionais pouco qualificadas, como por exemplo, empregadas de limpeza.

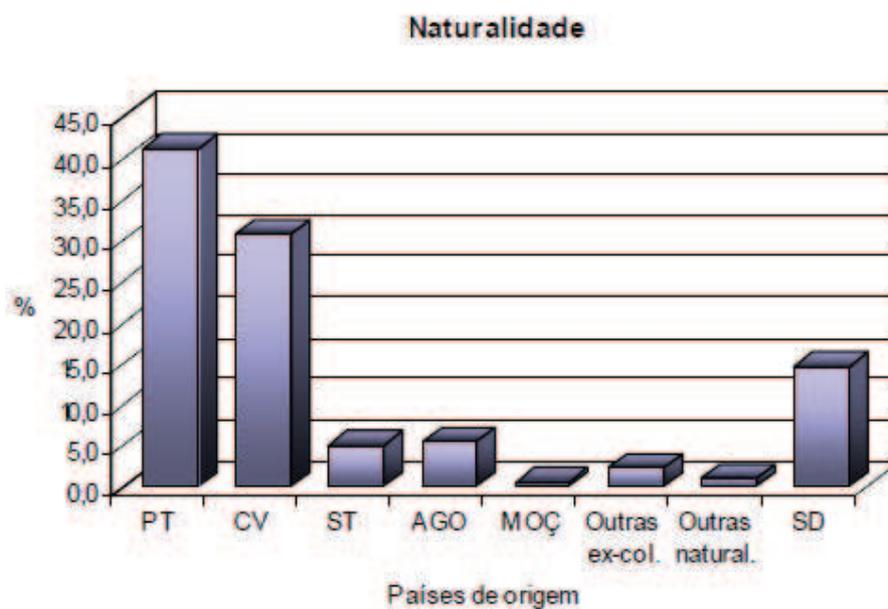
Se um segmento da população proveniente de outras zonas portuguesas marca a sua presença no território de forma diferente, outros moradores «estão mais espalhados e mais escondidos».<sup>13</sup>

Se é possível identificar estes sub-grupos entre os moradores de nacionalidade lusa, no que diz respeito ao quarteirão africano verifica-se uma maior complexidade na distinção das referências no espaço doméstico. Segundo Heidir, quando questionado sobre as diferenças ao nível dos materiais, que se podem evidenciar em relação ao que se construía em Cabo Verde, salienta que a passagem da construção em pedra para uma construção em tijolo constitui a principal alteração.

Em ambas as realidades fica claro que o «Djunta Mó» - juntar as mãos - é o lema laboral no que toca à construção, e ao reforço do sentido de comunidade. Heidir refere que «hoje precisa alguém da minha ajuda, amanhã posso ser eu a precisar» e que, independentemente da profissão - «quer seja pedreiro, ladrilhador, etc.» - todos ajudariam saindo, se preciso, da sua área de especialidade. Desta rede social de construção fazem parte familiares, amigos e vizinhos.

12 Entrevista a Godelieve Meersschaert a 4 de Novembro de 2010

13 Entrevista a Godelieve Meersschaert a 4 de Novembro de 2010



Quadro 2 - Classes etárias (%) - 2001

	Concelho da Amadora		Buraca		Damaia		Cova da Moura	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
0-4	8662	4,9	964	6,0	775	3,8	258	7,9
5-9	8482	4,8	850	5,3	768	3,7	217	6,7
10-14	9086	5,2	942	5,9	833	4,0	246	7,6
15-24	25191	14,3	2616	16,3	2724	13,2	731	22,5
25-64	99840	56,8	8812	54,9	11682	56,7	1580	48,6
» 64	24611	14,0	1877	11,7	3808	18,5	221	6,8
<b>TOTAL</b>	<b>175872</b>	<b>100,0</b>	<b>16061</b>	<b>100,0</b>	<b>20590</b>	<b>100,0</b>	<b>3253</b>	<b>100,0</b>
<b>Índ. Envelhecimento</b>	<b>93,8</b>		<b>68,1</b>		<b>160,3</b>		<b>30,7</b>	

Fonte: INE, Censos 2001.

Fig.12| Representação étnica no bairro

Fig.13| Classificação etária no bairro

Entre as acções desenvolvidas no seguimento do Djunta Mó, Heidir salienta a construção em conjunto de pequenas ruas e acessos. Esse trabalho surge, por exemplo, num conjunto de escadas e numa rampa de acesso prontamente identificados pelo processo, visível na figura em anexo.

A questão do Djunta Mó assume não só um papel de reforço social comunitário como também explica esta tendência, de generalizar o carácter africano das construções na sua globalidade, ao invés das especificidades de cada cultura, pois a união de esforços entre moradores de diferentes culturas propicia uma construção identitária do espaço doméstico, muito amalgamada.

Os dados estatísticos revelam-nos mais sobre a origem dos moradores. Em 1983, um estudo<sup>14</sup> determinou que 55% dos indivíduos da Cova eram Cabo-Verdianos, 35.8% eram nacionais, 8% eram de Angola, 0.9% do Brasil e 0.3% da Madeira. Esta caracterização corresponde a um período onde a construção de raiz ainda se fazia, e onde podemos notar que as influências cabo-verdiana e portuguesa são esmagadoras, daí haver aqui uma influência cultural maior, quando se definem tipologias construtivas.

Já em 1988, um relatório<sup>15</sup> da Cooperativa de Arquitectura e de Planeamento Urbano, C.R.L., apurou que 52.19% eram de naturalidade portuguesa e os restantes eram de naturalidade estrangeira - Cabo-Verde 27.75%, Angola 12.73%, São Tomé e Príncipe com 3.39%, Guiné-Bissau com 1.92%, Moçambique com 0.73% e Brasil 0.37%. Os estudos confirmam o que Godelieve já tinha referido: que o maior fluxo migratório angolano e santomense só se dá no final dos anos 80, o que poderá indicar uma menor contribuição cultural na definição das construções. Os valores percentuais de Moçambique e da Guiné-Bissau são muito reduzidos. Estamos então a falar, relativamente a estas etnias, de um público voltado para o arrendamento de quartos, ou de novos pisos entretanto acrescentados.

---

14 Trabalho realizado pelos Serviços de Planeamento Urbanístico e Serviços Municipais de Habitação da Câmara Municipal da Amadora

15 Acção de Formação em Promoção e Gestão Habitacional, Relatório de Estágio, C.A.U.- Cooperativa Arquitectura e Planeamento Urbano, CRL, 1988

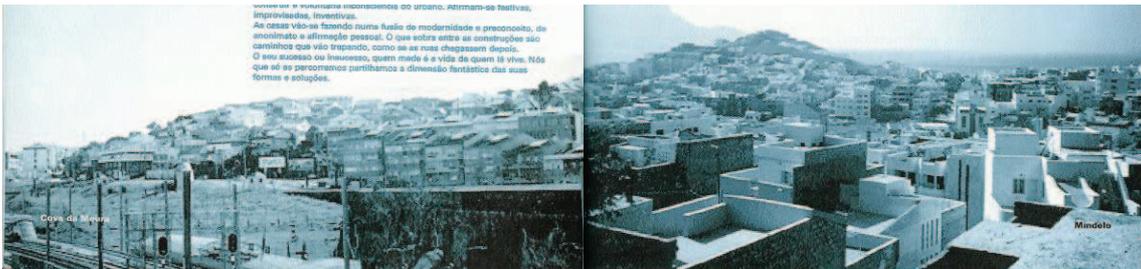


Fig.14| Cidade de S. Vicente

Fig.15| Bairro do Alto da Cova da Moura

Em 1990 um Estudo<sup>16</sup> apurou que 49.4% da população do bairro tem nacionalidade portuguesa e que os de países africanos totalizam 48.9%. Curioso é ver que estas percentagens estão a aproximar-se, porventura pelas segundas e terceiras gerações já terem nacionalidade portuguesa, se pensarmos nos elevados índices de natalidade no bairro. Num relatório<sup>17</sup> do Estado da Situação da População e do Parque Habitacional do Bairro Cova da Moura, de 2001, registam-se 45.0% de população de faixa etária até aos 24 anos exclusive, o que vem a confirmar estas suspeitas. Em 1990 a população residente no bairro era de cerca de 3746 pessoas, sendo mais de 50 % dos agregados de origem africana, que acumulam o maior número de pessoas por agregado<sup>18</sup>.

É hoje comum dizer-se que o concelho da Amadora é a maior Cidade cabo-verdiana do mundo, com entre 15 a 20 mil habitantes. Ao nível do enquadramento populacional verificamos que existe uma inversão da tendência nacional, com uma maioria da população jovem e uma taxa de natalidade muito elevada.

Em 1981 estabeleceram-se no bairro cerca de 1000 habitantes, em 1991 esses valores situavam-se entre as 3500 e 4000 pessoas e, no ano 2000, um levantamento local determinou que aí habitam 5057 residentes.

Destes, 60% são de origem africana e 22% da população tem menos de 14 anos. Quase 45% tem menos de 24 anos e os idosos (>64) atingem os 7%.

De acordo com os dados da caracterização do Bairro, publicados na Iniciativa «operações de qualificação e reinserção urbana de bairros críticos», a densidade habitacional é de cerca de 85 fogos por ha, e a densidade populacional de aproximadamente 306 hab/ha<sup>19</sup>.

Percebemos assim que os habitantes provenientes de Cabo Verde determinaram a grande maioria da matriz construtiva ao longo dos anos no bairro,

---

16 Estudo de situação da População e do Parque Habitacional do Bairro Cova da Moura, Câmara Municipal da Amadora, 1990

17 Iniciativa Bairros Críticos, volume I – Diagnóstico ,Operação Cova da Moura, *Dimensão Sócio -Demográfica*, 2006,p.6

18 [http://www.moinhodajuventude.pt/requalif\\_bairro/caracteriza.htm](http://www.moinhodajuventude.pt/requalif_bairro/caracteriza.htm)

19 MENDES, Luís, *Urbanização clandestina e fragmentação socio-espacial urbana contemporânea: o Bairro da Cova da Moura na periferia de Lisboa*,2008, p.63



Fig.16| Habitações na área sudoeste do bairro de muros caiados

Fig.17| Habitação na área sudeste do bairro de muro caiado

dada a sua presença maioritária no bairro na altura em que este mais se desenvolveu. É assim natural que se encontrem características no edificado que remontem à influência deste segmento da população.

A auto-construção é à partida um dos elementos onde mais se evidenciam as semelhanças com a arquitectura cabo-verdiana, sendo este o meio de concretização fundamental da construção, em ambos os locais. O projecto da casa é um reflexo directo da cultura, gosto pessoal e capacidade económica, não existindo um projecto completo. Este estará em constante evolução, consoante as necessidades e o crescimento do agregado familiar, ou as possibilidades económicas. As referências arquitectónicas partem portanto do imaginário e da experiência de quem as constrói, ao invés de um qualquer treino formal ou académico. As casas têm sempre uma carga profundamente pessoal e cultural.

A existência de um pátio ou quintal é outro elemento típico das casas rurais da Macaronésia<sup>20</sup>, que encontram reflexo no bairro, surgindo como espaços associados ao convívio social e a uma cultura festiva, fazendo a transição entre o domínio público e o espaço privado. «Habitual na casa térrea, é o espaço fronteira à construção, a toda a largura da frente, revestido de terra batida, ladrilhado ou lajeado, e delimitado por um muro baixo caiado. Serve muitas vezes como lugar de estar, assumindo designações diversas.» Esta é uma situação que se pode encontrar na habitação rural madeirense e que inclusive encontra paralelo na intersecção da Rua Principal com a Rua da Madeira<sup>21</sup>. É evidente que no bairro a rua surge como extensão da casa e como propulsor de elos sociais. É possível ver pessoas a trazer actividades associadas á cozinha para o exterior da casa, não sendo incomum ver alguém trazer um assador para a rua. É também normal ver idosos à conversa no espaço público e crianças a desenvolver actividades lúdicas e desportivas nas ruas.

A utilização do reboco como material de acabamento é popular no Bairro e tem paralelo na habitação de Cabo Verde, sendo muitas vezes uma solução justa para a escassez de recursos. Outro material observável nas fachadas destes

---

20 FERNANDES, José Manuel, *Cidades e Casas da Macaronésia*, 1993, p.315

21 Como veremos mais à frente nos Casos de estudo

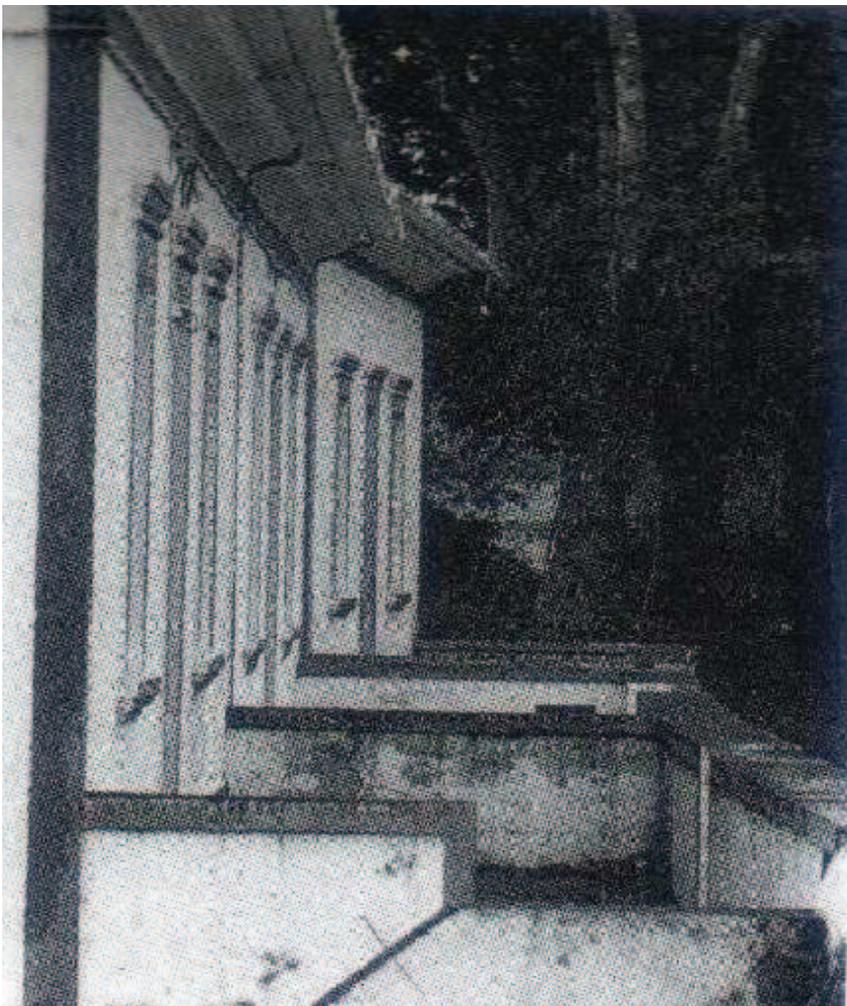


Fig.18| Muro caído de uma casa da Macaronésia em Santa Maria, freg. do Esp. Santo

quarteirões é o azulejo. A diferenciação das casas faz-se através da utilização da pintura, reflectindo o orgulho na originalidade e na diferença, sendo um esforço visível de atribuição de uma identidade, e de um estatuto á casa individual. Heidir refere que existe na Cova da Moura um espírito de competição saudável, na altura de construir, referindo que o acto de querer ter uma casa bem arranjada e pintada como a do vizinho é natural.

Pode-se assim afirmar que, para os habitantes da Cova da Moura, existe uma forte ligação de status social quando estão associados a uma casa bem-feita com materiais de qualidade. O carácter de satisfação e empenho pessoal projectado na habitação assume maiores dimensões quando se trata de uma casa auto-construída.

Observando a história da arquitectura em Cabo Verde, essa semelhança evidencia-se. A arquitectura em Cabo Verde é, à imagem dos seus habitantes, crioula, pois mistura arquitecturas diferentes, fundamentalmente portuguesa e africana, reflectindo as influências culturais e as necessidades que surgem das condições meteorológicas, nomeadamente, a falta de água. Em cada ilha, tal como nas pessoas podemos observar diferentes características resultantes da miscigenação de raças, e também na arquitectura se observam variantes significativas, embora se verifiquem algumas características constantes gerais. Destas características podem-se estabelecer paralelos no que diz respeito à organização espacial interna.

Em Cabo Verde os edifícios são, regra geral, de planta rectangular com duas divisões: o quarto de dormir e a sala, onde tem lugar o espaço de convívio e de refeição. Na disposição da fachada é possível ler através dos vãos que são marcados no plano principal, as principais divisões da casa. Regularmente a porta de entrada abre directamente para a sala que, por vezes, tem ainda outra janela, sobre uma fachada lateral. As paredes resistentes, em pedra - normalmente basalto - e assentes sobre argamassa de terra argilosa, são rebocadas com a mesma argamassa, à qual se adicionam pequenas fibras vegetais. Depois são caiadas por dentro e por fora. As coberturas com folhas vegetais secas eram as mais comuns, até ao final do Século XIX, sendo suportadas por uma estrutura

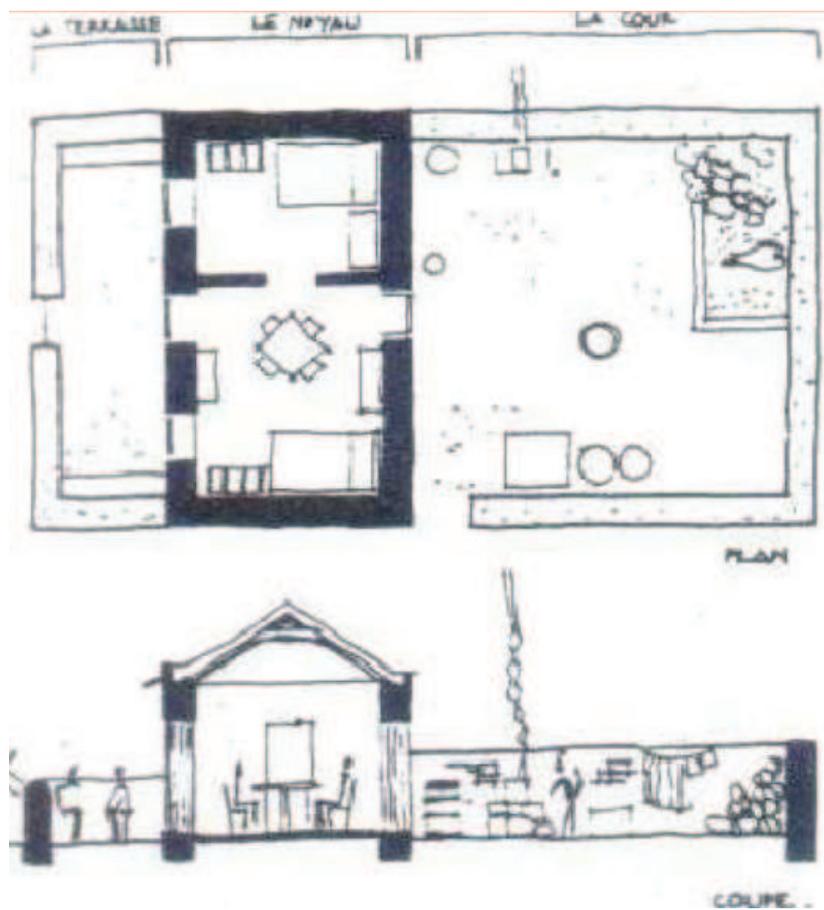


Fig.19| Habitação tradicional na ilha de Santiago, Cabo Verde

elaborada, constituída por um sistema de asnas de madeira de coqueiro, que tentava reproduzir as coberturas típicas portuguesas, consoante o seu tipo, com duas ou quatro águas.<sup>22</sup>

Até 1960, ter a casa coberta com telhas era privilégio de alguns poucos cabo-verdianos mais abastados, ou mais integrados no aparelho de administração colonial. Era um material novo, que conferia prestígio social à habitação, transcendendo a função do habitar, recolocando os residentes na hierarquia e modificando o seu posicionamento dentro da sociedade. O aspecto da casa e os materiais utilizados são sempre um reflexo de status social, característica que facilmente se transpõe para a Cova da Moura, e ainda com mais intensidade quando se fala em casas auto-construídas. Uma das soluções de recurso para quem tinha dificuldades económicas, era a utilização de chapas metálicas de zinco ou telhas de fibrocimento, sendo que estas, embora não tendo uma conotação tão forte como as casas mais abastadas, foram ganhando um uso crescente e hoje são amplamente utilizadas sobretudo em obras públicas.<sup>23</sup>

Novos materiais como o cimento Portland e o betão armado foram sendo progressivamente introduzidos na arquitectura tradicional. Outros pormenores foram sendo assimilados, muitos, trazidos pelo retorno de muitos cabo-verdianos de Angola, como a cobertura em laje de betão armado, que apoiava nas resistentes paredes de blocos, sem necessidade de pilares ou vigas, pois normalmente estas habitações apenas teriam um piso.

Não só os materiais foram sendo alterados mas também a configuração dos próprios espaços. O aparecimento do quintal, torna-se um prolongamento da casa para as traseiras, com o intuito de criar um espaço murado para a cozinha e o curral, agora que os aglomerados urbanos aumentavam e era necessário delimitar os espaços particulares. Progressivamente, eram construídas outras dependências da casa, no quintal, como o celeiro ou mais quartos, existindo porém uma clara diferenciação entre o tratamento da «casa da frente» e as outras dependências. Assim sendo, a «casa da frente» teria normalmente duas

22 FERNANDES, José Manuel, *Cidades e Casas da Macaronésia*, 1993, p. 306

23 LOPES, Anaísa, *Habitar. Etnicidade. Tipos habitacionais existentes no Bairro do alto da cova da moura: caracterização e qualificação*, 2006-2007, p.33

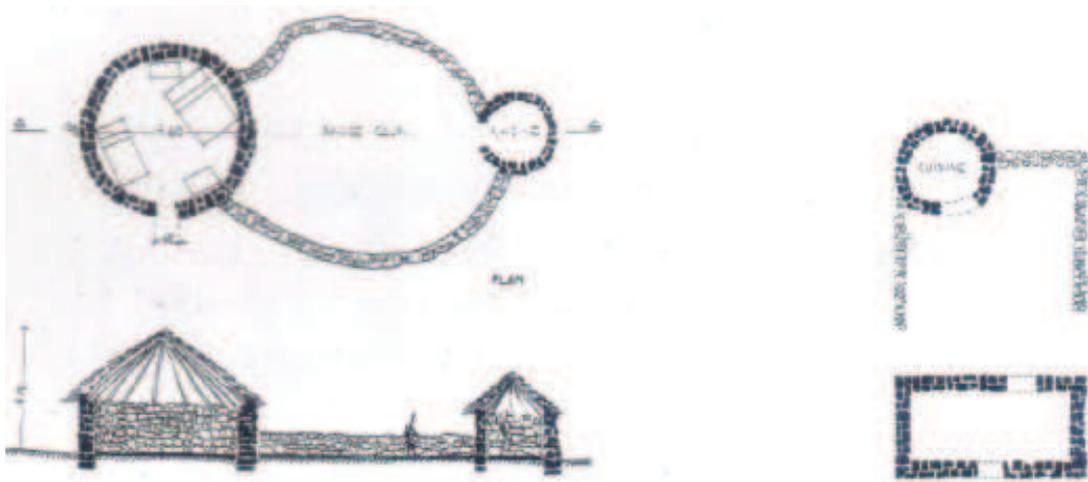


Fig.20| Habitação tradicional da Ilha do Fogo em Cabo Verde

divisões, a sala de estar e o quarto do casal. No quintal, ficavam os quartos dos filhos, a cozinha, o celeiro - que progressivamente desaparecia dos emergentes centros urbanos - e a casa de banho. Verifica-se assim uma tendência para uma forte relação com espaço exterior e uma consequente apropriação do mesmo tanto para funções de convívio social, e para a execução de tarefas domésticas.

Hoje, após as diferentes assimilações e influências, assiste-se ao declínio no uso da telha, que foi sendo substituída pela laje de betão armado de modo a facilitar a construção em altura. O aparecimento de tintas industriais substituindo a utilização da cal, criou também uma nova diferenciação social, pelo que, ter a casa caiada tornou-se de certa forma, e à imagem da cobertura de palha uns anos antes, sinal exterior de pobreza. Essa situação de diferenciação social propulsionou a evolução de materiais e técnicas construtivas, nos países africanos de origem da população do bairro, com especial incidência em Cabo Verde.

O que se retira, sobretudo, desta evolução do espaço construído em Cabo Verde e da sua respectiva conexão com o espaço construído no bairro do Alto da Cova da Moura, é uma constante necessidade de melhorar a habitação existente, não só por uma questão de acréscimo de conforto e de melhoria da qualidade de vida, mas pelo modo como a vizinhança percebe o indivíduo/proprietário a nível social, e o seu poder económico<sup>24</sup>. A casa é um reflexo directo dessas características e uma questão que se repercute no bairro em estudo.

O espaço exterior é utilizado para inúmeras tarefas domésticas, como por exemplo cozinhar, lavar a roupa, sendo indiscutivelmente um espaço privilegiado pela comunidade local. Tal facto deve-se à sobreocupação e apropriação intensa do mesmo. Por vezes a sala, que durante o dia serve à permanência da família, de noite dá lugar a receber amigos - transforma-se num quarto. O espaço-casa é articulado com o espaço-rua, verificando-se situações que procuram recriar antigos cenários de vida.

Mais uma referência ao modelo rectangular de Cabo verde, que embora não tenha cozinha no seu interior, também não a assume no exterior - onde se

---

24 ALMEIDA, Bertânia. *Pensar e construir habitação: O contexto do realojamento social na cidade do Mindelo* 2009.p.81

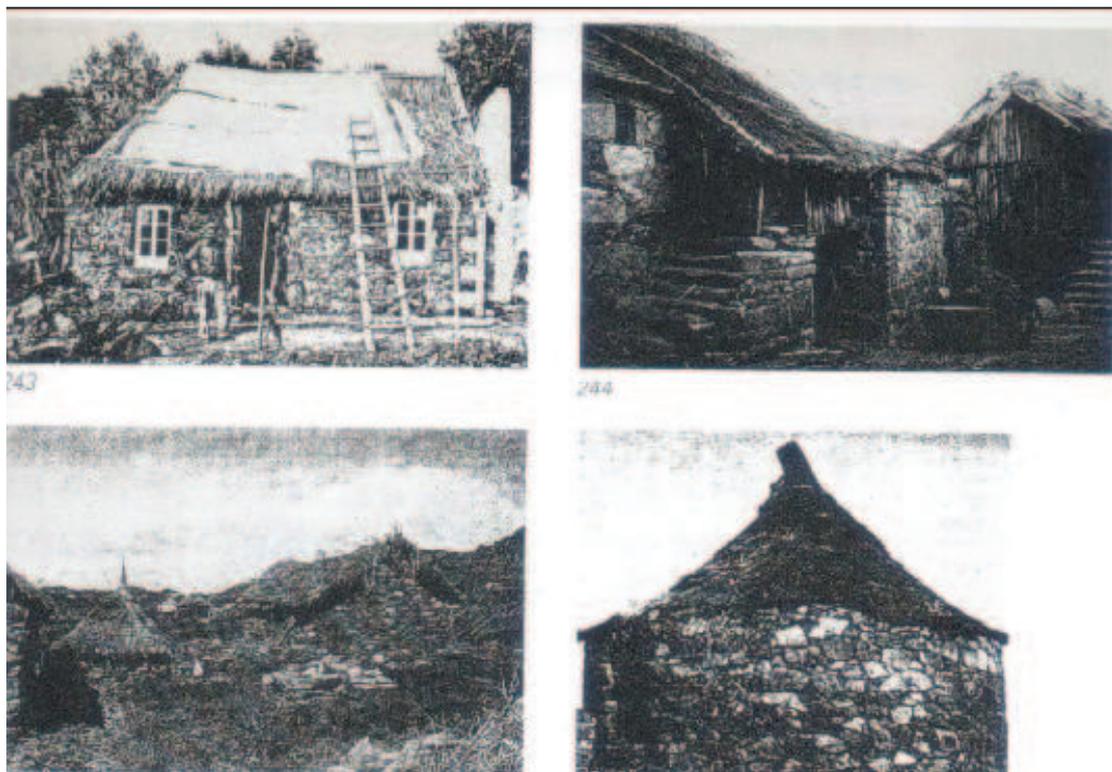


Fig.21| Exemplos de construção com cobertura de palha em em S. Miguel (Açores), Pitões de Júnias, Cabo Verde e Tavira, retirados dos inquéritos à Arquitectura Popular e referentes aos períodos entre 1960-1985, consoante as regiões

assume um “lar” rudimentar ao ar livre -, apresentando em contrapartida medidas próximas das da pequena casa micaelense, e fachada de «janela-porta-janela», pode ainda ser feita nesta análise comparativa com as habitações do bairro. A transposição do espaço -cozinha para o espaço exterior encontra, de modo evidente, as suas raízes na habitação tradicional cabo-verdiana. A comparação com outras casas da Macaronésia, como a habitação de S. Miguel, permite retirar características comuns, como nos elementos de desenho de fachada. No capítulo seguinte é possível encontrar a fachada do tipo janela/porta/janela no Caso de Estudo 3.

Se o acesso aos pisos seguintes por via de uma escada exterior são, no bairro da Cova da Moura, devidos em parte a um processo de projecto informal que não contemplava o carácter evolutivo das habitações, na vertical, também é possível ver que este encontra paralelo com habitações de dois pisos em Cabo Verde: «...quando a casa tem um andar, sobe-se para ele naturalmente por escada interior ou exterior. Em Cabo Verde, na ilha do Fogo, é referido que na casa rural mais abastada de dois pisos: O acesso ao andar faz-se por uma escadaria, que às vezes é exterior e abre para a varanda.» Existe assim a possibilidade destas características das habitações do bairro não serem meramente um produto de necessidade, mas uma tentativa de reflectir, de um modo intuitivo, referências do país de origem dos moradores.

Pode-se assim afirmar que as casas da Macaronésia, onde se incluem as habitações de Cabo Verde, conjugam uma grande diversidade de influências e partilham entre si um conjunto de características comuns. Ainda neste aspecto, ao efectuar uma análise ao modo como se estrutura o espaço no bairro, observamos que surge por diversas vezes, na Cova da Moura, uma planta tipo de corredor de distribuição central, que vai ao encontro das características gerais comuns referidas por José Manuel Fernandes na definição da Casa Elementar Térrea ou de janela/porta/janela. Isto é naturalmente um tipo muito comum e dificilmente se poderá considerar regionalismo evidente.

«O que caracteriza este tipo de casa, no seu padrão mais corrente, é a existência de um corpo de planta rectangular ou quadrada, definido por quatro

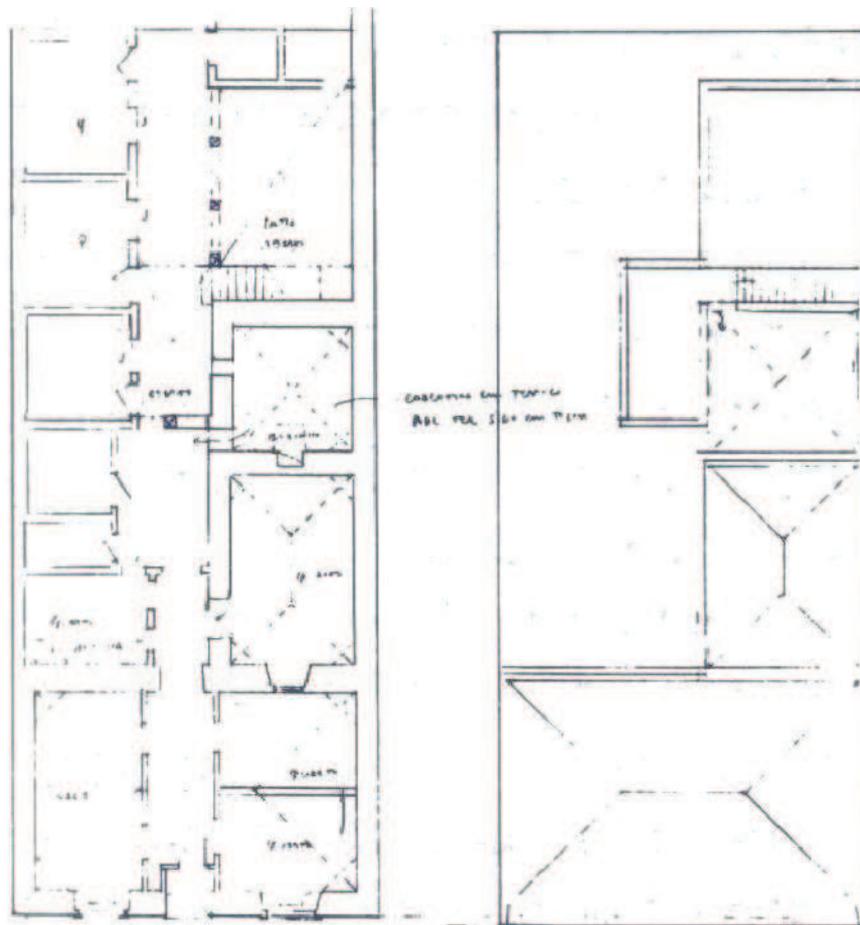


Fig.22| Tipologia da Casa Elementar Térrea da Macaronésia em Puerto de la Cruz, Canárias

paredes resistentes e dividido internamente por tabiques. A frente urbana desse corpo apresenta duas janelas e uma porta central, correspondendo esta ao corredor de distribuição, perpendicular à fachada, e as duas janelas aos compartimentos de cada lado.»<sup>25</sup>

Podemos inferir desta análise que existem fundamentalmente três características que dominam a habitação no bairro: a diversidade cromática, o processo de construção por adição e a apropriação do espaço público. Esta caracterização morfológica vai ter repercursões e manifestações diversas em diferentes sectores do bairro.

---

25 FERNANDES, José Manuel, *Cidades e Casas da Macaronésia*, 1993,p. 273



Fig.23| Confronto com a Buraca

Fig.24| A vedação que separa o bairro da restante Damaia

## **Caracterização espacial do bairro**

A Cova da Moura surge presentemente como um elemento estranho inserida numa malha urbana com a qual não se relaciona. Do lado norte e sul está delimitado por vias de circulação bastante marcantes e no confronto com a malha mais regrada da Damaia verifica-se a existência de um muro e de uma vedação, num gesto claro e algo violento de separação e de não associação com o bairro, que está estigmatizado como centro de criminalidade urbana e gueto maioritariamente africano, onde as casas se encostam e se sobrepõem de um modo análogo ao das favelas brasileiras. Até no aspecto relacional com a Buraca, se verifica uma certa noção de barreira, ainda que esta seja visualmente menos violenta. Trata-se de um separador central de uma via com duas faixas de rodagem em cada sentido, que afasta de modo evidente a Cova da Moura de uma zona menos caótica visualmente e mais trabalhada do ponto de vista dos espaços públicos, contribuindo assim para uma noção de isolamento e de bairro «fechado».

Analisando a estrutura interna do bairro evidencia-se que o caos e a desordem aparentes não constituem a regra, sendo estes encontrados apenas em áreas específicas, existindo uma ideia organizativa de espaço público. Um eixo principal atravessa e divide o bairro, a Rua Principal, rectilínea e de traçado claro. É uma rua bem dimensionada onde o acesso automóvel se faz sem dificuldade, embora esta não tenha passeios. Na transição para as ruas secundárias, travessas e becos começam a surgir irregularidades na relação entre o espaço



Fig.25| Rua Principal

Fig.26| Um dos becos do bairro

reservado para a rua e o espaço doméstico, sendo apenas todos eles de acesso pedonal, de um modo não dissimilar a um bairro de um centro histórico urbano (a alta de Coimbra tem ruas e becos nestas condições). Nesta situação está, sobretudo, uma grande parte de sector sudoeste do bairro.

O domínio do espaço privado absorve progressivamente o espaço público quando a deambulação é feita por estes circuitos mais estreitos, intensificando-se a presença de estendais e muitos outros usos, formais ou informais.

No que concerne ao espaço público, constata-se uma evidente escassez, por via da construção desenfreada de habitação. Assim o nível de circulações compreende uma tentativa de hierarquização de que o nome «Rua Principal» é o mais significativo sinal, mas denotando uma prevalência talvez excessiva. A justaposição consecutiva de ruas e a sua ambígua polivalência anulam também esta tentativa hierárquica, tornando as ruas num conjunto algo neutro.

Percepciona-se assim uma enorme lacuna de espaço público, mas também tem de se assinalar a flexibilidade da rua, enquanto espaço de convívio social, algo a que o reduzido ritmo de circulação automóvel não é alheio. Apesar da limitada acessibilidade automóvel, a área em estudo encontra-se bem servida de meios de transporte público, proporcionando aos moradores uma eficiente acessibilidade à rede de transportes da Área Metropolitana de Lisboa, nomeadamente os autocarros da CARRIS e da Rodoviária Nacional, bem como a linha ferroviária de conexão a Sintra e, não muito distante, a nova estação terminal da Rede do Metro.

Ao nível das qualidades construtivas do parque edificado, existe claramente um desvio dos processos convencionais ou regulamentos, estando o desenvolvimento destas construções apenas orientado pelas condições financeiras dos seus proprietários ou promotores.

A casa pode ser implantada indiscriminadamente numa rua ou num interior de quarteirão, formando novos becos, sobretudo em casos de habitações construídas posteriormente ao período de ocupação inicial, em que ocupavam os espaços intersticiais dos elementos morfológicos construídos do bairro. A partir



Fig.27| A linha de Sintra que delimita o bairro a Norte

Fig.28| Exemplos de escadaria em estado precário

Fig.29| Exemplos de escadaria de acesso a um piso de acrescento posterior

Fig.30| Exemplos de escadaria sem guarda de protecção

de um primeiro piso térreo, normalmente nasce, com o tempo e a necessidade, um edifício de dois ou três andares, desafiando a integridade estrutural e a falta de espaço ao nível térreo. Esta sobreposição constante de novas construções suscita novos problemas, pois o projecto original das casas não contempla esta sistemática evolução e, na maior parte dos casos, verifica-se que as edificações prévias estavam desprovidas de espaço para a circulação vertical, de ligação ou acesso ao piso seguinte. A resolução para o problema consiste, geralmente, na construção de uma escada exterior muitas vezes numa multiplicação desnecessária de escadarias, conforme aos sucessivos acrescentos. O incorrecto posicionamento das mesmas e a suas frequentes debilidades construtivas constituem um problema óbvio ao nível de segurança, e a isso acresce a falta de guardas de protecção em muitos dos exemplos analisados.

A habitação, em progressiva evolução, também limita algumas opções construtivas por parte dos moradores, sendo as coberturas o exemplo mais evidente disso, que em grande parte dos casos observados tendem a ser planas, permitindo sem custos significativos a progresso adicional. Isto deve-se ao facto de a solução permitir uma sobreposição em altura, do espaço construído com maior facilidade, justificando-se esta em função do crescimento do agregado familiar, ou simplesmente visando lucro no mercado do sub-arrendamento.<sup>26</sup>

As implicações de segurança desta estrutura urbana não planeada evidenciam-se na questão da acessibilidade. Se, na Rua Principal e nalguns espaços de circulação mais amplos, existe lugar para a circulação automóvel, já a incapacidade de socorrer o bairro em caso de incêndio, dada a proximidade do edificado, os materiais utilizados e a contiguidade das ruas mais estreitas, se torna notória. A análise destes factores é fundamental para a requalificação do bairro e revela-se uma das múltiplas preocupações publicadas no Relatório do LNEC.<sup>27</sup>

---

26 Iniciativa Bairros Críticos, Operação Cova da Moura, Volume I – Diagnóstico, *Situação Fundiária e Urbanística: Síntese e Elementos para a Construção de Uma Estratégia de Intervenção*, LISBOA, 2010, p.3

27 LNEC-Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Departamento de Edifícios, Núcleo de Arquitectura e Urbanismo, Proc. 0806/01/16942, *Colaboração do LneC na Análise das Condições de Habitabilidade do Edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura - Relatório de Síntese*, 2008, p.22



Fig.31| Um exemplo de habitação evolutiva em desenvolvimento

Fig32| A diversidade dos alçados na cor e nos materiais

A nível formal, uma das primeiras características que se apresenta ao visitante é a “diversidade estilística”, bem patente na composição livre dos alçados das habitações, plenos de portas e janelas desencontradas, de escadas que se encavalitam desordenadamente em direcção a mais uma habitação ou terraço. Contudo o bairro é também, enquanto fenómeno de construção informal, uma micro cidade com um ritmo próprio, onde a arquitectura surge de forma espontânea das mãos de indivíduos sem qualquer tipo de treino formal em questões do projecto de arquitectura. O espaço vai sendo pensado à medida em que é construído e vivido, existindo aqui uma componente experimental por vezes muito interessante. Uma das consequências disto acaba por ser a da interpenetração do espaço exterior e interior, num misto de sociabilização e privacidade. Enquanto caso de estudo permite, de um modo pouco usual, perceber as referências que vão seguindo os habitantes, e perceber o modelo de casa a que aspiram.



Fig.33| Caso de estudo 1, vista de quintal

Fig.34| Caso de estudo 2, vista de escadaria exterior e alpendre

## Casos de estudo

Importa fazer uma referência ao trabalho prévio da Arq.<sup>a</sup> Anaísa Lopes no seu relatório de estágio, onde efectuou um levantamento de doze edifícios do bairro e incluiu informações relativamente aos ocupantes destes. Destes exemplos, foram seleccionados os seis exemplos mais relevantes para o tema desenvolvido neste trabalho e foram registados e documentadas as evoluções, quando estas se verificavam. A informação nova tem por base o trabalho anterior da autora, a quem se deverá dar o crédito pelos desenhos de base.

### Caso de Estudo 1

A casa em questão pertence a um retornado de Angola, mas que é português e originário de um espaço rural nas imediações do Porto. Presentemente habitam no piso térreo o filho do proprietário e a sua esposa. O segundo piso, que pertencia ao construtor original, foi entretanto vendido. A moradia viu início da sua construção em 1980, após a compra do terreno ao anterior proprietário que explorava o local para fins agrícolas. Apesar do seu processo passar pela auto-construção, o projecto da casa é de um desenhador da Câmara da antiga Sá da Bandeira, em Angola, e teve indicações de um mestre de obra, também de Angola. Os materiais, «principalmente ferro e cimento, eram comprados mensalmente e ao longo de anos, de modo a acabar a construção da casa.»<sup>28</sup>

A moradia situa-se na Rua do Vale, próxima da intersecção com a Rua da Ladeira e da Rua da Palmeira e terá sido uma das primeiras construções habitacionais do período pós-colonial, representando bem uma das tipologias presentes no sector norte do bairro e da relação com o espaço privado e com o espaço de rua. Neste sector constata-se uma facilidade de acesso automóvel

---

28 LOPES, Anaísa, *Habitar. Etnicidade. Tipos habitacionais existentes no Bairro do alto da cova da moura: caracterização e qualificação*, 2006-2007, p.53

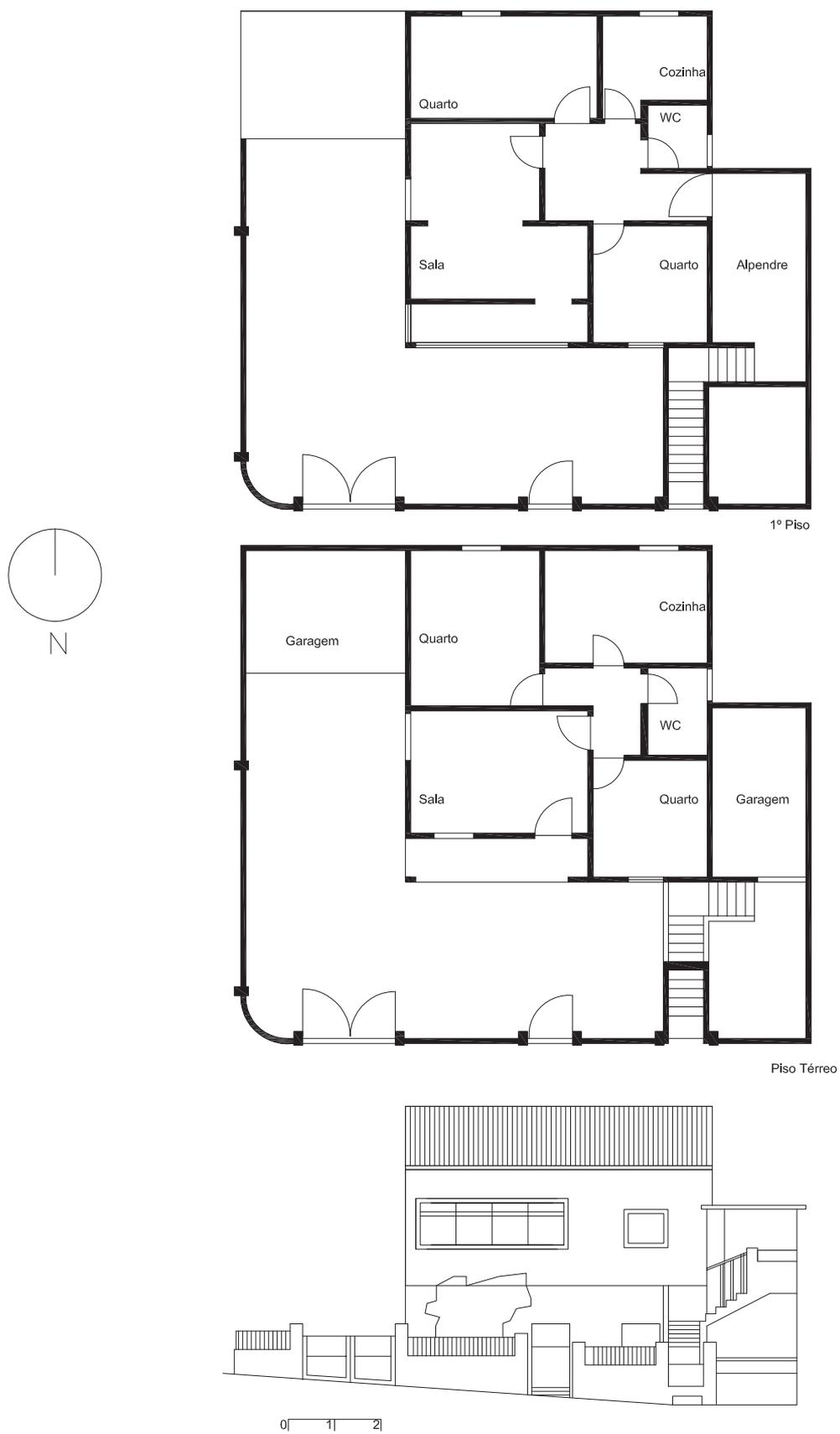


Fig.35| Planta de piso térreo, planta de 1º piso e Alçado Sul

pouco usual no bairro, sendo evidente que a proporção da dimensão da Rua do Vale, em largura, relativamente às cérceas dos edifícios se encontra mais equilibrada. Também é notória a presença de uma zona de circulação reservada a peões, algo incharacterístico relativamente ao que se vê nos espaços definidos pelos «quarteirões africanos», presentes noutras zonas do bairro. Nota-se, de um modo geral, uma grande homogeneidade morfológica e tipológica e, por consequência, uma maior legibilidade. Esta zona do bairro evidencia-se também por estabelecer uma melhor relação de continuidade com a envolvente urbana próxima.

No que concerne à ocupação do espaço, percebe-se que o lote se encontra claramente delimitado por um muro que demarca o espaço de usufruto privado do espaço da rua. Este apresenta-se relativamente generoso e com o espaço necessário para o estacionamento das viaturas dos ocupantes. O sector Oeste da casa tem uma garagem espaçosa, replicando-se numa escala mais reduzida do lado este. Estamos perante uma habitação de dois pisos, sendo os dois independentes um do outro. O acesso ao primeiro piso faz-se por intermédio de uma escada exterior de dois lanços - um no sentido Oeste -Este e outro no sentido Sul-Norte - que desembocam num alpendre correspondente à cobertura da garagem, no alçado Este. Este elemento de acesso tem uma grande presença no alçado Sul.

O piso térreo caracteriza-se por um espaço de distribuição central que dá acesso à sala, que constitui o espaço de entrada, dois quartos, uma cozinha e uma divisão correspondente às instalações sanitárias. No segundo piso, a residência distribui-se por um hall de entrada que dá acesso à sala, dois quartos, uma cozinha e à casa de banho. Neste piso, o espaço de distribuição assume um carácter central, sendo em torno deste que se desenvolve o restante programa habitacional do fogo.

Apesar de estar contemplada uma evolução para um terceiro piso, esta nunca se concretizou, revelando um maior controlo nos futuros desenvolvimentos construtivos da habitação, neste sector específico do bairro, possivelmente por não estar tão dependente do mercado de arrendamento, que se mantém



Fig.36| Caso de estudo 2, fachada Este

Fig.37| Caso de estudo 2, fachada Norte

activo nos quarteirões africanos.

## Caso de Estudo 2

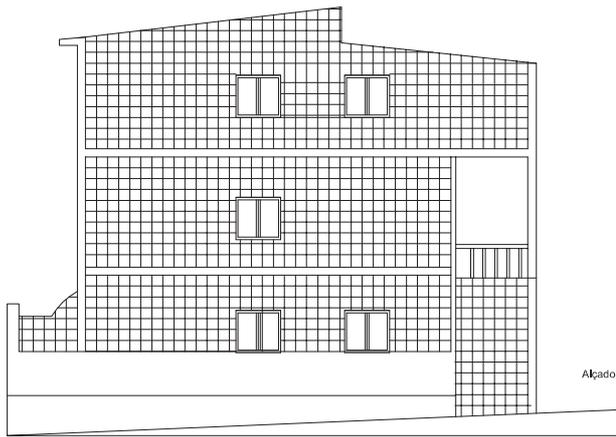
Este edifício designado por «Edifício Nucha e Filhos» situa-se num espaço central da Cova da Moura, no cruzamento da Rua Principal com a Rua da Madeira. Este sector do bairro, contrariamente ao sector Norte do caso de estudo anterior, já é de uma estrutura urbana constituída por quarteirões designados por «quarteirões africanos». Contudo, pela sua implantação na Rua Principal, uma via de acesso automóvel estruturante do bairro que o divide praticamente ao meio, está servida de uma faixa de espaço público de largura superior aos demais quarteirões deste tipo. Deste modo, observa-se uma maior incidência solar e salubridade nas habitações aqui localizadas.

A habitação em estudo tem por proprietários uma família de imigrantes de Cabo Verde estabelecidos no bairro há mais de 30 anos, pertencendo assim à primeira vaga de imigração cabo-verdiana, do final dos anos 70. Esta situação é comprovada pela localização privilegiada que a casa ocupa.

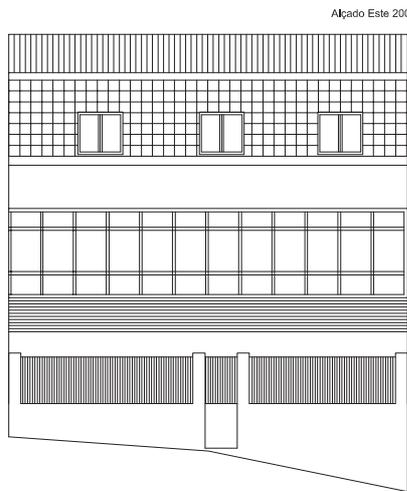
Trata-se de um edifício com 3 pisos que se divide em programa habitacional e programa comercial. O programa comercial concentra-se no piso térreo e consiste num café e uma mercearia. O acesso ao primeiro e segundo pisos faz-se por uma escadaria localizada no alçado Oeste, nas traseiras da casa, e por uma escada lateral à fachada principal situada a Sul, sendo esta multiplicação de elementos de acesso vertical uma característica comum a uma grande parte das habitações inseridas no «quarteirão africano».

O primeiro piso é composto por um espaço de distribuição central que permite o acesso a uma cozinha, uma instalação sanitária, três quartos e uma sala enquanto que no segundo piso localizam-se dois quartos, uma cozinha, uma sala, uma instalação sanitária e um escritório. A casa organiza-se assim em torno de um hall central que se conecta com todas as divisões da casa.

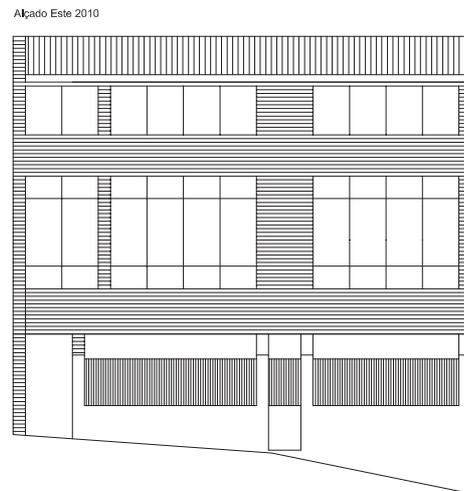
A vertente auto-construída da casa reflecte-se nos progressivos acrescentos, determinados pelas necessidades de uma família que foi crescendo ao



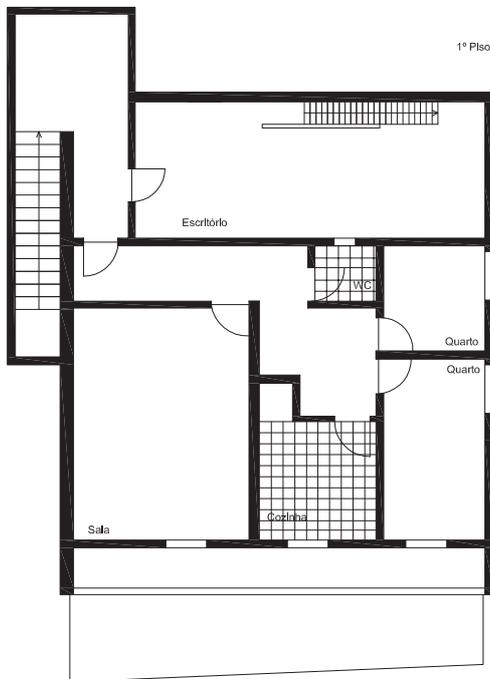
Alçado Norte 2010



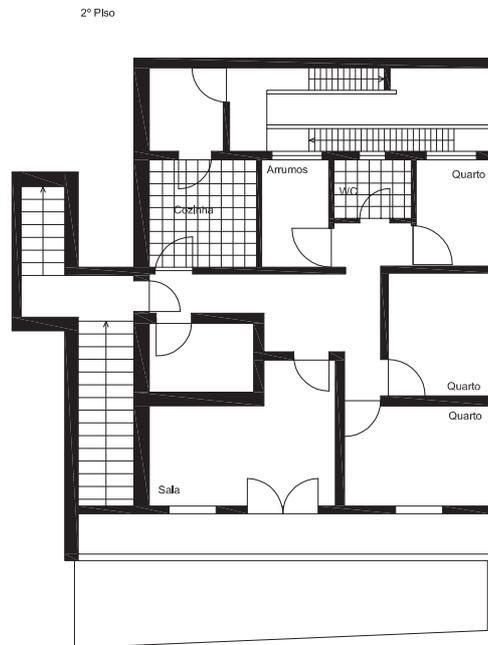
Alçado Este 2007



Alçado Este 2010



1º Piso



2º Piso

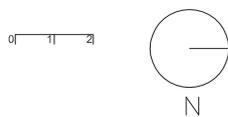


Fig.38| Caso de estudo 2, plantas dos pisos de habitação e evolução das fachadas

longo dos anos em que viveu no bairro. O plano original da habitação não contemplava esse crescimento em altura, o que se evidencia pela multiplicidade desnecessária das escadarias e pelo bizarro acesso exterior ao escritório. Estabilizado este crescimento em altura, foram efectuados, nos últimos quatro anos, obras na fachada de acesso pela Rua Principal.

O revestimento das fachadas é feito em azulejo e em pedra, mas assiste-se uma vez mais às características evolutivas da habitação no bairro, com a posterior modificação do alçado Este. Dado que os levantamentos anteriores do edifício datam de há cerca de quatro anos atrás, verifica-se que foi neste período de tempo que se efectuaram estas modificações. Comprova-se com este testemunho edificado que esta prática não revela sinais de abrandar, mesmo com a monitorização mais atenta por parte da Iniciativa Bairros Críticos, nesta última década, que salienta que a auto-construção deve estabilizar para que os diagnósticos técnicos surtam efeitos e para que os projectistas possam trabalhar com dados reais, para se proceder à requalificação do bairro.

Esta fachada foi avançada nos dois pisos superiores para dar lugar a uma varanda com carácter de marquise, funcionando esta em toda a extensão do alçado. Este apresenta-se agora revestido a tijoleira nos pisos que foram alvo da intervenção.

### Caso de Estudo 3

Esta habitação, à semelhança do exemplo anterior, situa-se na Rua Principal e é também uma das primeiras habitações do Bairro. Apenas a alguns metros mais a norte relativamente ao Caso de Estudo 2, o edifício foi construído pelos próprios moradores e tem por proprietários uma família proveniente de S. Tomé e Príncipe.

O edifício tem dois pisos, ambos de carácter habitacional e totalmente independentes um do outro. Em ambos os pisos se verifica um dos modelos mais comuns de organização do espaço doméstico na Cova da Moura: o corredor de distribuição ao centro da casa que se conecta com todas as restantes divisões desta. No piso térreo encontramos dois quartos, uma divisão correspondente às

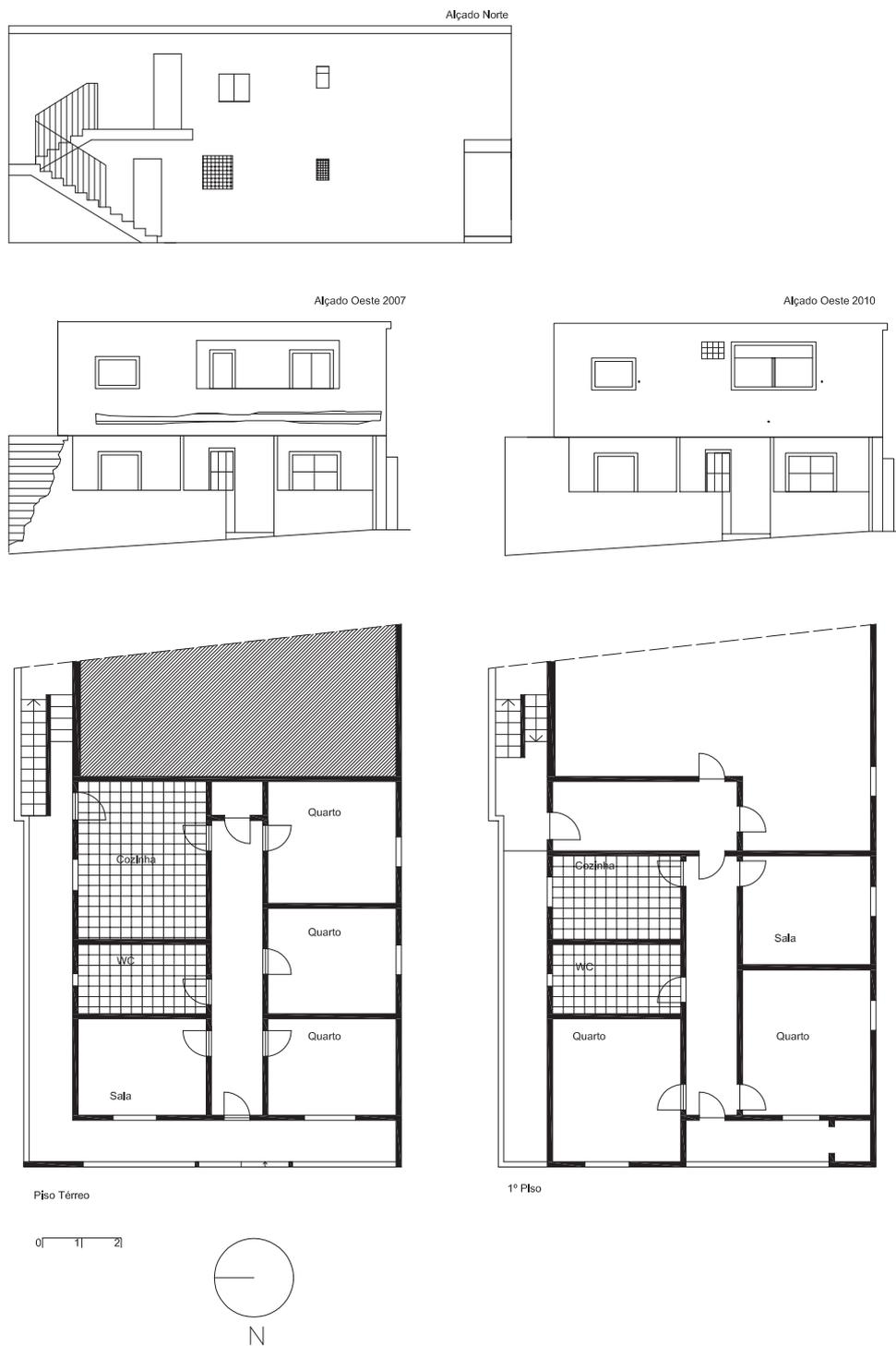


Fig.39| Caso de estudo 3, planta do piso térreo e 1º piso e evolução dos alçados

instalações sanitárias, uma sala de estar e uma cozinha. O esquema de desenho de fachada incorpora de modo evidente o esquema janela/porta/janela referida no capítulo anterior que de algum modo transporta para o alçado a estrutura do espaço interior ancorada no corredor de distribuição central, numa manifestação evidente de arquitectura de influência da Macaronésia.

Uma vez mais se verifica uma preferência pelo espaço exterior com a presença de um alpendre delimitado por um murete na fachada principal da moradia. Este muro baixo assemelha-se aos exemplos referidos no capítulo anterior, evidenciando a referência intuída das casas da Macaronésia. No piso de cima verificava-se uma situação similar onde existia um espaço de varanda que garantia o contacto com um espaço exterior. Presentemente este piso não apresenta este espaço devido ao que se supõe ter sido a ampliação do quarto próximo da fachada. Esta manifestação da habitação evolutiva da moradia teve lugar nos últimos quatro anos e é possível perceber na fachada o espaço a que correspondia a varanda. Não só este carácter evolutivo da casa, mas também a falta de meios para a concluir acabou por determinar que não fosse pintada, resultando no aspecto inacabado que esta ostenta hoje em dia. O revestimento é portanto, em reboco.

O acesso ao primeiro piso é feito uma vez mais por uma escada exterior situada na fachada Norte do edifício, o que revela um processo de construção faseado, algo admitido pelo proprietário. O compartimento do hall de entrada permite aceder ao corredor central de distribuição que se liga à sala de estar, a dois quartos, à cozinha e às instalações sanitárias.

#### Caso de Estudo 4

Esta residência localizada ao lado do segundo caso de estudo, no cruzamento entre a Rua Principal e a Rua da Madeira, pertence a uma família natural da Madeira - que tendo sido uma das primeiras a fixar-se no bairro, determinou o nome da rua, à semelhança do que aconteceu com as ruas com nomes de ilhas de Cabo Verde - que se fixou na Amadora, representando aqui o tipo de moradia construída por portugueses não retornados de ex-colónias, que se estabelece-



Fig.40| Caso de estudo 3

ram nos chamados «quarteirões africanos». O que destaca esta habitação das demais é o facto de ter somente um piso, desafiando assim a tendência da evolução na vertical que assolou a maioria destes quarteirões. Esta situação pode dever-se tanto a uma cultura construtiva que tendencialmente não incorpora a habitação evolutiva, como a um aumento mais controlado do agregado familiar relativamente ao que se verifica com a maioria dos imigrantes africanos.

O alçado Este, que confronta a Rua Principal, revela um pequeno pátio exterior com alguma arborização. É a partir daqui que se faz o acesso à entrada da habitação. Este elemento delimitado por um muro vem ao encontro das referências da arquitectura da Macaronésia, podendo ser encontrada em diversas habitações insulares, onde se incluem diversas ilhas de Cabo Verde, mas também nos Açores e na Madeira. No que concerne à organização espacial interior, o fogo é disposto em torno de um corredor de organização central, à semelhança do que sucede nas outras moradias nesta área do bairro. A nível programático, observa-se uma sala de estar generosa, três quartos, uma divisão de instalações sanitárias e duas cozinhas, sendo que, uma delas está ligada ao exterior, no quintal localizado nas traseiras da casa, onde se juntam um jardim, uma oficina, uma pequena horta e uma capoeira, evidenciando-se a origem rural dos proprietários e actuais moradores, e a preservação desse estilo de vida.

O alçado do lado da Rua da Madeira está pintado de verde e tem um carácter encerrado, à semelhança do alçado frontal. Apesar de haver uma contaminação do espaço doméstico para o espaço exterior tal como nas habitações da envolvente próxima, é notório que existe uma maior privatização do espaço exterior, dado que os muros que delimitam os quintais cortam quase por completo a relação visual com as ruas adjacentes. Evidencia-se assim uma relação de não apropriação da rua por parte da habitação, ainda que esta seja característica do quarteirão onde está inserida. Tal facto deve-se às concepções diferenciadas de espaço público e de espaço privado existentes entre estes indivíduos, que diferem substancialmente das conotadas com as culturas africanas.



Fig.41| Caso de estudo 4, vista do quintal a Este

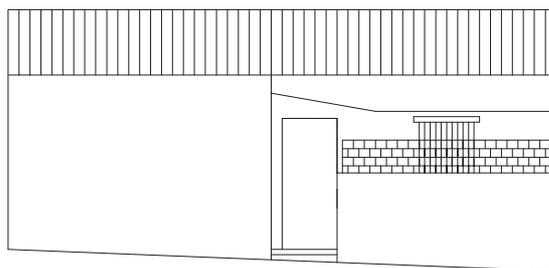
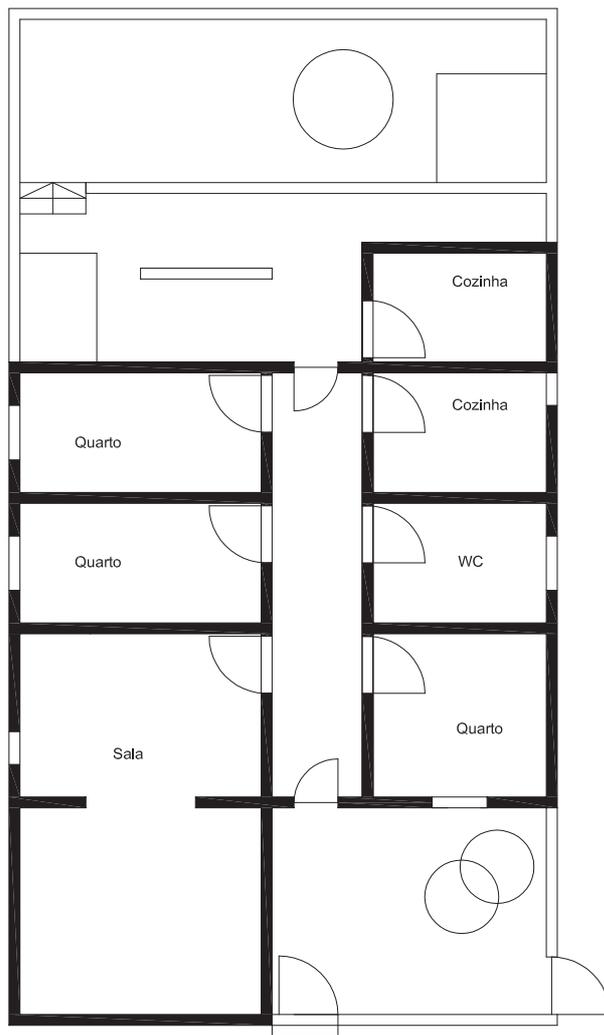
Fig.42| Caso de estudo 4, vista da fachada Sul

## Caso de Estudo 5

Este caso de estudo corresponde a uma moradia unifamiliar auto-construída em 1979, por um casal angolano que imigrou para Portugal no contexto do pós-25 de Abril. A habitação foi progressivamente contemplando o crescimento da família, pois os quatro filhos e os cinco netos regressam à casa com alguma regularidade.

Esta habitação localiza-se entre a Rua da Paz e a Rua da Glória, numa área do bairro mais interiorizada, onde as relações estabelecidas com a envolvente urbana próxima são de pouca continuidade, facto potenciado pelas fortes barreiras físicas, nomeadamente o muro da Escola D. João V e a vedação que delimita o bairro e o separa das traseiras das urbanizações a Poente. A malha urbana desta área é extremamente tortuosa, de complicada leitura e de hierarquia pouco aparente. Assiste-se aqui a uma forte densidade do edificado e à sobreocupação dos quarteirões, onde o espaço público é praticamente inexistente e onde a imagem urbana é mais degradada.

A moradia em análise é composta por três pisos. O piso térreo acolhe quatro quartos, uma cozinha com zona de arrumos, uma lavandaria, uma sala, duas casas de banho e uma garagem, havendo também um contacto com o espaço exterior por via de um quintal situado no canto Noroeste do edifício. A entrada para a residência é feita através da sala. No primeiro piso existem quatro quartos, uma sala, uma casa de banho, uma cozinha, um ginásio e um alpendre junto do espaço de escadaria. No último piso encontra-se o sótão que foi concluído recentemente, verificando-se uma vez mais o fenómeno da auto-construção faseada. A fachada Oeste é pintada, enquanto que a fachada Este está coberta de heras. A distribuição das divisões em todos os pisos processa-se através de um espaço de distribuição central e é perceptível uma lógica de configuração do espaço mais ordenada do que na maioria dos exemplos inseridos nos espaços intersticiais do «quarteirão africano». Apesar de estar inserida num sector do bairro menos ordenado e mais tortuoso, o acesso automóvel efectua-se com alguma facilidade, algo comprovado pela existência de uma oficina de reparações automóveis situada na mesma rua.



0 | 1 | 2

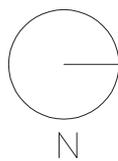


Fig.43| Caso de estudo 4, planta e alçado Este

## Caso de Estudo 6

O último caso a abordar, trata-se de uma habitação de dois pisos de génese auto-construtiva. O proprietário é de Cabo Verde, mas não é o autor da obra, tendo se fixado no bairro em 1982, altura em que adquiriu o edifício. A moradia situa-se num beco próximo da Rua da Glória e da Rua do Rosário, relativamente próxima do caso de estudo anterior. Assim, situa-se nos espaços intersticiais do quarteirão africano, numa área onde o espaço público é inexistente. A moradia tem dois pisos, correspondendo o piso térreo ao espaço de garagem e o primeiro piso, de acesso através de uma escada exterior, corresponde ao espaço habitacional.

O espaço doméstico encontra-se disposto por um corredor de distribuição central que liga a escada de acesso aos dois quartos, a uma cozinha, à casa de banho e à sala de estar. O contacto com o espaço exterior faz-se através de uma varanda acessível através da cozinha e de um dos quartos. Apesar da estrutura uma vez mais se assemelhar com o esquema descrito por José Manuel Fernandes, mencionado no capítulo anterior, o desenho de fachada contudo não se processa através de um esquema janela/porta/janela, pois o vector que orienta a moradia é alinhado com o sentido da rua. Nesta área o acesso automóvel já é feito com alguma dificuldade, pois as características das ruas adjacentes ao quarteirão não contemplam essa circulação. O nível de degradação do edificado é tendencialmente superior nesta área relativamente aos outros sectores visitados e analisados. Os desafios às normas do RGEU são mais evidentes nesta zona nuclear do bairro.

Retiramos assim destes casos de estudo que a sectorização efectua-se não só entre o que foi definido pelos Órgãos Camarários como Quarteirão Africano e Quarteirão Europeu mas também pelos períodos em que se implantaram os edifícios do Quarteirão Africano. Se esta especificidade cultural tem elementos de interesse, verificam-se fundamentalmente problemas de acesso, de salubridade, de estabilidade estrutural, sempre que uns edifícios se apoiam noutros. Verifica-se que o modelo urbano da cidade é independente de interesses e vontades políticas, livre de qualquer controlo governamental e é regido fundamen-

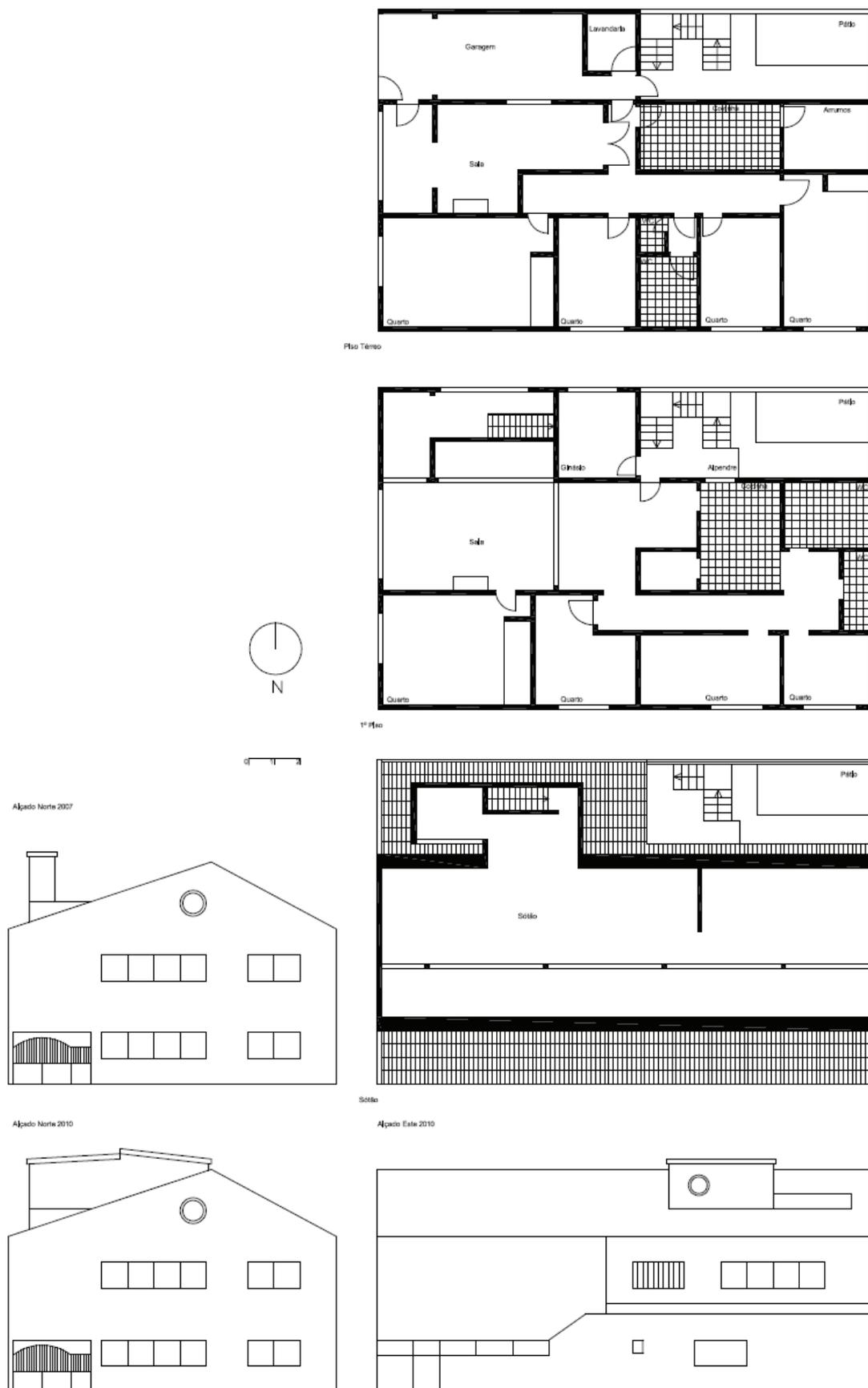


Fig.44| Caso de estudo 5, planta do piso térreo, 1º piso, sótão e alçados Norte e Este

talmente pelo senso comum de quem se entrega à prática desta arquitectura informal. Os modelos espaciais de cidade e de casa não encontram assim paralelo em nenhum dos exemplos referidos, havendo uma profunda manifestação não só cultural mas também individualista, uma arquitectura do «eu».

É possível, através desta análise a estes casos de estudo, extrair algumas conclusões. Em primeiro lugar, que existem duas metodologias para o edificado: o africano e o europeu, carregando ambas diferentes modos de definição de espaço privado e de uso de espaço público. Em segundo lugar, conclui-se que existem problemas graves na qualidade do espaço público, na oferta de serviços públicos e de programas associativos no bairro. Este carece de uma definição de áreas de circulação, de pedonalização e de espaços designados para estacionamento.

No confronto com os bairros da envolvente urbana próxima evidenciam-se falhas na disciplina do espaço público de ambos os lados desta espécie de fronteira. Na Damaia não existe apropriação do espaço público e o uso étnico e multicultural é desértico. Este contraste, por um lado, reforça o estatuto da Cova da Moura como um bairro de natureza histórica com perenidade, mas levanta também algumas questões.

É desejável que se esbata esta fronteira entre o bairro e a envolvente próxima?

Pode esse eventual esbatimento conseguir contaminar as dinâmicas sociais no espaço público para os bairros limítrofes?

Ou pelo contrário, irá esse esbatimento diluir as dinâmicas sociais minimizando as características especiais do Bairro da Cova da Moura?

No trabalho elaborado no âmbito da cadeira de Projecto V em 2009/2010, algumas estratégias procuraram gerar alguma continuidade com a envolvente urbana do bairro com o objectivo de melhorar a integração dos moradores e reduzir a exclusão social. Outras estratégias optaram por reforçar o carácter fechado do bairro para manter a sua especificidade. Será possível compatibilizar essas ideias?



Fig.45| Fachada Norte coberta de hera

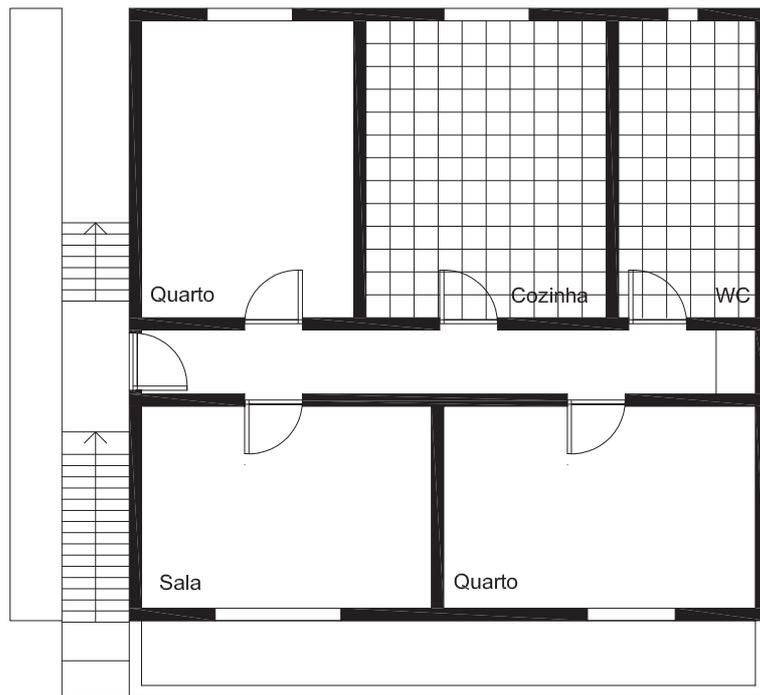
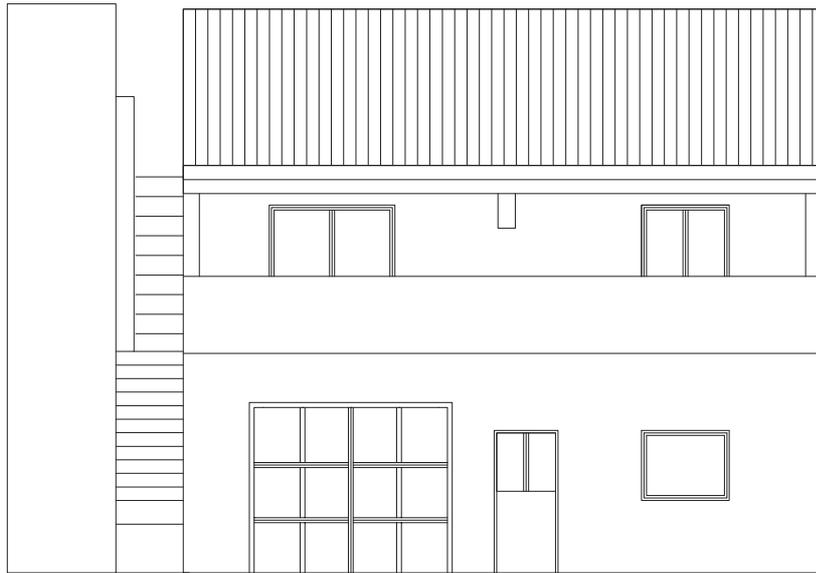
Fig.46| Fachada Este

## Que caminhos para a requalificação?

Nos inquéritos efectuados aos moradores<sup>29</sup> do Bairro por docente e estagiários da Faculdade de Arquitectura, determinou-se que a grande maioria dos residentes (cerca de 70%) gosta de morar no Bairro no Alto da Cova da Moura. Uma maioria ainda mais significativa propõe o investimento e melhoria do mesmo (88%). A maioria dos moradores habita no bairro há mais de 19 anos (60% em 2007), correspondendo à primeira vaga ocupacional, que seguiu o 25 de Abril e consequente instalação de retornados e imigrantes. Apenas 16% afirma residir no bairro entre 10 e 19 anos e 22 % afirmam residir há menos de 10 anos, fruto da última vaga de imigração, da última década.

Em relação à habitação e condições de habitabilidade, observamos que 75 % dos moradores é proprietário da casa em que mora, contra 20% que afirma viver em casa alugada. Quando inquiridos acerca da melhoria da sua própria habitação, 77% afirma estar disposto a investir na sua casa, sendo que 60% dos moradores foram também os construtores das habitações onde a família mora. O motivo pelo qual as pessoas gostam tanto de habitar na casa própria e de pretenderem investir nela prende-se com a construção e adaptação ao longo dos anos, ao seu gosto e à sua necessidade. Esta personalização do espaço é assim o principal motivo pelo qual se observa este fenómeno de auto-construção desenfreada. Um outro factor apontado como positivo pelos moradores é a presença, em algumas casas, de um quintal ou jardim, com pequenas hortas, sinal

<sup>29</sup> LOPES, Anaísa, *Habitar. Etnicidade. Tipos habitacionais existentes no Bairro do alto da cova da moura: caracterização e qualificação*, 2006-2007, p.42



1º Piso

0| 1| 2

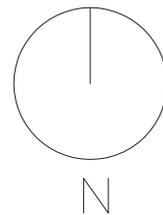


Fig.47| Caso de estudo 6, planta e perfil

das suas origens rurais.

Um dos elementos que parece evidente é o gosto pelo bairro e o que a construção e manutenção deste simbolizam para a comunidade num sentimento de «empowerment» enfatizado pela filosofia de uma das suas principais associações locais, o Moinho da Juventude<sup>30</sup>. Esta é uma das problemáticas fundamentais ao colocar a opção de realojamento: é pouco provável que se consiga reproduzir essa dinâmica caso se reestruture o bairro de forma a ficar descaracterizado. Os laços comunitários gerados pela dinâmica do bairro são tendencialmente superiores do que noutros bairros, como se pode testemunhar pela filosofia do Djunta Mó. A discriminação a que foram sujeitos estes moradores se, por um lado conduziu à exclusão social, por outro lado acabou por fazer com que houvesse maior solidariedade interna entre os residentes.

A deslocação para unidades de habitação eventualmente melhores do ponto de vista construtivo poderia provocar uma ruptura nas suas redes sociais. Relacionado com isto surge o espaço exterior associado à sua construção identitária e gerador dos seus mecanismos sociais.

Outra questão que a deslocação para novas unidades de habitação social frequentemente negligencia é a localização dos negócios locais dos moradores que tende a ser próxima da residência. Não são incomuns os casos onde um proprietário de uma unidade de restauração ou de um cabeleireiro, que residem no primeiro piso e têm o seu negócio no piso térreo. Uma interferência no habitat desse morador pode pôr em causa o seu modo de sustento. Hoje em dia o bairro é quase auto-suficiente ao nível de produtos de primeira necessidade - economia local especializada em produtos de etnia africana - e observamos a existência de alguns equipamentos públicos de ensino e de apoio social - creches, jardins de infância, ATL, 1º ciclo, lar de 3ª idade, polidesportivo, espaços recreativos e culturais.

Visto que a Cova da Moura tem uma micro -economia de relevo com 35 actividades diferentes, representadas por um total de 148 estabelecimentos re-

---

30 [http://www.moinhodajuventude.pt/associacao/desenv\\_empowerment.htm](http://www.moinhodajuventude.pt/associacao/desenv_empowerment.htm)



Fig.48| Um dos serviços encontrados no bairro de especificidade africana

Fig.49| Um dos exemplos de espaços comerciais no bairro

censeados, dos quais 60% se fixaram há mais de 20 anos,<sup>31</sup> podemos perceber que a sua remoção ou deslocamento afectariam o status-quo financeiro do bairro de forma significativa. As estimativas da Iniciativa Bairros Críticos<sup>32</sup> apontam para uma empregabilidade de entre 16 a 18% da população residente do bairro dentro deste. Num outro inquérito efectuado constata-se que os comerciantes são maioritariamente africanos: 64% destes indivíduos são cabo-verdianos e 9% são santomenses. Os habitantes de origem portuguesa também estão bem representados com cerca de 27% dos inquiridos a comercializar localmente.

A resistência à mudança por parte dos moradores e das Associações que os representam não é apenas, portanto, derivada do apego às referências culturais, mas também aos objectivos alcançados desde a sua permanência no país. A importância desses negócios na economia local surge apoiada na tradição local e constitui uma mais-valia cultural, mas também é um elemento de dinamização do concelho. A Cova da Moura funciona assim numa lógica contra-corrente, relativamente ao que sucede no resto da Amadora, na medida em que muitos moradores trabalham na proximidade do local de residência.

«E alguém é capaz de descortinar na Amadora evidências urbanas dessa diversidade de funções? Dessa hierarquia? Dessa sedimentação? Dessa vizinhança actuante? De hábitos enraizados em tradições locais? Encontram-se casas e gente. Cada vez mais casas e cada vez mais gente. Prédios de rendimento e inquilinos. Gente que vai e vem. Que peja as camionetas e os comboios com destino a Lisboa... Pouco mais que isso.»<sup>33</sup>

Até à data já tinha sido colocada a hipótese da demolição do bairro dado o carácter clandestino da ocupação dos lotes. O terreno pertence a quatro proprietários individuais<sup>34</sup>, sendo um deles detentor da esmagadora maioria do terreno (Francisco Canas com 18.4200 ha) e uma parte significativa pertence à Fazenda

---

31 Iniciativa Bairros Críticos, volume I – Diagnóstico ,Operação Cova da Moura, *Emprego e Actividades Económicas* , LISBOA, Julho de 2006, p.4

32 Iniciativa Bairros Críticos, volume I – Diagnóstico ,Operação Cova da Moura, *Emprego e Actividades Económicas* , LISBOA, Julho de 2006, p.9

33 AMARAL, Francisco Keil, *Lisboa, uma cidade em transformação*, 1969,p.23

34 Iniciativa Bairros Críticos, volume I – Diagnóstico ,Operação Cova da Moura, *Caracterização Urbanística e Acessibilidades* , LISBOA, Julho de 2006, p.5



Fig.50| Deficientes condições infraestruturais no bairro

Nacional. Está nesta altura em curso uma tentativa, por parte da Câmara Municipal da Amadora, para adquirir os terrenos, tendo em vista uma regularização do estatuto legal dos residentes e uma requalificação in situ, que vai ao encontro dos desejos dos moradores.

Quando inquiridos sobre a Iniciativa Bairros Críticos e o relacionamento do Gabinete de Apoio Técnico (GAT) com os actores locais - associações do bairro - na resolução dos problemas da Cova da Moura, mencionaram que as principais questões levantadas pelo Moinho da Juventude iam no sentido de prevenir a demolição do bairro pois este «é um bairro histórico, um testemunho de uma era em Portugal», havendo por parte de Godelieve Meersschaert uma comparação com o bairro histórico de Alfama, na medida em que seria «impen-sável demolir Alfama» e que o mesmo deveria suceder com a Cova da Moura.

As reuniões com o GAT tiveram início em 2006, quando a Iniciativa Bairros Críticos se manifestou de modo mais visível no Bairro, com reuniões agendadas quinzenalmente<sup>35</sup>, mas que progressivamente se tornaram reuniões semanais. Houve muitas «semanas em que as reuniões tinham lugar duas e três vezes por semana»<sup>36</sup>, e onde o objectivo apontado pelos moradores e pelas associações que os representavam visava, antes de tudo mais, uma requalificação do bairro existente, exaltando que este era um bairro histórico e que teria grande potencial de ser um ponto de atracção turística. Embora questionável, esta afirmação sublinhara alguns tipos de atractividade particulares deste Bairro.

Uma das reivindicações feitas pelos moradores é a da regularização das infra-estruturas do bairro. Em 1985 findam a maioria das instalações infra-estruturais mas em más condições. Heidir refere a título de exemplo os postes de telecomunicações com fios emaranhados que são alcançáveis a partir das varandas de diversas habitações, facto a que não será alheio o desenvolvimento das construções, que foram evoluindo verticalmente. Desde 1985, as infra-estruturas foram sendo gradualmente melhoradas. No que concerne aos pavimentos

---

35 Universidade Católica Portuguesa, CESS- Centro de Estudos de Serviço Social e Sociologia, Faculdade de Ciências Humanas, *Relatório Preliminar da Avaliação Externa- A Iniciativa Bairros Críticos na Cova da Moura*, Agosto de 2008

36 Godelieve Meersschaert, em entrevista a 4 de Novembro de 2010



do bairro, verifica-se que algumas zonas apenas surgem alcatroadas - aquando da visita, do então Presidente da República Jorge Sampaio, ao bairro - e outras ainda não. Recentemente, em Setembro de 2010, iniciou-se um conjunto de obras que visam melhorar a circulação pedonal e automóvel, nalgumas zonas do bairro, recorrendo-se à cimentação simples dos percursos ou escadas.<sup>37</sup>

Está igualmente em curso um processo jurídico, por parte de diversos moradores do bairro, por “usocapião”, e que abrange 70 moradias<sup>38</sup>. Este diligencia o reconhecimento da propriedade do solo. A administração Central pode ainda accionar o processo de uma DUP - Declaração de Utilidade Pública - de modo a garantir uma negociação com os proprietários privados. Caso esta negociação falhe, pode-se recorrer ao Código de Expropriações para uma avaliação dos valores de mercado para uma posterior compensação.

A questão da ruptura identitária relativamente ao espaço e aos mecanismos geradores de convivialidade instalados estão assim compreendidos no processo de salvaguarda. O relatório do LNEC<sup>39</sup> expressa um objectivo de manutenção das estruturas existentes no bairro, desde que, com a sua pronta requalificação, estas cumpram os parâmetros mínimos de habitabilidade mitigando as irregularidades apontadas relacionadas como a falta de salubridade.

A necessidade de preservação, ao longo dos anos, deve-se fundamentalmente à pressão das Associações Culturais e de Moradores do bairro sobre os órgãos camarários, sob o apelo de que este seria «um bairro histórico»<sup>40</sup> e, «tal como outros bairros históricos de Lisboa como o Bairro Alto, Alfama e a Mouraria não deveriam ser demolidos, este também não deveria ser». Se por um lado esta fractura no tecido urbano se associa a um certo tipo de “guetização”, também existe um lado vantajoso, associado aos aspectos positivos e de carácter cultu-

37 Entrevista a Heidir Correia a 4 de Novembro de 2010

38 Iniciativa Bairros Críticos, Operação Cova da Moura, Volume I – Diagnóstico, *Situação Fundiária e Urbanística: Síntese e Elementos para a Construção de Uma Estratégia de Intervenção*, 2010, p.3

39 LNEC-Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Departamento de Edifícios, Núcleo de Arquitectura e Urbanismo, Proc. 0806/01/16942, *Colaboração do LneC na Análise das Condições de Habitabilidade do Edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura - Relatório de Síntese*, LISBOA, Novembro de 2008

40 Iniciativa Bairros Críticos, volume I – Diagnóstico, Operação Cova da Moura, *Caracterização Urbanística e Acessibilidades*, Julho de 2006, p.3



Fig.51| Vista aérea de Alfama

ral, que se foram manifestadando ao longo dos anos. Esta fragmentação torna-se assim um motor para revelar uma riqueza acrescida na utilização da cidade, por via de uma percepção diferenciada dos seus percursos, de paisagens, de actividades e de alternativas de vivência sócio-cultural.

Neste último aspecto, reflectindo sobre a singularidade dos bairros que transportam consigo o imaginário da cidade tradicional, verificamos que mesmo o Bairro Alto, Alfama ou a Mouraria têm um passado de situações físicas e sociais bem complexas. Reconhecendo e salvaguardando as devidas diferenças, ao reconhecer o potencial de transformação ancorado num «património de construção» comum, este não pode ser apagado sem que as consequências sejam devidamente avaliadas.

O termo “histórico” surge pois o Bairro da Cova da Moura é um testemunho edificado de um período após o 25 de Abril de 1974, onde podemos encontrar uma comunidade que representa a migração, a discriminação, a ocupação e o povo ultramarino. O contexto de revolução e a atitude dos moradores que não arredam pé do local reforçam a filosofia do «povo é quem mais ordena» que definiu o bairro. Os costumes, as tradições e as vivências específicas do Bairro ajudam a validar o bairro como uma comunidade ultramarina.

A fragmentação e o distanciamento com a envolvente urbana próxima são por um lado, elementos que podem conduzir à exclusão social, mas também podemos falar numa envolvente urbana próxima similarmente desqualificada, ainda que mais ordenada:

«...E a Pontinha e a Damaia, sem falar na Quinta da Brandoa e noutros núcleos do género! (...) Que desolação! Que Secura! Que desamor!...Desamor é o termo justo, adequado. Dum modo geral, tudo aquilo é pobre de qualidade arquitectónica. Pobre de imaginação criadora, mas não desprezioso. De ponta a ponta repetem-se as fórmulas de um modernismo indigente, de quinta ordem, em projectos fabricados por baixo preço, segundo padrões de compartimentação interna correspondente a uma experiência gananciosa de tabelamento de rendas e de lucros; e padrões de composição de fachadas, que ingenuamente



Fig.52| Rua da Cova da Moura

Fig.53| Rua de Alfama

se supõe serem modernos, do nosso tempo.»<sup>41</sup>

No que concerne à caracterização dessa envolvente, verifica-se que a construção é conduzida numa perspectiva de negócio, onde o desprezo pela correcta orientação solar, vistas, e arborização se evidenciam, e a definição de espaço público é deficiente:

«Quanto às ruas e praças – aos espaços livres para usos comuns de trânsito e amenização -, satisfazem as necessidades das deslocações, garantem aos automóveis um acesso a todas as portas... e afligem pela segura, o desconforto, o desamor com que foram concebidos, equipados e com que são mantidos.»<sup>42</sup>

O espaço exterior do bairro da Cova da Moura, ainda que não sirva adequadamente a sua população, encontra-se contudo em actividade constante, por oposição aos exemplos anteriores onde a envolvente espaçosa está desprovida de vida e actividade. A diferenciação que Keil do Amaral estabelece entre os bairros históricos e os grandes empreendimentos habitacionais massificados encontra paralelo na Cova da Moura e na sua envolvente.

Com efeito, neste momento o bairro é um testemunho construído de uma época num contexto de pós-colonização, e de grande ou enorme mobilidade entre o território africano e o território português. Este carácter histórico do local acrescida à riqueza cultural associada à tradição e aos costumes cabo-verdianos, tem um notável potencial turístico-histórico que pode ser rentabilizado, constituindo-se numa efectiva mais-valia económica, que já está a ser aproveitada pelas associações culturais locais.<sup>43</sup>

A diversidade cultural aliada à população jovem do bairro constitui um recurso cultural que promove actividades ligadas à música e à dança, tendo alguns grupos, associados a estas actividades, vindo a ganhar alguns prémios - o grupo Finka Pé, no Festival do Documentário Europeu - e actuado em locais como a Fundação Calouste Gulbenkian, em parceria com músicos de destaque

41 AMARAL, Francisco Keil, *Lisboa, uma cidade em transformação*, 1969, p.81

42 idem, *ibidem*

43 [http://www.moinhodajuventude.pt/requalif\\_bairro/sabura.pdf](http://www.moinhodajuventude.pt/requalif_bairro/sabura.pdf)

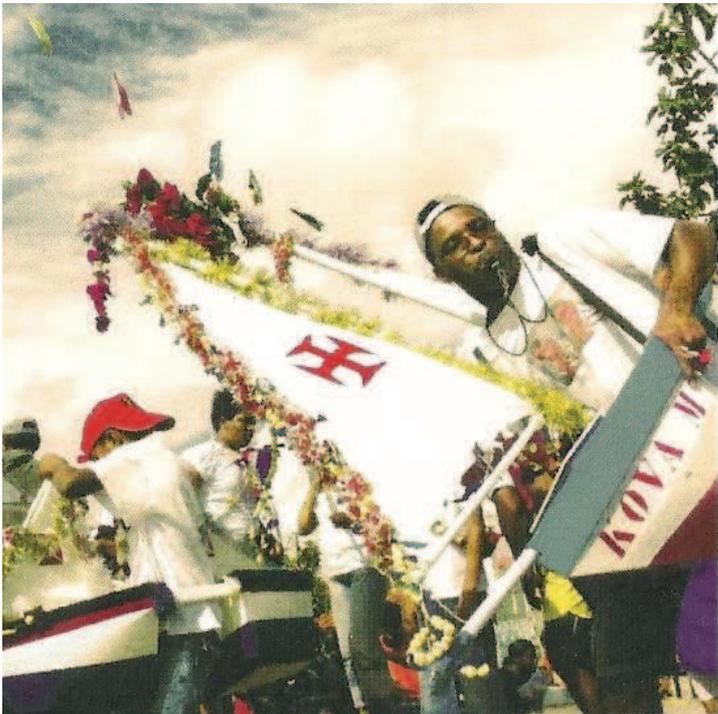


Fig.54| Festas do Kola San Djon

do panorama nacional e internacional. A culinária africana também constitui um atractivo para os restaurantes existentes no local, com pratos como a Cachupa, a Moamba, o Kalulu, entre outros, que são procurados por crescentes grupos exteriores ao bairro.

Os actores locais, como a Associação Cultural Moinho da Juventude, por via do projecto Sabura, procuram propulsionar com algum êxito a passagem de uma imagem positiva do bairro, onde é possível conhecer a gastronomia local e os cabeleireiros africanos, apreciar os graffittis, as danças e a música africana. A festa de Kola San Djon costuma ser o auge dessa expressão cultural, com a presença de dança, música, debates, actividades desportivas e culinária tradicional. Verifica-se pois uma participação muito dinâmica das Instituições locais, empenhadas em que estas mais-valias sejam tomadas em consideração quando se equacionar a requalificação do bairro.

Quando questionados sobre as características positivas do bairro, os moradores declaram de modo quase unânime a sua diversidade cultural e racial, demonstrando uma forte consciência do potencial desta.<sup>44</sup> Torna-se importante analisar que efeitos terá o deslocamento dos moradores para outro habitat urbano, tanto do ponto de vista da manutenção das suas especificidades culturais como da alteração dos seus laços sociais, ainda que a qualidade da habitação fosse melhorar. Keil do Amaral exalta essas qualidades de relacionamento entre os moradores em Alfama, em detrimento do modelo de habitação em massa que se encontra em expansão. Com efeito, esta observação encontra paralelo apropriado no Bairro do Alto da Cova da Moura e no seu contraste com a sua envolvente urbana próxima:

«É a feição histórica peculiar de Alfama, por exemplo, com as suas ruelas, os seus languinhos, os seus pátios, as suas casas insalubres, as suas tabernas, que fomenta ainda hoje, entre os moradores, uma vida de relações activas, práticas especiais de vizinhança, sentimentos bairristas a até determinadas atitudes; assim como é a feição peculiar de alguns bairros recentes, pejados de prédios de rendimento rigidamente alinhados e metodicamente atulhados de gente, que

---

44 Ver tabela em do ANEXO V

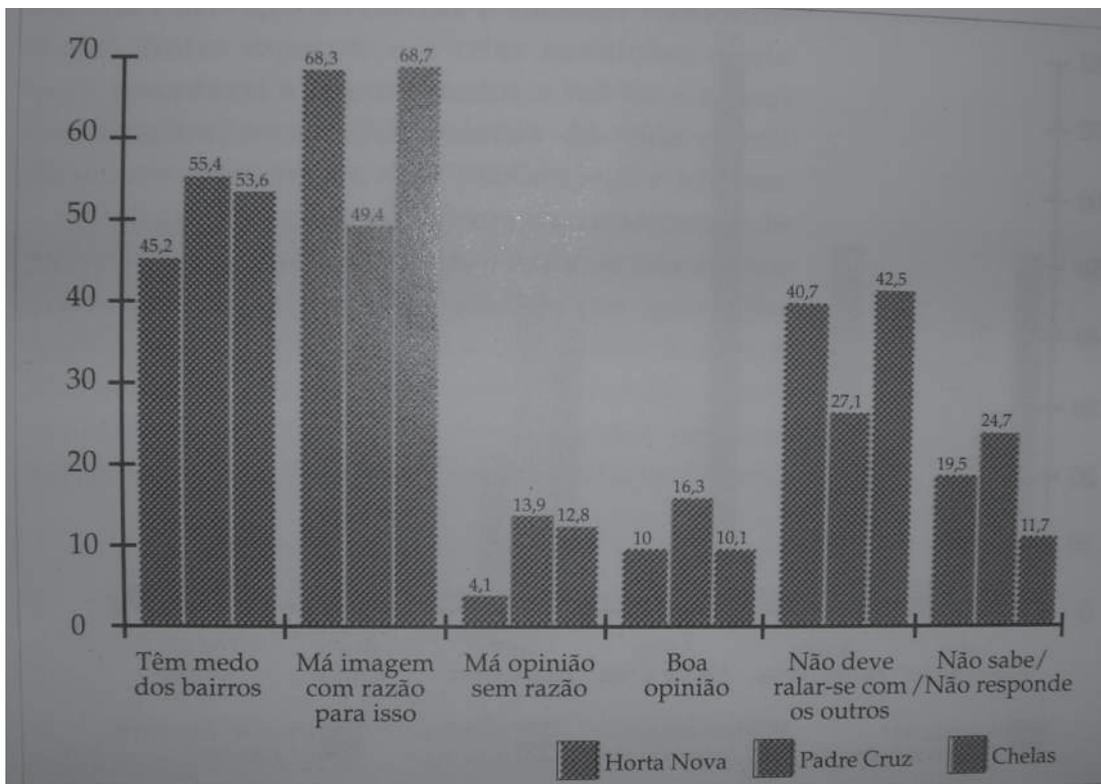
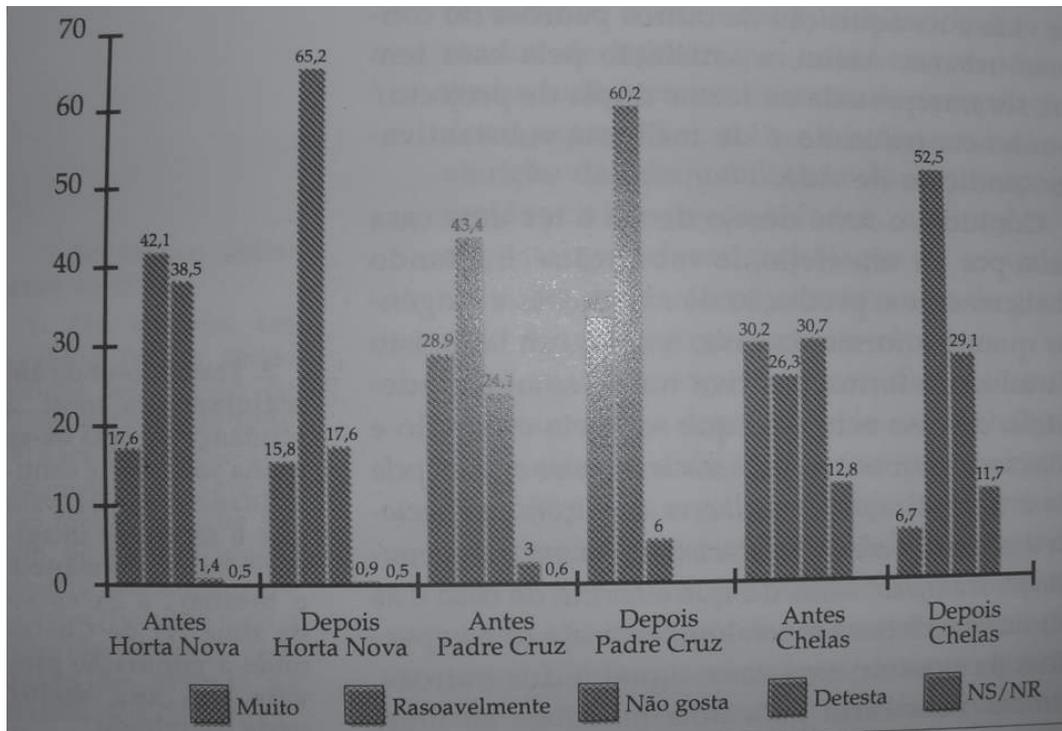


Fig.55| Gráfico da satisfação com o bairro em Chelas, Padre Cruz e Horta Nova

Fig.56| Gráfico da opinião dos residentes em Chelas, Padre Cruz e Horta Nova

contribui para um outro tipo de vida, menos espontânea e convivida – cada família isolada no seu gavetão habitacional.»<sup>45</sup>

No que diz respeito à compreensão dos laços sociais adquiridos e aos perigos da sua ruptura na construção deste espaço social espontâneo e convívio, um estudo<sup>46</sup> analisa os efeitos positivos e negativos do realojamento nos bairros sociais Horta Nova, Padre Cruz e zona N1 de Chelas nos seus residentes, procurando medir se existem realmente melhorias nas condições da moradia e no habitat urbano, quando confrontadas com o modelo anterior em que se inseriam. O objectivo é assim o de perceber se os espaços novos e o seu novo contexto urbano - as novas formas de habitar e os novos modos de vida - se adequarão aos seus novos habitantes no âmbito da promoção social e da qualidade de vida.

A autora refere que salta logo à vista nesse estudo «a discrepância entre o nível de satisfação pela casa e pelo bairro. Uma análise comparativa entre as duas principais componentes da satisfação residencial – a casa e o bairro – revela-nos, não só que a casa regista, e às vezes monopoliza, as opiniões mais positivas em relação ao novo espaço habitacional, como estrutura, e faz depender dela o gosto manifestado por este novo espaço no seu conjunto. Daí que obtenhamos globalmente níveis de satisfação bastante elevados, mas nitidamente dirigidos à casa, expressando, assim, uma associação clara entre a conquista de uma casa condigna e a melhoria geral das condições habitacionais.

Tais níveis de satisfação serão facilmente compreensíveis se pensarmos na precariedade das condições habitacionais anteriores ao realojamento e na manifesta incapacidade, interiorizada por esta população, de intervir na alteração de sentido positivo dessas condições. O facto de se ter agora uma casa, projecto mais importante das suas histórias de vida é, por si só, despoletador de um enorme sentimento de satisfação, à margem das características morfológicas e dos modelos habitacionais onde foram realojados e das condições habitacionais do novo espaço residencial.»<sup>47</sup>

45 AMARAL, Francisco Keil, *Lisboa, uma cidade em transformação*, 1969, p.197

46 PINTO, Teresa Costa - *A Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: O gosto pela casa e o desgosto pelo Bairro*, Sociedade e Território, nº 20, Abril 1994.

47 PINTO, Teresa Costa - *A Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: O gosto pela casa e o desgosto pelo Bairro*, Sociedade e Território, nº 20, Abril 1994, p. 38



Fig.57| A rua enquanto espaço culinário na Cova da Moura

Fig.58| A rua enquanto espaço culinário em Alfama

Se existe porventura satisfação por parte dos residentes com as condições de habitabilidade nas zonas de realojamento, o mesmo não se pode dizer da reacção ao novo habitat urbano: o bairro.

«...o bairro aparece como objecto de uma apreciação fortemente negativa, fundada numa imagem igualmente negativa e estigmatizante e num grande sentimento de insegurança e de desidentidade sentidos em relação ao novo espaço habitacional.»<sup>48</sup>

Os principais problemas referidos pela população são o «mau ambiente, droga, falta de segurança e má vizinhança», segundo os inquiridos. Há também uma manifesta insatisfação com as sociabilidades perdidas e os elos estabelecidos com a vizinhança anterior que estarão também na raiz deste descontentamento com o ambiente do novo bairro. A questão do desenraizamento assume contornos danosos, se observarmos que na Cova da Moura existe uma comunidade bastante activa e participativa nos acontecimentos do bairro. Nas visitas efectuadas à Cova da Moura, independentemente da qualidade construtiva, era possível perceber um agrado geral com a vizinhança, crianças a jogar á bola e idosos á conversa na rua, que é um fenómeno incaracterístico na Amadora, pois é conhecida pelos movimentos pendulares da sua população entre o espaço onde trabalham – Lisboa – e o espaço onde dormem, favorecendo o que se pode chamar de desenraizamento da população.

«A ausência dessa filosofia do conhecimento urbano parece-me manifesta e lamentável quanto a estes aspectos, que se me afiguram primordiais. E não tenho por incompatível a grande expansão citadina com a preservação de hábitos e aspirações permanentes do povo. Em moldes que, naturalmente, já não poderiam ser dos velhos pátios, ruas e bairros, mas outros, actualizados, deveriam ter sido procuradas soluções para que os habitantes da cidade nova não se diminuíssem socialmente, transformando-se em indivíduos cada vez mais isolados e desenraizados – gente que habita, transita, trabalha e vê a televisão, mas vai perdendo gradualmente o seu sentido de vizinhança e de cidadania;

---

48 PINTO, Teresa Costa - *A Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: O gosto pela casa e o desgosto pelo Bairro*, Sociedade e Território, nº 20, Abril 1994, p. 37



Fig.59| Convívio numa festa de Bairro na Cova da Moura



Fig.60| Convívio numa festa popular em Alfama

gente que mora num extremo da cidade e tem o seu emprego no outro extremo; que não lançou raízes afectivas onde mora; que frequentemente nem sequer conhece os outros inquilinos do seu prédio; que não convive, nem participa...»<sup>49</sup>

Esses elos sociais são de grande importância para uma comunidade imigrante e fazem perceber o problema vivido nestes exemplos acima mencionados. Existe uma insatisfação geral com a qualidade da construção, mas segundo Heidir, que acompanhou a visita à Cova em 2009, a população está satisfeita com o local e com os laços sociais aí estabelecidos, existindo uma comunidade com grande interesse nas actividades de bairro - refere que as crianças frequentam o espaço lúdico da Associação Moinho da Juventude e existem, inclusivé, artistas locais envolvidos num projecto musical gravado num estúdio situado no bairro. Reconhece-se a existência de criminalidade e de marginalidade na Cova da Moura, mas esta não pode ser confundida com a dimensão social do bairro.

Analisando as complexidades do realojamento em grandes empreendimentos, de realojamento massificado como elementos de inserção social, António Fonseca Ferreira refere que «os bairros de realojamento social sempre têm constituído problema, em Portugal e no estrangeiro. Desde que se iniciou a época do realojamento massificado em grandes empreendimentos de habitação colectiva, «prédios em altura» -normalmente nas periferias das cidades, segregados doutros tipos de habitação, a tendência foi para a constituição de «guetos» sociais e a rápida degradação física e vivencial dos novos bairros. »<sup>50</sup>

O autor enfatiza que a exagerada dimensão dos empreendimentos, a «transplantação» de populações com hábitos e necessidades que não se coadunam com o «anonimato dos andares», aliados a carências económicas e a problemas sociais das famílias, foram as principais explicações dos múltiplos estudos e debates feitos sobre esses casos. Exemplos comparativos que levantam questões nesta análise são os bairros de Chelas e da Horta Nova:

«Entre nós são conhecidos os problemas criados pelos bairros camará-

---

49 AMARAL, Francisco Keil, *Lisboa, uma cidade em transformação*, 1969, p. 18

50 FERREIRA, António Fonseca, *Habitação social: lições e prevenções para o PER, Sociedade e Território n° 20, pgs.8*



rios do Porto ( anos 60), de Chelas, e agora, a Horta Nova. E, se mais problemas não temos tido é porque não existiu, até hoje, uma política de habitação social quantitativamente significativa. O PER anuncia-se como essa política para as áreas metropolitanas. Dai que seja pertinente a questão: valerá a pena o pesado esforço financeiro e institucional da construção de bairros sociais, rapidamente transformados em «guettos», onde as populações melhoram de «abrigo», mas vêm agravados os problemas económicos, familiares e de relações de vizinhança? Obviamente não está em causa a necessidade de realojar as populações que vivem em barracas e noutras situações de alojamento precário. O que está em causa é a forma e as condições como o realojamento é feito. Não podemos continuar a trabalhar e a investir para criar problemas, em vez de os solucionar.»<sup>51</sup>

Levantam-se assim algumas questões relacionadas com as anteriores políticas de realojamento social e a sua validade em albergar indivíduos sem grande relação identitária com o espaço de acolhimento, pois a sua cultura muitas vezes não se compatibiliza com os modelos vivenciais propostos pelos blocos de habitação em massa de desenvolvimento vertical.<sup>52</sup>

Em segundo lugar, levanta-se a questão do modelo do habitat construído. Os bairros sociais tradicionais identificam-se facilmente pela «aridez»<sup>53</sup> e uniformidade da sua arquitectura, materiais desvalorizados, escassez (ou ausência) de espaços públicos e de equipamentos. Construídos por regra nas periferias e ocupados sem arranjo dos espaços exteriores e antes da conclusão das infra-estruturas, com total ausência ou deficiências de transportes públicos. Em suma: bairros estigmatizados, segregados de serviços e de comunidade urbana. É assim evidente que este tipo de intervenções, para além de tendencialmente perpetuarem a estigmatização existente relativamente ao bairro, não acrescentaria espaços públicos particularmente qualificados para usufruto dos moradores

---

51 FERREIRA, António Fonseca- *Habitação social: lições e prevenções para o PER*, Sociedade e Território nº 20, 1994, pg.8

52 Como se poderá ver pelas experiências efectuadas nalguns países africanos, no capítulo seguinte

53 FERREIRA, António Fonseca- *Habitação social: lições e prevenções para o PER*, Sociedade e Território nº 20,1994, pg.9



Fig.61| Pantera Cor-de-Rosa, Chelas

– que é um dos problemas urbanísticos de resolução fundamental na Cova da Moura.

«A participação e implicação das populações em todo o processo são condição fundamental do sucesso. A organização é auto-responsabilização dos moradores, desde a preparação do realojamento, distribuição de fogos, gestão e conservação dos bairros, é obrigatória. Só desta forma as populações se sentirão implicadas e identificadas com o processo e os futuros bairros.»<sup>54</sup>

Deverá por um lado haver uma forte participação da população moradora para que os espaços ocupados tenham a necessária utilização e manutenção por parte da população residente. Ao mesmo tempo que se pretende uma política de manutenção dos códigos e hábitos culturais que constituem uma mais-valia do bairro, que é necessário que a intervenção consiga promover as continuidades formais e espaciais com a envolvente urbana próxima, de modo a amenizar ou eliminar a exclusão social. Nos casos em que o realojamento se verifique no próprio bairro, torna-se fundamental descodificar os elementos que constituem uma obstrução à diluição da habitação de fim social no restante contexto urbano. A solução mais evidente parece ser a eliminação ou redução de elementos vulgarmente conotados com a habitação de cariz social, de modo a que estes edifícios se confundam com o restante meio urbano.

António Baptista Coelho revela que a política de habitação social em Portugal tem errado neste aspecto e aponta os elementos conotados com esta prática construtiva:

«A integração social e física dos empreendimentos é a resposta, porque ninguém gosta da «esmola/caridade» habitacional bem patente em estigmas residenciais (ex<sup>o</sup> centenas de pequenas janelas iguais, cores mortíferas, etc.), no sítio onde mora.»<sup>55</sup>

Verifica-se assim que as tipologias de realojamento deverão contemplar a diversidade formal para que não haja uma conotação com um espaço destina-

54 idem, *ibidem*

55 COELHO, António J. M. Baptista - *É Preciso Integrar a "Habitação Social" na Continuidade Urbana*, Sociedade e Território, nº 20, 1994, p. 71-78



do à habitação social. Este conjunto de características enunciadas aponta um conjunto de elementos morfológicos e tipológicos que deverão ser evitados, para que essa associação não seja tão evidente e para que estes edifícios surjam com um sentido de continuidade urbana.

Se esta situação se aplica na expressão formal dos edifícios, essa situação não é menos verdade quando aplicado á disciplina urbanística, pretendendo-se continuidade de espaços ao invés de um conjunto de organismos desagregados. Kevin Lynch<sup>56</sup> dizia que «qualquer boa cidade é um tecido contínuo e não um tecido celular». Baptista Coelho subscreve esta linha de pensamento:

«A «habitação social» só deveria ser considerada num contexto de zona urbana, nova ou «de preenchimento», multissocial e multifuncional, assegurando continuidade/contiguidade com outras áreas urbanas vitalizadas e socialmente equilibradas. A solução passa pela eliminação dos chamados Bairros Sociais ou mega-estruturas edificadas e procurar uma adequada integração social que não tem de ser necessariamente com a habitação colectiva. O que deve ser colectivo, sim, é o exterior residencial. Ou nas palavras de Keil do Amaral<sup>57</sup>, a qualidade arquitectónica deve estar associada a «conjugações significativas de edifícios correntes com boa qualidade arquitectónica».<sup>58</sup>

A estruturação do exterior das zonas de residência destinadas à habitação social deverão ser fortes e coerentes, pois «Avenidas que não conduzem a nada e cuja grande largura não corresponde a nenhuma função são sempre desertos cheios de poeira».<sup>59</sup>

É o que sucede em diversos casos de planeamento urbano nas zonas que envolvem as habitações de carácter social, sendo um exemplo claro a zona de Chelas, cujos espaços públicos qualificados nunca chegaram a existir.

«Torna-se necessário questionar e aprofundar as bases / fundamentações desta situação [criminalidade e insegurança urbana], de forma a não perspectivar o

56 LYNCH, Kevin- *A Boa Forma da Cidade*, p. 57

57 AMARAL, Francisco Keil- *Lisboa uma cidade em transformação*, 1969, p.58

58 COELHO, António J. M. Baptista - *É Preciso Integrar a "Habitação Social" na Continuidade Urbana*, Sociedade e Território, nº 20, 1994, p. 71-78

59 idem, ibidem



futuro repetindo os maus exemplos do passado.

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer o fracasso das propostas sócio-arquitectónicas dos bairros sociais dos anos 60 e 70, do tipo Chelas ou «plano integrado». Fracasso não apenas no modelo arquitectónico (pese embora o reconhecimento do extremo cuidado e da boa intenção dos projectistas), mas também das soluções urbanísticas – na densificação, na desintegração e no inacabamento dos projectos (exteriores e equipamentos nunca feitos), nas normas de atribuição dos fogos (centralizadoras e burocráticas), etc, etc.»<sup>60</sup>

Se por um lado existe um problema na Cova da Moura que se reflecte na ausência de espaço público, também é verdade que é comum haver uma ocupação dos espaços destinados ao realojamento antes que estes estejam devidamente providos de espaços públicos, situação que por vezes se arrasta por tempo indefinido, não oferecendo resposta concreta para o problema antes vivido. E se a configuração espacial de um bairro como o da Cova da Moura dificulta a acção policial e a conseqüente criminalidade, que é produto da falta desta, verifica-se que nos bairros de realojamento não houve melhorias significativas nestas matérias.

«Ainda não se contabilizaram os custos sociais da criação de «mega-células» habitacionais isoladas, fisicamente segregadas (em relação à vida na cidade e ao próprio solo de implantação). Hoje em dia a polícia já lá não vai.»

«Já houve crimes em galerias comuns (perigosas - conseqüentemente com uso mínimo - e por isso cada vez mais com pior uso). Quanto tempo faltará para se começarem a demolir esses mega -edifícios, que, no entanto, em Portugal continuam a ser feitos.»<sup>61</sup>

Ao mesmo tempo salienta-se uma estandardização de modos de vida por imposição de dado habitat urbano que conduz a uma abstracção do indivíduo, algo particularmente danoso quando nestas comunidades residentes em Bair-

---

60 GUERRA, Isabel- *As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas*, Sociedade e Território nº 20 ,p. 11-16

61 COELHO, António Baptista. *Apropriação e satisfação residencial*. Sociedade e Território nº 25/26, p. 147



Fig.62| Pantera Cor-de-Rosa, Chelas

ros Críticos têm uma diferente percepção simbólica da habitação. A casa surge como símbolo do «eu», tanto pela diversidade implementada em cada volume construído como pela participação nesse processo construído. A participação permitiria uma abordagem ao projecto que contempla as vivências específicas para aquele conjunto concreto de moradores. Os códigos culturais africanos e as suas rotinas poderiam ser contemplados no processo de desenho tanto do espaço doméstico como os espaços exteriores que os servem.

«O arquitecto suíço Honneger contou uma vez a história de um bairro construído no Norte de África sob a sua orientação, para indígenas mal alojados. Dotou as casas com várias comodidades modernas, entre outras água canalizada, e julgou-se credor do reconhecimento dos moradores; mas as mulheres reagiram de modo imprevisto. Não gostaram. A facilidade da água canalizada privava-as da oportunidade de irem à fonte encher os cântaros. Preferiam –asseguravam vivamente – os velhos tugúrios.(...)O que elas condenavam, no fundo, era o facto de não lhes terem dado um substituto da fonte para a sua necessidade de convívio.»<sup>62</sup>

O anonimato dos grandes empreendimentos massificados em altura não dá assim resposta a estas questões de grande delicadeza cultural, onde uma abordagem mais sensível e mais participada podem ajudar numa transição menos violenta para um diferente habitat urbano. Verifica-se um desenraizamento da população realojada nestes empreendimentos que aliado a códigos e hábitos vivenciais que não se coadunam com os exigidos pelas novas estruturas urbanas, resultam numa estratégia que falha tanto na resposta à inserção social como na satisfação dos residentes que constituem o alvo da intervenção. Neste aspecto, podem surgir duas metodologias que podem ir ao encontro destas questões: a auto-construção assistida e a habitação evolutiva.

Ambas as práticas foram incorporadas na metodologia projectual de diversos PALOP, como se verá no capítulo seguinte, com diversos graus de sucesso. As vantagens evidenciam-se no controle de custos da construção, pois não estamos a falar de construções de raiz; em muitos casos o relatório do LNEC

---

62 AMARAL, Francisco Keil. *Lisboa, cidade em transformação*, p.42

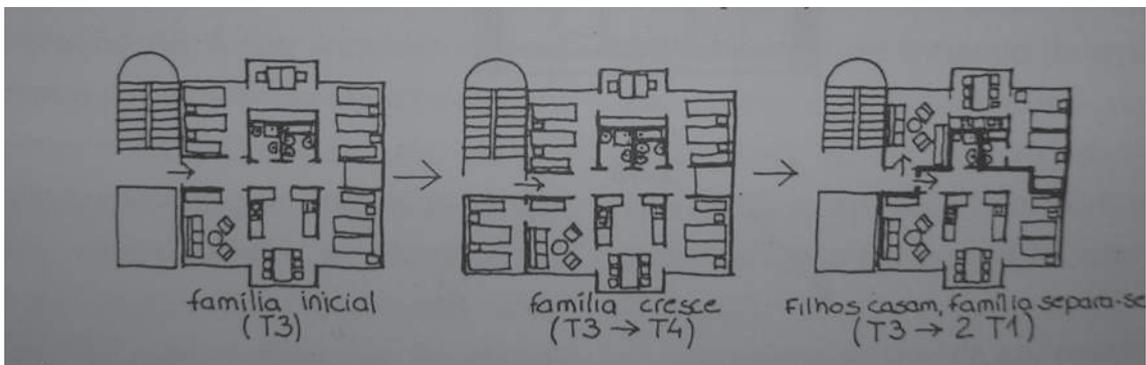
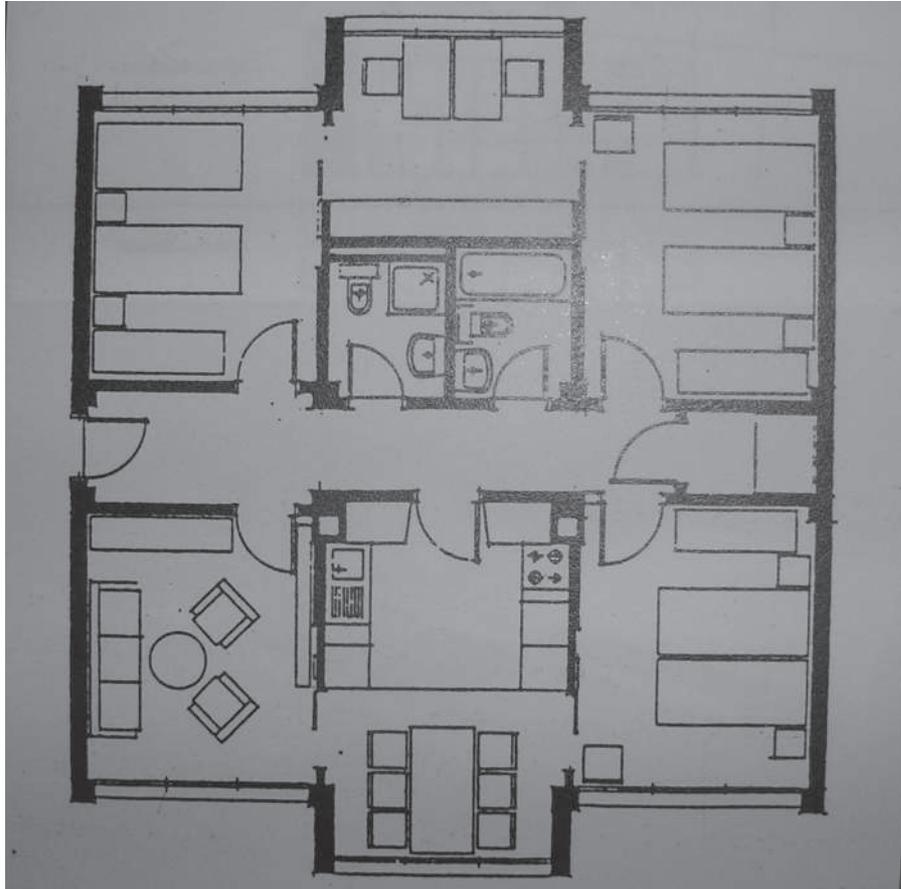


Fig.63| Projecto de Augusto Vaz Costa de habitação social para Almada

refere que uma percentagem significativa das moradias se resolvem sem o recurso á demolição e que a requalificação *in situ* é viável. A participação na obra beneficia no corte de custos.

Com a devida regulamentação e controlo do modo como a evolução do edificado se faz, é possível evitar as irregularidades construtivas que violam o RGEU e ir ao encontro dos interesses da população residente, ao mesmo tempo que se evita uma crescente especulação imobiliária no bairro. Com o consequente controlo da forma construída, pode-se aspirar à construção de um modelo urbano com maior definição e mais qualificado, pois o urbanismo anárquico que tem vigorado no bairro teria fronteiras mais claras.

Mas acima de tudo os níveis de satisfação global com a casa e a manutenção da dinâmica de bairro, que prova ser a grande mais-valia deste, seriam salvaguardados.



Fig.64| Habitações da L.O.T.U.

Fig.65| Panorama geral da periferia de Maputo

## **O que está a ser feito nos PALOP -a auto-construção assistida como alternativa**

No 1º Congresso Internacional de Habitação no Espaço Lusófono (CIHEL), foram defendidas as qualidades da auto-construção assistida como prática arquitectónica. Diversas experiências no território africano visaram utilizar habitação evolutiva de expansão modular como solução dos acrescentos ao edificando aquando das necessidades das famílias utilizadoras do espaço. Ora isto permite prever no planeamento urbano o crescimento das casas para que estas percam alguma da irregularidade da espontaneidade clandestina que danifica a qualidade urbana, mas servindo as necessidades e interesses dos residentes.

O Arq.º António P. Gameiro na conferência «O actual desenvolvimento urbano e habitacional em Angola» refere que face ao «adensamento crítico do espaço, a sua expansão rápida e a não urbanização de Luanda», foi criada a LOTU – a Lei do Ordenamento do Território e Urbanismo, onde a auto-construção dirigida é apontada como a melhor solução para a resolução dos problemas acima citados. Este é um problema de foro arquitectónico e urbanístico comum ao território africano de expressão portuguesa e à Cova da Moura, dada a enorme quantidade de imigrantes dos PALOP - a maioria deles oriundos de Cabo Verde, mas também de Angola e Moçambique.

É assim pertinente perceber em que medida o governo local desses países resolve a situação e tirar daí elementos que possam informar o realojamento no caso em estudo.

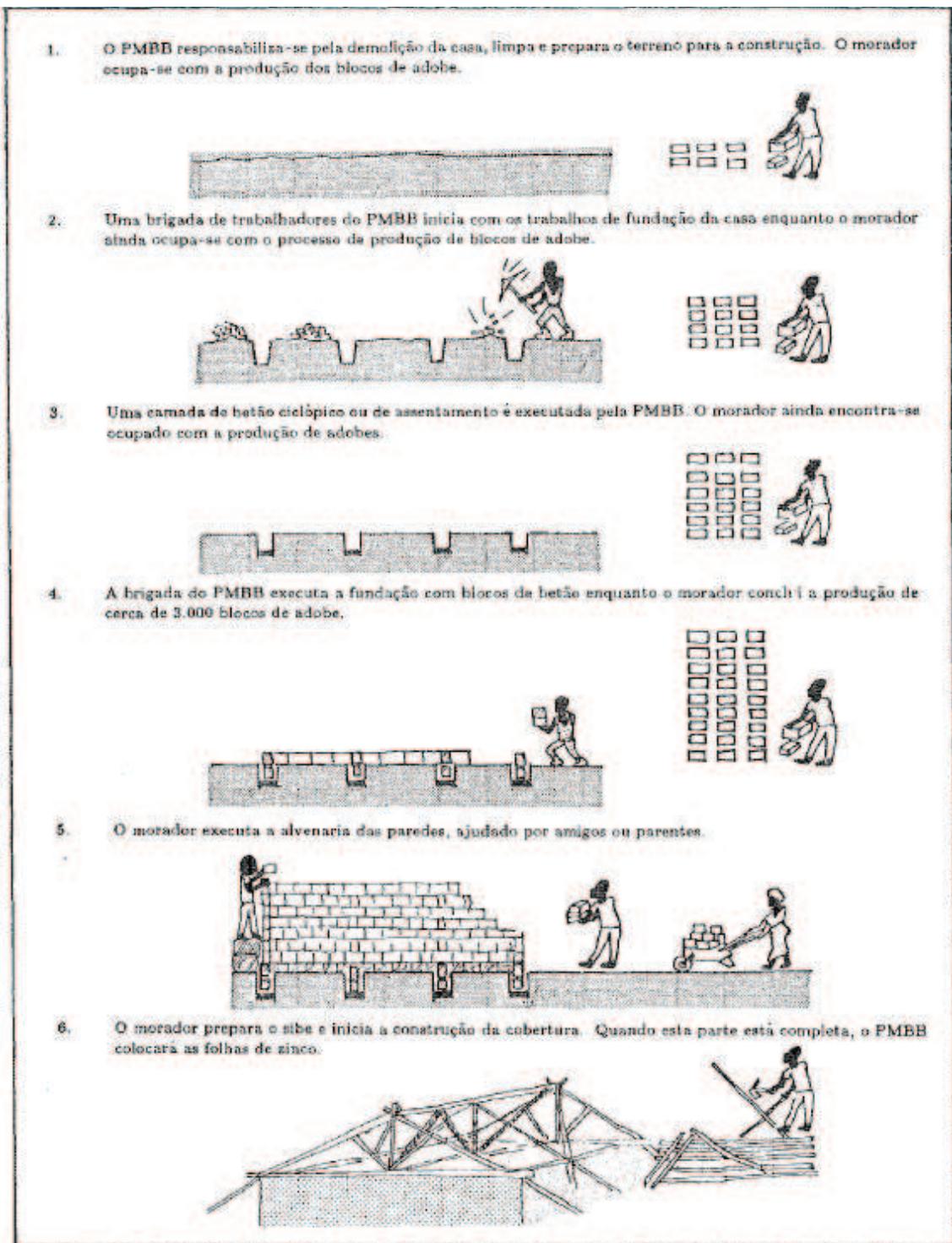


Fig.66| Processo de colaboração do morador com o PMBB, auto-construção assistida na Guiné-Bissau

O Arquitecto David Manuel Leite Santos Viana na comunicação «A Habitação Low-Cost [in]formal entre a Infra-Estrutura e a Super- Estrutura» afirma que é preciso «ter a consciência que grande parte das construções para habitação existem entre a rede de infraestruturas (ferroviárias e rodoviárias) e super-estruturas (da Natureza).» Não deixa de ser curiosa a relação evidente com o modo como a Cova da Moura surgiu espontaneamente entre duas grandes infra-estruturas, uma importante artéria rodoviária (o IC19) e uma importante linha ferroviária, conhecida como a Linha de Sintra. No que diz respeito a Super-Estruturas naturais, não é preciso ir muito longe para encontrar o pulmão da cidade de Lisboa, o Parque Natural de Monsanto. O Arqº David Viana refere ainda que o «movimento pulsante da cidade informal segue os rastros da cidade formal» e que entre esta dualidade entre o formal e o informal resulta em algo de intermédio: o [in]formal. Na mesma comunicação referiu que é «estruturante reconhecer a importância das [micro]estratégias de produção e da [auto]organização habitacional», destacando estratégias de auto-construção e as tipologias evolutivas em Maputo.

Se em Luanda e Maputo está encontrada uma tendência de resolução destes problemas habitacionais e urbanísticos por meio da auto-construção assistida, o Arquitecto Estanislau da Silva Ferreira faz luz sobre o caso da Guiné-Bissau, e revela as dificuldades e soluções apontadas para os problemas comuns nesse país («A problemática da habitação sobre o ponto de vista social na Guiné-Bissau»).

O enfoque havia sido na construção fabril até aos anos 60, quando as questões da habitação surgiram com maior prioridade. Nos anos 80 a crise habitacional já era preocupante, definindo-se nesta altura «diferentes projectos neste âmbito por esta ocasião», tendo sido fundada uma organização de construção social.

Verificam-se dois momentos distintos: uma primeira reacção a esta crise habitacional que passa pela construção em altura e uma abordagem posterior no âmbito da habitação evolutiva. No primeiro momento observamos uma evidente degradação do edifício no exterior onde é visível uma despreocupação

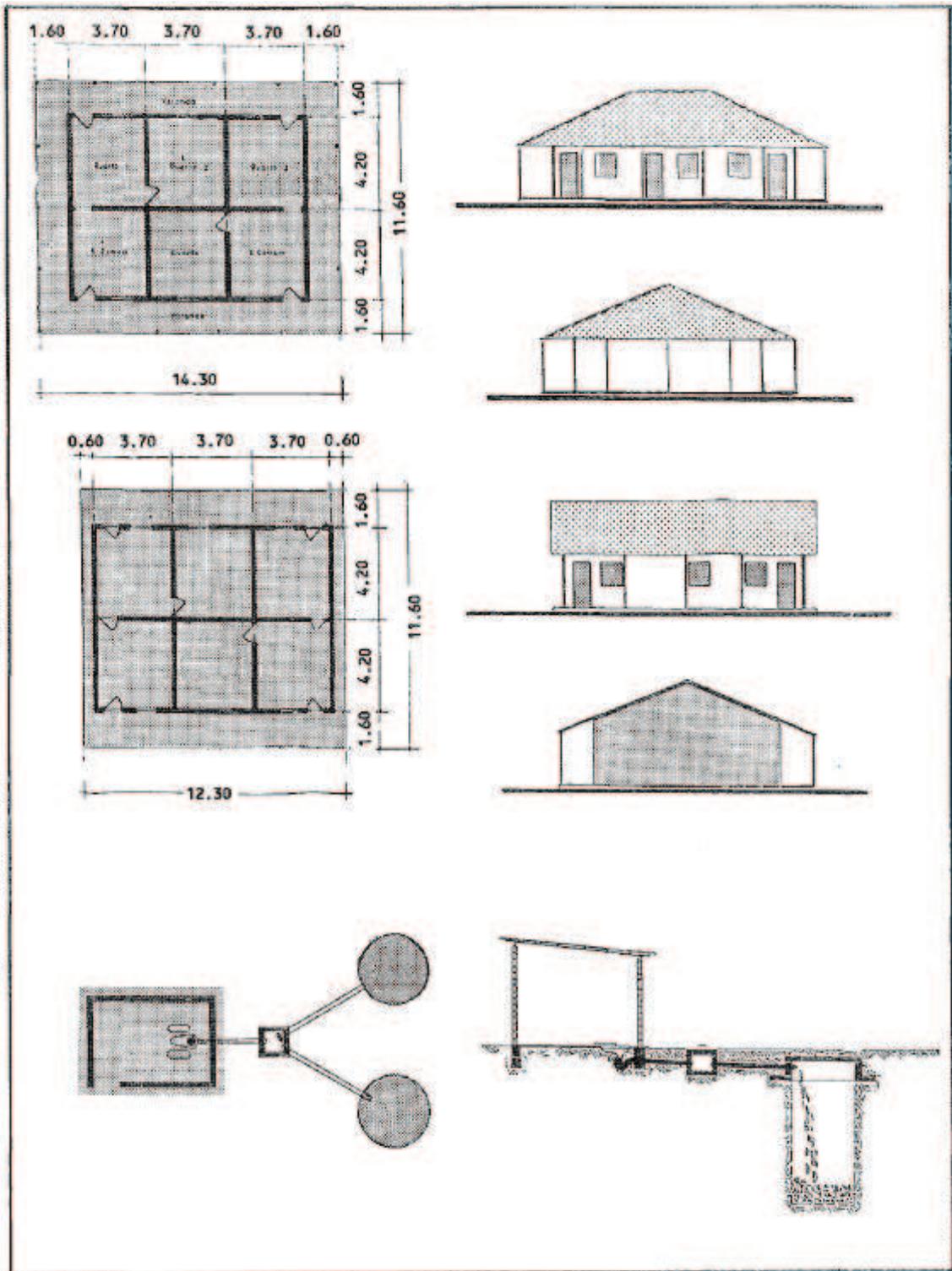


Fig.67| Detalhes de desenho da habitação e da latrina em Cupilom de Cima, Guiné -Bissau

pela manutenção externa do edifício por parte dos utilizadores do espaço. A concentração de humidade nas empenas dos prédios e nas caixas de escadas contrasta com o interior limpo das habitações. O comunicador refere que este é um problema também ao nível da educação da população residente que nunca soube o que era morar em construção vertical e como lidar com condomínios. A questão cultural e educacional assume assim também um factor importante na política de realojamento das famílias.

O segundo momento mencionado teve aparentemente uma maior participação da população visada, pois englobava conceitos de auto-construção assistida por via de um acompanhamento do Ministério das Obras Públicas. Dois exemplos a destacar da apresentação: o Bairro de Trabalhadores do MOP e o Bloco de Apartamentos Sandinos.

O primeiro exemplo é um bairro de trabalhadores , um exemplo de auto-construção assistida por via de um acompanhamento do Ministério das Obras Públicas. Os materiais empregues são o adobe reforçado com cimento, argila e areia. O segundo exemplo foi financiado pelo Banco Mundial e assenta os seus fundamentos na construção evolutiva por módulos (ver imagem) estreitos que correspondem ao T0, mas que se expandem até ao T3, ao adicionar blocos no sentido transversal.

Uma outra intervenção relevante para este tópico no CIHEL foi a de Ilídio Daio intitulada «A Célula Urbana”. Estratégia de Urbanização dos Bairros Informais nas Metrópoles Africanas: Luanda-Angola» onde refere que a espacialidade é vivida de um modo central e/ou circular e que esse pode ser contemplado no acto projectual e menciona intervenções com elementos similares aos atrás mencionados como a habitação evolutiva, a recurso aos módulos e a auto-construção como meio de concretizar a habitação. Nos exemplos que mostrou, salientam-se a presença de grandes varandas, mostrando o gosto pelos espaços ao ar livre e a utilização de painéis leves pré-fabricados como elemento materializador da proposta.

Destas comunicações retiramos paralelos com os casos nacionais já re-



Fig.68| Melhorias nas habitações de Cupilom de cima, Cabo Verde

Fig.69| Projecto de habitação social de Ilídio Daio

feridos, desde as experiências falhadas com a integração destas comunidades em habitação massificada de construção vertical, que lhes são estranhas sem um modelo educacional que os acompanhe, até aos modelos mais recentes que acompanham um modelo que não se distancia do que as Operações SAAL previam há uns anos. A reimplantação destes modelos poderia reduzir a estigmatização social sentida pelos habitantes pois estes sentir-se-iam elementos participantes no seu rumo e reduzir o espaço urbano desqualificado resultante do aparecimento da habitação espontânea, pois este estaria controlado pelo Estado. Os grandes empreendimentos em altura serão de evitar ou terá de haver uma política pedagógica para a manutenção dos espaços comuns como os corredores, as escadas e a fachada.

Neste aspecto as populações não divergem muito a nível comportamental, pois é visível em empreendimentos como a Pantera Cor-de-rosa em Chelas a degradação do edificado. Essencial é que essa transição para este tipo de empreendimento seja acompanhado de espaços públicos de partilha com comunidades adjacentes dos mais variados extractos sociais, para reduzir a exclusão social.

Um exemplo de como esse tipo de operação foi bem sucedida foram os Bairros de Caselas e da Encarnação, de Alvalade onde, segundo António Baptista Coelho<sup>63</sup>, «ela (a «habitação social») existiu um dia, embora hoje praticamente não se perceba, de tal modo foi apropriada pelos habitantes e integrada na cidade».

---

63 COELHO, António Baptista- *É preciso integrar a «habitação social» na continuidade urbana*, Sociedade e território nº 20, pag.71-78



## Conclusão

Os motivos que me levaram a estudar este bairro da Cova da Moura prenderam-se fundamentalmente com o desejo de conhecer melhor os mecanismos de construção da cidade informal. O sistema de ensino académico dota-nos de diversas ferramentas de análise à cidade formal nas suas diversas manifestações, mas neste caso concreto os elementos criadores deste bairro deveram-se a questões e limitações de ordem social muito concretas, ao sítio e à situação dos moradores, que era importante analisar. Um outro motivo que me estimulou a estudar esta comunidade foi a construção de um espaço com base em elementos identitários de comunidades imigrantes e na definição de uma solução arquitectónica e urbanística que fosse ao encontro destas pessoas.

Dado tratar-se de uma comunidade imigrante muito concreta, residente num espaço de construção informal muito concreto, a única forma de proceder a este estudo passava necessariamente por entender como se construía nos países de onde estas pessoas vieram e analisar no campo como estas pessoas construía cá. Na definição de uma zona urbana de carácter informal, cada caso é um caso. Depreende-se desta análise ao bairro um conjunto de situações interessantes:

1-O bairro tem divisões visíveis no que diz respeito à qualidade das intervenções, estas divisões são tanto um produto das referências culturais dos indivíduos que habitam as casas como das limitações espaciais que foram sendo progressivamente mais sufocantes. O quarteirão europeu beneficiou de uma implantação num espaço de construção que se encontrava praticamente libertado enquanto que nas sucessivas intervenções nos quarteirões africanos vemos uma hegemonia cabo-verdiana na sua componente construtiva. Apesar de permanência de outras culturas no local, estas não têm uma influência tão forte e tiveram de se limitar aos espaços intersticiais das construções anteriores ou ao espaço correspondente às evoluções dos edifícios já implantados.



2- A influência cultural que precede o bairro assume neste consequências de caracterização formal e espacial de alguma evidência. Exemplos disso são a multiplicação dos elementos de acesso vertical, a fachada do edifício como expressão de um estatuto social e de expressão do indivíduo, a estruturação da casa com o corredor de distribuição central, a disseminação do esquema de fachada janela/porta/janela, o processo de auto-construção da casa e o carácter evolutivo das habitações, que nos PALOP de onde os moradores são maioritariamente provenientes, servia para acomodar as necessidades do crescimento familiar, e que no bairro servem ainda como motor de ganhos financeiros através do mercado irregular de arrendamento.

3- Apesar da Iniciativa Bairros Críticos procurar interromper os processos edificatórios informais desde 2005, as sucessivas evoluções permanecem uma realidade. Esta realidade comprova-se nas análises a casos de estudo, que nos últimos quatro anos apresentam alterações, visíveis na comparação com os desenhos de composição de fachada do relatório de estágio da Arq.<sup>a</sup> Anaísa Lopes, em 2006 e 2007, e dos dados que foram recolhidos neste trabalho. Apesar do carácter evolutivo da construção não ser tão galopante como era durante os anos 90, é ainda assim uma realidade. Deste modo, perpetua-se um ciclo vicioso: por um lado os moradores sentem necessidade de melhorar aspectos estéticos e construtivos das suas casas e recorrem a estas modificações; por outro, esta situação dificulta a tarefa das equipas de projecto locais que nunca estão a trabalhar sobre dados reais. Nas sucessivas visitas ao bairro foi possível comprovar que algumas construções estavam em obras, o que atesta este diagnóstico. É fundamental que estas entidades comuniquem de modo a evitar um prolongamento deste problema. Se tal não acontecer, a requalificação do bairro sofrerá com isso.

4-O bairro é frequentemente comparado com bairros históricos como Alfama e a Mouraria, e com alguma pertinência, salvo as devidas distâncias e diferenças.

Por um lado a estrutura morfológica algo tortuosa das ruas, e a insalubridade das habitações destes bairros históricos, encontram um paralelo com as



características espaciais do bairro e com as características dos edifícios. Por outro lado, em ambos se verifica um conceito de comunidade muito coesa, onde se convive e se trabalha no próprio bairro, onde os vizinhos se conhecem e onde os elementos comuns entre as pessoas são valorizados ao invés das suas diferenças.

Numa outra perspectiva, é verdade que o bairro marca um dado momento na história do país, dado que é formado na sequência da revolução do 25 de Abril de 1974 e que marcou um período de retorno dos portugueses residentes em território africano, o que despoletou uma maior mobilidade dos africanos originários dos PALOP para o nosso país. Entretanto, o bairro foi adquirindo qualidades de construção identitária conotadas com a cultura africana e constitui, hoje, um dos maiores bastiões da cultura PALOP no nosso país, verificando-se aí uma grande diversidade de manifestações culturais que passam não só pela excentricidade morfológica do espaço urbano e das habitações que o definem, mas pela culinária, pela dança e pela língua, entre outras. Se outros países têm locais como a Chinatown em Londres, por aqui encontramos o Bairro do Alto da Cova da Moura.

Assim, torna-se difícil rejeitar a defesa do bairro e da sua requalificação *in situ*, seja pela carga cultural que este tem revelado, como pelo seu potencial turístico, enquanto espaço de excepção e diferença.

5-A definição de soluções assim não passa tanto pela demolição do bairro, mas por ir ao encontro do que faz do bairro algo único, mantendo exigências do domínio do RGEU. Nalguns casos, a demolição será inevitável, dada a precaridade estrutural do edificado.

Na intervenção deverão ser tomadas em consideração as questões acima mencionadas, no que diz respeito ao carácter diversificado da habitação. Percebe-se que a monotonia nas formas e nas cores dos grandes empreendimentos massificados de realojamento social têm um conjunto de elementos e referências visuais conotadas com esse tipo de habitação. Para evitar a segregação da população, esses elementos deverão ser evitados. A participação na construção



tem funcionado nos PALOP com efeitos positivos e o envolvimento dos moradores, em elementos simples como a cor do edificado e a escolha da solução habitacional - dentro de um limite de opções projectadas - pode fazer a diferença no que concerne à satisfação com a casa própria. A habitação evolutiva, tão característica do bairro, pode ser contemplada no acto projectual, de modo a gerir as irregularidades da gestão danosa sobre o espaço público, e a satisfazer as necessidades da população.

Nas visitas efectuadas ao bairro, ficou claro que está presente uma noção de vitalidade urbana, de existência construída e uma presença histórica, sustentadas numa vontade de permanecer no local por parte dos moradores, uma disponibilidade para participar na requalificação do bairro, auto-organização e determinação.

Concluo com a ideia clara que uma postura dialogante com a população e com os actores locais, que será o caminho indicado para a correcta gestão deste caso de estudo delicado. Se o arquitecto dialoga com o cliente para obter a solução que este almeja, porque não fazê-lo na habitação social? Nesse sentido, a Iniciativa Bairros Críticos - através do GAT - traz consigo a promessa de modificar de modo significativo a política de habitação social em Portugal, com as reuniões regulares com os actores locais para servir da melhor maneira os interesses dos moradores. Esta é uma boa oportunidade de explorar, no âmbito do projecto urbano, metodologias inovadoras e para actuar caso a caso com maior sensibilidade, de modo a explorar potenciais vantagens conhecidas das experiências externas, nos PALOP, nomeadamente no que se refere ao custo mais reduzido dos investimentos, à manutenção da coesão social e à efectiva integração dos bairros nos tecidos urbanos envolventes, evitando a “guettização”. A Iniciativa Bairros Críticos é algo inovadora no modo como procurou entender as sensibilidades dos moradores na fase de diagnóstico. Seria interessante que a fase da execução do plano estivesse embuido do mesmo carácter experimental.

Em 2011 veremos se a materialização da proposta, num projecto urbano para o bairro, correspondeu a este honorável objectivo.



## Bibliografia:

### Fontes literárias

ABRANTES, Teresa - “Efeitos Perversos” dos Bairros Sociais: Observações e Sugestões, Sociedade e Território, nº20. Porto:Edições Afrontamento. ISSN 0873-6308. (Abril 1994)p. 50-54

ALMEIDA, Bertânia. Pensar e construir habitação:O contexto do realojamento social na cidade do Mindelo. Coimbra. Darq.FCTUC. 2009.p.81

AMARAL, Francisco Keil. **Lisboa, uma cidade em transformação**. Lisboa . Europa- América. 1970. 237 p. CDU 908 (469.411)

BANDEIRINHA, José António, **O processo SAAL e a arquitectura do 25 de Abril de 1974**. Coimbra. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2007. 448 p. ISBN 9789728704766

BAPTISTA, Fernanda Manuela Morais. Paisagens espontâneas e o desejo por novas formas de habitar: o desafio dos bairros clandestinos. Lisboa. FAUTL.. 2001. Tese de Mestrado

BARBOSA, Carlos Elias Monteiro orient. João Arriscado Nunes, Vozes e olhares de fronteira: os filhos de imigrantes Cabo-Verdianos nos bairros alto da Cova da Moura e 6 de Maio ,Coimbra:Universidade de Coimbra. FEUC. 2006. Tese de mestrado

CASTRO, Alexandra. *As construções dos emigrantes e a legitimidade de uma estética singular*, Sociedade e Território nº 25/26, Porto:Edições Afrontamento. ISSN 0873-6308(1998).p.80-86

CARDOSO, Ana; PIMENTA, Manuel - A pobreza nos bairros degradados de Lisboa: alguns elementos de caracterização, Sociedade e Território, n.º 10/11, Porto,: Edições Afrontamento.(1989) ISSN 0873-6308. p. 13-24

COELHO, António J. M. Baptista - É Preciso Integrar a “Habitação Social” na Continuidade Urbana, Sociedade e Território, nº 20, Porto,:Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308. (Abril 1994) p. 71-78.



COELHO, António Baptista. Apropriação e satisfação residencial. Sociedade e Território nº 25/26. Porto. Edições Afrontamento. ISSN 0673-6308 (Fevereiro 1998)p. 140-149

COSTA, Augusto. As pessoas não são coisas que se metam em gavetas. Sociedade e Território nº21., Porto; Edições Afrontamento. ISSN 0873-6308. (Março 1995)p.72-76

CRAVEIRO, Maria Teresa. Reabilitar ou requalificar a cidade? Sociedade e Território nº10/11. Porto. Edições Afrontamento. ISSN 0673-6308 (Dezembro 1989). p.71-75

ESTEVES, Aline. Imigração e contextos locais de acolhimento: o caso da área metropolitana de Lisboa. Sociedade e Território nº 41. Porto. Edições Afrontamento. ISSN 0673-6308 p. 19-26

FERNANDES, José Manuel **Cidades e Casas da Macaronésia**. Porto: FAUP Publicações .1996.420 p. ISBN 9729483205

FERREIRA, António Fonseca. Habitação social: lições e prevenções para o PER. Sociedade e Território nº 20, Porto. Edições Afrontamento. ISSN 0673-6308, (Abril 1994) p.9

FERREIRA, António Fonseca. PIMP-O realojamento tardio, lento e desastrado. Sociedade e Território nº 10/11. Porto. Edições Afrontamento. ISSN 0873-6308 (Dezembro 1989) p. 67-69

FERREIRA, António Fonseca. O planeamento Urbanístico esá doente. Sociedade e Território nº 25/26. Porto. Edições Afrontamento. ISSN 0873-6308 (Fevereiro 1998) p.4-6

FERREIRA, António Fonseca. Para uma política de cidades. Sociedade e Território nº 29 .Porto. Edições Afrontamento. ISSN 0873-6308 (Julho 1999). p.4-12

FREITAS, Maria. Os paradoxos do realojamento. Sociedade e Território nº 20



ISSN 0873-6308 (Abril 1994)p.26-34

FREITAS, Maria.- Pensar os espaços domésticos em contexto de realojamento. Sociedade e Território nº 25/26.Porto. Edições Afrontamento. ISSN 0873-6308 (Fevereiro 1998) p.150-159

GONÇALVES, António Manuel -**A comunidade cabo-verdiana da Cova-da-Moura, projecto “Museu de Vizinhança” : elementos para uma caracterização sócio-religiosa**,Lisboa, Centro de Estudos em Teologia-Ciência ds Religiões. 2001. 47 p. ISBN 9728647069

GONÇALVES, Jorge.- Usos e Abusos do Modernismo Contemporâneo.Sociedade e Território nº 21. Porto. Edições Afrontamento.ISSN 0873-6308.(Março 1995) p. 49-56.

GROS,Marielle.- «Pequena » História do realojamento social em Portugal. Sociedade e Território nº20.Porto. Edições Afrontamento. ISSN 0873-6308 (Abril 1994) p. 80-90

GUERRA, Isabel. -Viver na periferia.Sociedade e Território nº 18. Porto.Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308 (Abril 1993). p.106-108

GUERRA, Isabel - As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas, Sociedade e Território, nº 20. Porto. Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308 (Abril 1994) p. 11-16

GUERRA, Isabel. -Economia Global e alternativas locais: metrópoles e micrópoles. Sociedade e Território nº 23.Porto. Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308.p.115-123

GUERRA, Isabel - Grupos sociais, formas de habitat e estrutura do modo de vida. Sociedade e Território, nº 25/26. Porto. Edições Afrontamento. ISSN 0873-6308 (Fevereiro 1998) p. 118-128

GUIMARÃES, Joana dos Santos,- Habitação Popular Urbana em Economias Periféricas – Autoconstrução Assistida, uma possibilidade para Cabo Verde, Prova Final da Licenciatura do curso de Arquitectura, Coimbra, 15 Janeiro de 1998



LAMAS, António. -Requalificação do Alto da Boavista: um modelo de reconversão urbana sustentável. Sociedade e Território nº 24. Porto: Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308 (Maio 1997) p. 66-72

LEITE, Carolina.-Casa de emigrantes: gosto de alguns, desgosto de muitos. Sociedade e Território nº 8. Porto: Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308 (Fevereiro 1989) p.67-71

LOPES, Anaísa. -Habitar:etnicidade:tipos habitacionais no bairro do Alto da Cova da Moura: caracterização e qualificação. Lisboa. FAUTL.. 2006-2007. Relatório de estágio.

LYNCH, Kevin. -**A imagem da Cidade**.Lisboa. Edições 70. 1960. p. ISBN 9789724414119

LYNCH, Kevin.-**A Boa Forma da Cidade**. Lisboa. Edições 70.2007. 444 p. ISBN 9789724413303

MENDES, Luís,- Urbanização clandestina e fragmentação sócio -espacial urbana contemporânea: o Bairro da Cova da Moura na periferia de Lisboa, revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2008

NEVES, Oliveira.- Reestruturação económica em meios urbano-metropolitanos: o caso da Amadora. Sociedade e Território nº 23 Porto: Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308 (Outubro 1996) p.75-80

PEREIRA, Margarida.-Os planos de ordenamento: complementaridade e conflitos. Sociedade e Território nº 24 Porto: Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308. (Maio 1997) p.73-78

PINTO, Teresa Costa - A Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: O gosto pela casa e o desgosto pelo Bairro, Sociedade e Território, nº 20, Porto: Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308 (Abril 1994) p. 36-43

PINTO, Teresa.-Modelos de habitat, modos de habitar:o caso da construção clandestina do habitat. Sociedade e Território nº 25/26 Porto: Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308 (Fevereiro 1998) p.32-44



RODRIGUES, Walter.-Comunidade caboverdiana:marginalização e identidade. Sociedade e Território nº8 Porto: Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308 (Fevereiro 1989) p.96-103

SANTOS, Carlos -A (Re) Qualificação Sócio -Urbanística da Cova da Moura, tese de Mestrado do repositório ISCTE, Lisboa, 2008

SILVA, Nunes. PEREIRA, Margarida.- Ilusões e desilusões na periferia urbana da área Metropolitana de Lisboa. Sociedade e Território. nº 5 Porto: Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308 ( ) p. 14-24

SOARES, Luís Bruno-FERREIRA, António Fonseca. GUERRA, Isabel.Urbanização clandestina na área metropolitana de Lisboa. Sociedade e Território nº 3 Porto: Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308 (Julho 1985) p.67-77

SOARES, Luís Bruno- Do DL 69/90 a um novo ciclo de ordenamento do território. Sociedade e Território nº 28 Porto: Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308 ( Agosto 1998) p. 112-118

SOLÀ-MORALES, Ignasi de- **Gonçalo Byrne: obras e projectos**, Lisboa, 1998, Editorial Blau. 194 p. ISBN 8843553100

SPELLMAN, Catherine, UNGLAUB ,Karl-**Peter Smithson Conversaciones com estudiantes**» , Barcelona, 2004, Gustavo Gili. 96 p. ISBN 842521940X

TASCHNYER, Suzana- Favelas:factos e políticas.Sociedade e Território nº 6. Porto: Edições Afrontamento, ISSN 0873-6308 ( ) p. 21-33

VICENTE, Luís Filipe L. B.-Identidade e integração: os desafios da segunda geração de cabo-verdianos: o processo de (re)construção identitária dos jovens de origem cabo-verdiana do bairro alto da cova da moura. Lisboa. UTL.1998

VIDOTTO, Marco-**Alison + Peter Smithson** , Barcelona, 1997, Gustavo Gili. 230 p. ISBN 8425216842

WEBSTER, Helena- **Modernism without rhetoric- Essays on the work of Alison and Peter Smithson**, edited by Helena Webster,London, 1997 ,Academy



editions. 224p. ISBN 1854904957

**Fontes das imagens:**

1| <http://www.cm-amadora.pt/files/2/documentos/20070626225258396606.pdf>

2| [http://nuclear.ist.utl.pt/index\\_arquivos/Cova%20da%20Moura%20zona.jpg](http://nuclear.ist.utl.pt/index_arquivos/Cova%20da%20Moura%20zona.jpg)

3| <http://www.covadamoura.pt/index.php/fotos>

4| [http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs\\_pdf\\_ibc/docs\\_cova\\_moura/III\\_caracterizacao\\_urbanistica\\_acessibilidades.pdf](http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs_pdf_ibc/docs_cova_moura/III_caracterizacao_urbanistica_acessibilidades.pdf) (p.22)

5| DAC, Marco Godinho, 2010

6-8| Foto do autor

9| DAC, Marco Godinho, 2010

10-11| Foto do autor

12| [http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs\\_pdf\\_ibc/docs\\_cova\\_moura/II\\_Dimensao\\_Socio\\_Demografica.pdf](http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs_pdf_ibc/docs_cova_moura/II_Dimensao_Socio_Demografica.pdf) (p.4)

13| [http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs\\_pdf\\_ibc/docs\\_cova\\_moura/II\\_Dimensao\\_Socio\\_Demografica.pdf](http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs_pdf_ibc/docs_cova_moura/II_Dimensao_Socio_Demografica.pdf) (p.6)

14| Fotomontagem revista *Nha Fala*, cedida por Godelieve Meersschaert

15| Fotomontagem revista *Nha Fala*, cedida por Godelieve Meersschaert

16-17| Foto do autor

18| FERNANDES, José Manuel. *Cidades e Casas da Macaronésia*, p. 316

19| FERNANDES, José Manuel. *Cidades e Casas da Macaronésia*, p. 358

20| FERNANDES, José Manuel. *Cidades e Casas da Macaronésia*, p.342

21| FERNANDES, José Manuel. *Cidades e Casas da Macaronésia*, p. 303

22| FERNANDES, José Manuel. *Cidades e Casas da Macaronésia*, p. 275



23-27| Foto do autor

28| LNEC-Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Departamento de Edifícios, Núcleo de Arquitectura e Urbanismo, Proc. 0806/01/16942, *Colaboração do LneC na Análise das Condições de Habitabilidade do Edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura - Relatório de Síntese*, 2008,p

29|Foto do autor

30| LNEC-Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Departamento de Edifícios, Núcleo de Arquitectura e Urbanismo, Proc. 0806/01/16942, *Colaboração do LneC na Análise das Condições de Habitabilidade do Edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura - Relatório de Síntese*, 2008,p

31-34| Foto do autor

35|DAC Marco Godinho, 2010 com base num levantamento de LOPES, Anaísa

36-37| Foto do autor

38-39| DAC Marco Godinho, 2010 com base num levantamento de LOPES, Anaísa

40-42| Foto do autor

43| DAC Marco Godinho, 2010 com base num levantamento de LOPES, Anaísa

44| DAC Marco Godinho, 2010 com base num levantamento de LOPES, Anaísa

45-46| Foto do autor

47| DAC Marco Godinho, 2010 com base num levantamento de LOPES, Anaísa

48|[http://3.bp.blogspot.com/\\_tAiMfiRR0wA/TFSR1wsF1xI/AAAAAAAAABTA/0bYtnYUEdRY/s1600/d.jpg](http://3.bp.blogspot.com/_tAiMfiRR0wA/TFSR1wsF1xI/AAAAAAAAABTA/0bYtnYUEdRY/s1600/d.jpg)

49|[http://3.bp.blogspot.com/\\_tAiMfiRR0wA/TFSRebm7q4I/AAAAAAAAABSo/2XKyoPnELeE/s1600/a.jpg](http://3.bp.blogspot.com/_tAiMfiRR0wA/TFSRebm7q4I/AAAAAAAAABSo/2XKyoPnELeE/s1600/a.jpg)

50| Foto do autor

51|[http://4.bp.blogspot.com/\\_ePjIFGip98A/RrEO5wt9qdI/AAAAAAAAAE8U/](http://4.bp.blogspot.com/_ePjIFGip98A/RrEO5wt9qdI/AAAAAAAAAE8U/)



oYhcfNd4g0A/s400/alfama.gif

52| <http://www.moinhoda juventude.pt/album/Bairro/index.html?detectflash=false&>

53| <http://www.traveladventures.org/continents/europe/images/alfama10.jpg>

54| [http://4.bp.blogspot.com/\\_tAiMfiRR0wA/TFSPqrYb6ul/AAAAAAAAABSI/axCA-EkUoPws/s1600/b.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_tAiMfiRR0wA/TFSPqrYb6ul/AAAAAAAAABSI/axCA-EkUoPws/s1600/b.jpg)

55| PINTO, Teresa Costa - *A Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: O gosto pela casa e o desgosto pelo Bairro*, Sociedade e Território, nº 20,p.38

56| PINTO, Teresa Costa - *A Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: O gosto pela casa e o desgosto pelo Bairro*, Sociedade e Território, nº 20,p. 39

57| <http://www.moinhoda juventude.pt/album/Bairro/index.html?detectflash=false&>

58| Sociedade e Território nº 10/11.p. 88

59| <http://www.covadamoura.pt/index.php/fotos>

60| Sociedade e Território nº 10/11.p. 88

61| [http://2.bp.blogspot.com/\\_BcKnG\\_zCe\\_k/SMpDh5RuKjl/AAAAAAAAAJkg/hS-0LeZfluU/s1600-h/23710003.JPG](http://2.bp.blogspot.com/_BcKnG_zCe_k/SMpDh5RuKjl/AAAAAAAAAJkg/hS-0LeZfluU/s1600-h/23710003.JPG)

62| [http://4.bp.blogspot.com/\\_BcKnG\\_zCe\\_k/SMpEDiDFYUI/AAAAAAAAAJlw/tjF0yrWiz-c/s1600-h/23770017.JPG](http://4.bp.blogspot.com/_BcKnG_zCe_k/SMpEDiDFYUI/AAAAAAAAAJlw/tjF0yrWiz-c/s1600-h/23770017.JPG)

63| Costa, Augusto Vaz, Sociedade e Território nº21, p.72

64| <http://www.buala.org/sites/default/files/imagecache/half/1milhao3.jpg>

65| [http://www.isocarp.org/uploads/media/Winning\\_Entry\\_2006\\_Brandao\\_Alves\\_-\\_Maputo\\_paper\\_01.pdf](http://www.isocarp.org/uploads/media/Winning_Entry_2006_Brandao_Alves_-_Maputo_paper_01.pdf).

66| <http://www.scribd.com/doc/31027575/Planejamento-Urbano>

67| <http://www.scribd.com/doc/31027575/Planejamento-Urbano>



68| <http://www.scribd.com/doc/31027575/Planejamento-Urbano>

69| <http://www.buala.org/sites/default/files/imagecache/full/1milhao4.jpg>

### **Referências electrónicas**

WWW:<URL: <http://www.scribd.com/doc/31027575/Planejamento-Urbano>>

WWW:<URL: <http://www.covadamoura.pt>>

WWW:<URL: <http://www.moinhodajuventude.pt>>

IHRU- Localização e enquadramento [Em linha] [Consult. em Novembro 2010]. Disponível em: WWW:<URL: [http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs\\_pdf\\_ibc/docs\\_cova\\_moura/I\\_Localizacao\\_enquadramento\\_cova\\_moura.pdf](http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs_pdf_ibc/docs_cova_moura/I_Localizacao_enquadramento_cova_moura.pdf)>

IHRU- Caracterização urbanística e acessibilidades [Em linha] [Consult. em Novembro 2010]. Disponível em: WWW:<URL: [http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs\\_pdf\\_ibc/docs\\_cova\\_moura/III\\_caracterizacao\\_urbanistica\\_acessibilidades.pdf](http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs_pdf_ibc/docs_cova_moura/III_caracterizacao_urbanistica_acessibilidades.pdf)>

IHRU- Emprego e actividades económicas [Em linha] [Consult. em Novembro 2010]. Disponível em: WWW:<URL: [http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs\\_pdf\\_ibc/docs\\_cova\\_moura/IV\\_Emprego\\_Actividades\\_Economicas.pdf](http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs_pdf_ibc/docs_cova_moura/IV_Emprego_Actividades_Economicas.pdf)>

IHRU- Tecido associativo e oferta cultural [Em linha] [Consult. em Novembro 2010]. Disponível em: WWW:<URL: [http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs\\_pdf\\_ibc/docs\\_cova\\_moura/V\\_tecido\\_associativo\\_oferta\\_cultural.pdf](http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs_pdf_ibc/docs_cova_moura/V_tecido_associativo_oferta_cultural.pdf)>

IHRU- Situação Urbanística e Fundiária [Em linha] [Consult. em Novembro 2010]. Disponível em: WWW:<URL: [http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs\\_pdf\\_ibc/docs\\_cova\\_moura/VI\\_Sit\\_fundiaria\\_urbanistica.pdf](http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs_pdf_ibc/docs_cova_moura/VI_Sit_fundiaria_urbanistica.pdf)>

IHRU- SWOT Final [Em linha] [Consult. em Novembro 2010]. Disponível em:



WWW:<URL: [http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs\\_pdf\\_ibc/docs\\_cova\\_moura/VII\\_swot\\_final.pdf](http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs_pdf_ibc/docs_cova_moura/VII_swot_final.pdf)>

IHRU- Dimensão Socio-Demográfica [Em linha] [Consult. em Novembro 2010]. Disponível em: WWW:<URL:[http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs\\_pdf\\_ibc/docs\\_cova\\_moura/II\\_Dimensao\\_Socio\\_Demografica.pdf](http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs_pdf_ibc/docs_cova_moura/II_Dimensao_Socio_Demografica.pdf)>

COELHO, António J. M. Baptista - Arquitectura e Habitação: velhos aliados – a Arquitectura e o Problema Português da Habitação. Infohabitar – Revista do grupo habitar, 01 Agosto 2008. WWW:<URL: <http://infohabitar.blogspot.com/2008/08/arquitectura-e-habitao-velhos-aliados.html>>

COELHO, António J. M. Baptista -« O bom-habitar I: uma introdução ao bom-habitar do bairro, da vizinhança e do edifício», Infohabitar - Revista do grupo habitar, 10 Agosto 2008- WWW:<URL: <http://infohabitar.blogspot.com/2008/08/o-bom-habitar-i-uma-introduo-ao-bom.html>>

COELHO, António J. M. Baptista -O bom-habitar II: alguns comentários iniciais e algumas perplexidades», Infohabitar - Revista do grupo habitar, [Em linha] 18 Agosto 2008- WWW:<URL: [http://infohabitar.blogspot.com/2008/08/o-bom-habitar-ii\\_18.html](http://infohabitar.blogspot.com/2008/08/o-bom-habitar-ii_18.html)>

COELHO, António J. M. Baptista., Infohabitar - Revista do grupo habitar, [Em linha] -WWW:<URL: <http://infohabitar.blogspot.com/2008/07/integracao-da-habitacao-social-i.html>>

COELHO, António J. M. Baptista., Infohabitar - Revista do grupo habitar, [Em linha] -WWW:<URL: <http://infohabitar.blogspot.com/2008/07/integracao-da-habitacao-social-ii-integracao.html>>

COELHO, António J. M. Baptista. , Infohabitar - Revista do grupo habitar, [Em linha] -WWW:<URL: <http://infohabitar.blogspot.com/2007/03/sobre-o-bairro-de-alvalade-de-faria-da.html>>

COELHO, António J. M. Baptista. , Infohabitar - Revista do grupo habitar, [Em



linha] -WWW:<URL: <http://infohabitar.blogspot.com/2008/08/o-bom-habitar-i-uma-introduo-ao-bom.html>>

## Habitantes da Cova da Moura são cerca de 5 mil

### • De onde vieram?

Um levantamento da população efectuado em 1982 dava como existentes 890 edifícios e correspondentes 3 600 habitantes. Em 1987, um inquérito efectuado por alunos de arquitectura dá como existentes no bairro cerca de 5 mil habitantes. Do inquérito aparece que a dimensão média da família é de 3 ou mais pessoas por fogos. É que o rendimento mensal médio é relativamente baixo.

### Naturalidade

Das raparigas são originárias perto de 60% das estudantes. A maioria (55%) é de Cabo Verde. Do País, vizinhos da Nogueira e Centro 28,7% e do Distrito de Lisboa apenas 9%.

### Composição Etnária

Falta na alocutiva posora, fixação de casas, posora com elevador.

### • Em que trabalham?

Número de filhos. Maior percentagem de homens. Pouca população envelhecida.

### Actividade profissional

População não activa — 16,3%  
 14% de crianças  
 4% de reformados  
 58% de estudantes  
 População activa — 34,7%  
 Praticamente todos os chefes de família estão empregados em actividades.

### Sectores de actividade

Secundário — 51,0% (construção civil e indústria transformadora)  
 Terciário — 59,1%  
 serviços pessoais — 12,9%  
 função pública — 9,4%  
 transportes e comunicações — 8,4%  
 comércio e hotelaria — 5,1%  
 outros serviços — 3,9%  
 Desempregados — 8,7%

### Quarteirão africano e quarteirão europeu

É fácil explicar por que é que os dois tipos de ocupação se encontram na Cova da Moura: um de tipo bairro europeu, outro de tipo africano. Este, com pequenas intervenções entre as casas e com uma arquitectura algo simples dos casos. Tal facto, bem, está afectado pelos efeitos que estimulam a recuperação do bairro, mas também da ocupação diferenciada por parte de instituições de origem africana.

no na década de 70 e europeia desde o início. Tal é qual como se deve por exemplo os diferentes recursos e uso cultural diferente de parte a parte; por exemplo, a existência ou não de viaturas, a necessidade de mais intenso comércio etc. Daí nascem a presente situação: quarteirões europeus e quarteirões africanos.



4.11.88

Há no bairro gente capaz para a mudança!

## Na maior parte as casas são de 1 piso, habitadas por 1 família

Os estudos feitos dizem que na Cova da Moura mais da metade dos edifícios são de alvenaria, com um piso, e habitados por uma só família.

Por outro lado, ao que se estima, boa parte do aumento de ocupação pelos já residentes visa solucionar problemas de falta de habitação de familiares, filhos que vão casar e outros.

### Tipologia de construção

- Edifícios em alvenaria — 47%
- Edifícios abarracados — 49%
- Barracão — 10%

Tendência para a transformação de barracões em edifícios abarracados. É de notar que estes ou mesmo os de alvenaria não atingem os "standards" mínimos.

### Tipologia por pisos

- Casas isoladas em banda — 95,0% (inclui barracões, 1 ou 2 pisos)
- Casas com mais de 2 pisos — 4,2%  
 Devido à necessidade de reserva de alguns terrenos ainda livres (p. equipamento e vias), a tendência é para a subida em altura — regra comprimetétrica, quer pela falta de estradas, quer pela má qualidade de construção.
- 1 piso — 57,9%
- 2 pisos — 26,5%
- 3 pisos — 3,6%
- 4 pisos — 0,6%

### Tipologia por fogos

- 3,0% dos edifícios não têm a função habitacional dos restantes.
- 78,2% — unifamiliar
- 21,8% — plurifamiliar (53,2% são bifamiliares).

Como a ocupação já consolidada apenas permite a evolução em altura, consequência natural da pressão exercida pela procura de habitação, a construção visa — fonte de rendimento complementar — solucionar problemas familiares (filhos que vão casar, etc.).

**Cova da Moura**  
**Um bairro — uma história**

As primeiras construções da Cova da Moura — barracas em madeira —, datam de 1960. Foram essencialmente construídas por antigos trabalhadores agrícolas da Quinta do Ouriço, ou por habitantes de bairros em condições, que ali tinham as suas hortas, e utilizavam as barracas para guardar alguns utensílios de trabalho. Passo a passo, tudo se transformou em habitação e ocupação intensa e densa do terreno. Entretanto, muitas barracas vão aparecendo e as que já existiam evoluem conforme os recursos da família.

Faz-se seguinte o edifício alvaratado ou mesmo o de alvenaria que hoje predominam.



**Evolução da ocupação do terreno**

**1960**

- Existem barracas de madeira dispersas.
- 2 núcleos em, junto à Quinta do Ouriço constituído por antigos trabalhadores agrícolas da Quinta. Foi-lhes concedida em alternativa permissão para construírem e ocuparem barracas nas imediações Ouriço, junto à actual Av. da República (Aloj da Cova da Moura). Amiga pedreira.
- Agricultura a tempo parcial, de complemento.

**1974**

- Principal desenvolvimento do bairro: início.
- 3 zonas de ocupação:
  - zona 1
  - barracas com pequenos hortas
  - barracas amateiradas.

**1975**

- A CMO iniciou a operação de análise da situação.

**1975-76**

- Grande surto de ocupação dos terrenos.
- Chegada dos rematados das ex-colónias, seguida da chegada dos Cabo-verdianos.
- Começa a surgir a taxa de alvenaria até ao nível familiar.

**1977**

- Inicia-se a colocação de energia

elétrica.

- 1 de Setembro: a CMO delibera a recuperação das construções.

**1978**

- Formou-se a 1.ª Comissão de Moradores constituída maioritariamente por população originária das ex-colónias (Angola, nessa altura).

**1979**

- Redes de água e esgotos concluídas em 1980.

**1981**

- 28 de Outubro: Reunião da C.M.A. deliberou a execução do Relatório Preliminar no âmbito do disposto no artigo 4.º do D.L. 804-76, de 6 de Novembro.

**1982**

- 8 de Set.: informação do SPMU sobre a apropriação do terreno por entidade pública, e competência com a Faculdade Nacional, de modo a negociar a aquisição ou cedência do terreno.

- 5 de Nov.: a CMA requer ao Governo a posse administrativa do prédio localizado na Cova da Moura, com 113 hectares.

**1982-83**

- De Out. a Março de 83: Elaboração do Relatório — concluído por um diagnóstico da situação edificada, e por um inquérito sócio-económico.



**Cova da Moura**  
**Um bairro — uma história**

As primeiras construções da Cova da Moura — iniciadas em meados de 1960. Foram essencialmente concebidas por antigos trabalhadores agrícolas da Quinta do Outeiro, ou por habitantes de bairros circundantes, que ali tinham as suas hortas, e utilizavam as barracas para guardar alguns utensílios de trabalho. Passa o tempo, tudo se transforma em habitação e ocupação intensiva e densa do terreno. Eram assim, outras barracas vão aparecendo e as que já existiam evoluem conforme os recursos da família. Faz-se, portanto, o edifício abarçante, ou mesmo o de alvenaria que hoje predominam.

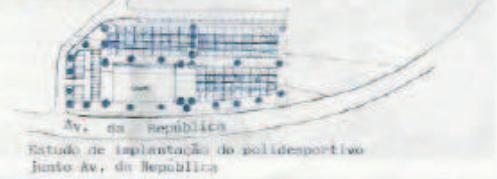


**Evolução da ocupação do terreno**

- 1960**  
— Existem barracas de madeira, de pau a pau.  
2 adições em, junto à Quinta do Outeiro constituído por antigos trabalhadores agrícolas da Quinta. Foi-lhes concedido em alternativa, permissão para construírem e ocupar barracas nas introduções. Outro, junto à actual Av. da República (Aloj da Cova da Moura). Amizade jurídica.  
— Agricultura a tempo parcial, de complemento.
- 1971**  
— Principal desenvolvimento do Bairro: início 3 zonas de ocupação: - rural - hortas com pequenas hortas - barracas abandonadas.
- 1975**  
— A CMO iniciou a operação de análise da situação.
- 1975/76**  
— Grande surto de ocupação dos terrenos. Chegada dos retornados das ex-colónias, seguida da chegada dos Cabo-verdianos. Começa a surgir a casa de alvenaria em 4 ou 5 pisos-familiares.
- 1977**  
— Início-se a colocação de energia.

- 1978**  
— 1 de Setembro: a CMO deliberou a recuperação das construções.
- 1978**  
— Formou-se a 1.ª Comissão de Moradores composta majoritariamente por população originária das ex-colónias (Angola, Moçambique).
- 1979**  
— Redes de água e esgotos concluídas em 1986.
- 1981**  
— 25 de Outubro: Reunião da C.M.A. deliberou a execução do Relatório Preliminar no âmbito do disposto em articulado ao D.L. 994/76, de 6 de Novembro.

- 1982**  
— 8 de Setembro: informação do SPTI propõe a expropriação do terreno por utilidade pública, e contacto com a Fazenda Nacional, de modo a negociar a aquisição ou expropriação do terreno.  
— 5 de Novembro: a CMA requer ao Governo a posse administrativa do prédio localizado na Cova da Moura, com 11,1 hectares.
- 1982/83**  
— De Outubro a Março de 83: Elaboração do Relatório — constituído por um diagnóstico da superfície edificada, e por um inquérito socio-económico.



8      Separata Cova da Moura

---

### Modelação do espaço

**QUARTEIRÃO EUROPEU**  
 Os padrões de cultura dos ocupantes impõem regras diferentes, dão origem a melhores categorias, similares à do quartelão, onde prevalece a sua deficiente pelo alinhamento das casas, que é sobretudo influenciada pelo veículo.

**QUARTEIRÃO AFRICANO**  
 Os ocupantes apropriam-se de todo o espaço intersticial, o que se traduz no seu sistema — a casa mural não se juntando os arcos — para acomodar as pessoas em espaços cada vez menores.









### Gabinete Técnico da Cova da Moura



**Objetivos**

- Programar ações que visem a recuperação do bairro;
- Elaborar estudos de ocupação tendo em conta o nível de qualidade;
- Proceder ao acompanhamento técnico das construções em curso com estabilidade;
- Interferir sobre os fluxos de água e luz;

**Preocupações**

- Cortejo das construções

- Controlar e evitar a especulação da subida de preços para alugar a venda;
- Melhorar as condições gerais de salubridade e funcionamento do bairro.

**Horário de funcionamento:**  
 9h às 12:30  
 14h às 17:30

**Atendimento do Vereador:**  
 Manuel Vieira  
 1ª quarta-feira de cada mês.

4.11.88

**Antes de proceder a obras, consulte o Gabinete Técnico!**

GIBPT/C.M. ANA/DORA 1 2.000 exemplares

# ANEXO V

## Aspectos Positivos

